

**Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Escola de Música
Programa de Pós- Graduação em Música**

**A Romaria do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé
(Rondônia): uma etnografia do significado musical**

Hágner Malon da Costa Silva

Belo Horizonte

2014

Hágner Malon da Costa Silva

**A Romaria do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé
(Rondônia): uma etnografia do significado musical**

**Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da
Escola de música da Universidade Federal de Minas
Gerais, como requisito à obtenção do título de Mestre
em Música**

Área de concentração: Música e cultura

Orientadora: Profª Drª Rosângela Pereira de Tugny

Belo Horizonte

2014

Ao meu grande amigo:

Saturnino Ribeiro

Agradecimentos

Todo texto é uma construção coletiva, então vale a pena agradecer algumas pessoas que foram fundamentais neste trabalho.

Em primeiro lugar agradeço a Deus (mil perdões a todos os que não acreditam). Este trabalho também não seria possível sem a ajuda da minha preciosa família: Guimária (mãe). Mãe, obrigado pelo apoio financeiro, apoio moral e pela sua presença divina em minha vida. Douglas você é o melhor irmão do mundo.

Vale apenas também registrar a presença de outros parentes especiais: Juliana (prima genial), Daiana, Tia Rosaria, Tia Ana, Tio Fernando, Tia Melinha (Amélia), Fabricio e Guilherme.

Valeu Alexandre pelo apoio.

José Joaci Barbosa, eterno amigo.

Separei um parágrafo especial pra agradecer a este incrível pessoa, sempre companheira, amiga e divina: Tia Rita.

É a vez dos colegas de mestrado: Lucia Vulcano, Felipe Generoso, Arthur Vinicius, Clarita, Kênia Werner, Rubens, Gustavo, Alan (secretário do mestrado), entre outros.

Uma saudação especial a Glaura Lucas. Glaura te agradeço pelo imenso apoio e paciência em me ouvir e ajudar.

Agradeço imensamente a minha orientadora: Rosângela Pereira de Tugny. Você teve um papel fundamental no desenvolvimento deste trabalho.

Um “Salve” para todos os meus amigos da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé. Vale citar aqui alguns dos nomes desses anjos que

viabilizaram esta pesquisa: Marcos, Beth Brito, Cabeça, Chico Território, Zé Nóbrio, Saturnino Ribeiro, Procópio Gomes e Dionísio Faustino.

Um agradecimento especial para Carolina Cuellar Añez. Sua presença na minha vida é um grande presente e é um privilégio imenso ter sua companhia, muito obrigado pela ajuda no inglês.

Para não cometer nenhuma injustiça quero declarar, _____, muito obrigado.

Pra terminar, vou registrar o nome desse cara que sempre esteve do meu lado nos momentos de solidão, me ajudando a ver que a vida vale a pena ser vivida. Valeu, BATMAN.

Resumo

A Romaria do Divino acontece anualmente no interior do estado de Rondônia. Esta peregrinação fluvial tem a missão de visitar todas as localidades da região do Vale do Guaporé, são 45 dias de grande festa religiosa, feita com muita fé e devoção.

Os festejos envolvem uma grande quantidade de pessoas e existe uma estrutura de barcos e um pessoal específico para cumprir com a missão. Todos os custos são financiados pelos fiéis, através de uma junta administrativa.

Este trabalho é uma descrição etnográfica da jornada do Divino ocorrida entre o mês de Abril até o final de maio. desenvolvidas em diálogo com outras etnografias e trabalhos teóricos.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura. 1	10
Figura. 2	11
Figura. 3	26
Figura. 4	27
Figura. 5	28
Figura. 6	29
Figura. 7	31
Figura. 8	33
Figura. 9	35
Figura. 10	42
Figura. 11	51
Figura.12	63
Figura. 13	78
Figura. 14	82
Figura. 15	105
Figura. 16	106
Figura. 17	107
Figura. 18	108
Figura. 19	109
Figura. 20	109
Figura. 21	111
Figura. 22	117

SUMARIO

1. Introdução	9
2. As Irmandades	24

3. As Embarcações	26
3.1 Membros da Comunidade	32
4. Os dias de caminhada.....	34
4. 1 Leis de conduta.....	44
4.2 O Divino na comunidade.....	47
4.3 Novena.....	47
4.4 Visita às casas.....	48
4.5 A vigília.....	51
4.6 A alvorada.....	52
4.7 Os grupos indígenas.....	55
4.8 Chegada noturna	58
4.9 Costa Marques.....	62
4.10 Um momento inédito e a chegada pela estrada.....	78
4.11 A reserva biológica e o gesto emocionado.....	80
5. Pedras Negras.....	85
6. Os preparativos para os festejos.....	96
7. Os sons do Divino.....	111
7.1 O papel dos foliões.....	113
7.2 O canto dos remeiros.....	118
7.3 O uso da repetição nas novenas do Divino.....	129
8. O trabalho percussivo.....	134
9. O capricho.....	142
10. Oralidade x escrita.....	143
11. O adeus.....	146
12. Referências bibliográficas.....	149
13. Léxico.....	150

1. Introdução

Este é um trabalho etnográfico sobre a Romaria do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé. É um desafio e tanto seguir a trilha deste Santo¹. O Divino é histórico e esteve presente nas dores e aflições de muitos que sustentaram e ainda sustentam a devoção. A etnografia se concentra em descrever um fato observado por alguém, sendo assim, este trabalho é um relato com focos específicos. O primeiro deles é escrever sobre o evento em si, ou seja, uma visão geral do que é a Romaria do Divino², em seguida pretendo focar nos fatores musicais e refletir sobre o papel social que a sonoridade ocupa no conjunto de toda a Romaria.

O Vale do Guaporé continua sendo um “livro” repleto de diversidade étnica e cultural. Existe um grande território com intensa atividade social. Durante dias testemunhei verdadeiras histórias sobre antigas festas e movimentação de pessoas, alguns diziam: “Olha antigamente esta região era muito bem habitada e sempre nos reuníamos com os compadres para contar histórias.”

“No começo, só existia a floresta, o rio, os habitantes que aqui viviam e o Divino para nos ajudar.” Esta frase do Seu Chico Território, desperta a atenção para a importância da Romaria³ do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé. Uma peregrinação religiosa (Romaria fluvial) que acontece no interior do estado de Rondônia (Vale do Guaporé), durante 45 dias, sempre nos meses de abril, maio e ocasionalmente junho. Uma equipe é responsável por levar o Santo para ser cultuado nas comunidades que vivem à beira do Rio Guaporé. Obviamente existe um percurso que deve ser cumprido à risca, de acordo com os horários planejados por um corpo administrativo formado por devotos dedicados.

A história do Divino é caracterizada pela coexistência de populações negras, indígenas, bolivianas e européias. (Fig. 1)

¹ Os devotos nomeiam o Divino de várias formas. Uns chamam de Coroa, em referência ao símbolo máximo da divindade e outros preferem dizer que estão na presença do Santo. Estes nomes se referem à pessoa do Senhor Divino Espírito Santo.

² Na página 150 há um Léxico, com o significado dos principais termos nativos usados no texto.

³ Quando vão se referir aos 45 de viagem do Divino, os devotos ora falam da missão, ou caminhada e até mesmo o termo Romaria.

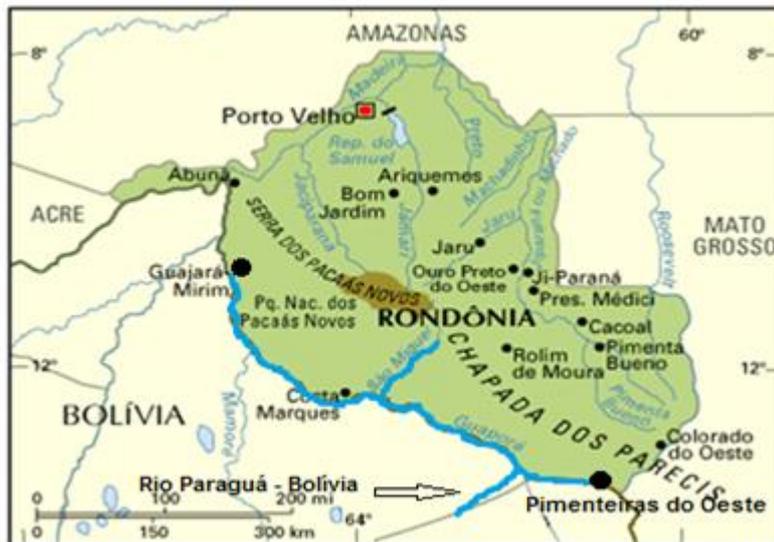


Figura 1 – Mapa do Percurso da Romaria (Rondônia):

- Legenda: A) - Início (Guajará-Mirim).
 B) - Fim (Pimenteiras do Oeste).
 C) - Percurso da Romaria no Rio Guaporé, São Miguel e Paraguá.

FONTE: www.viagemdeferias.com/mapa/rondonia.gif&imgrefurl.

(Houve alteração na ilustração, com acréscimo de legenda e alguns símbolos, para fins didáticos.).

O Vale do Guaporé é uma região de fronteira natural com a Bolívia, através do rio Guaporé. Foi por volta da primeira metade do século XVIII que, segundo Octaviano Cabral, houve grande migração para a região de fronteira. A descoberta de riquezas minerais no Vale e o esgotamento das Minas em Cuiabá motivaram muitos aventureiros a explorar o rio Guaporé em busca de riquezas:

(...) Rodrigo César Menezes, de chegada às velhas minas, determinou ao ouvidor de Cuiabá, José Gonçalves Pereira, que seguisse logo para as novas minas para forçar o aumento da arrecadação e cobrir os déficits do Coxipó. Mas o ouvidor não foi só. Seguiram-no mais de mil e quinhentas pessoas que deixaram Cuiabá transformada em tapera no ano da graça de 1737, gente que se espalhou entre o Sararé e o Galera, fundando inúmeros arraiais auríferos. Era a vitória do Guaporé sobre o Cuiabá. (Cabral, 1963: 6)

A cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade se tornou a capital do estado do Mato Grosso (Fig. 2).

Cabral cita que Vila Bela foi fundada o mais próximo das minas de ouro, a localização privilegiada facilitava a fiscalização do movimento de exploração:

Noventa dias depois, a cavalo, Rolim de Moura seguia para o Guaporé, destinado ao arraial de Chapada de São Francisco Xavier, para instalar, conforme instrução real, a sede da capitania no melhor lugar da região e mais próximo possível das jazidas de ouro em exploração. No afã de encontrar o ponto adequado, subiu e desceu pelo Guaporé e seus afluentes próximos - os rios Sararé, Alegre, Barbados e Capivari, até que resolveu instalar-se em definitivo num rancho de palha à margem direita do Guaporé, no local conhecido por Pouso Alegre e Pôrto da Pescaria. Ali ergueu o pelourinho e improvisou uma capela no porto, declarando em ata a escolha do local com a denominação de Vila Bela, sob a invocação da Santíssima Trindade, em 1752. (Cabral, 1963: 26)

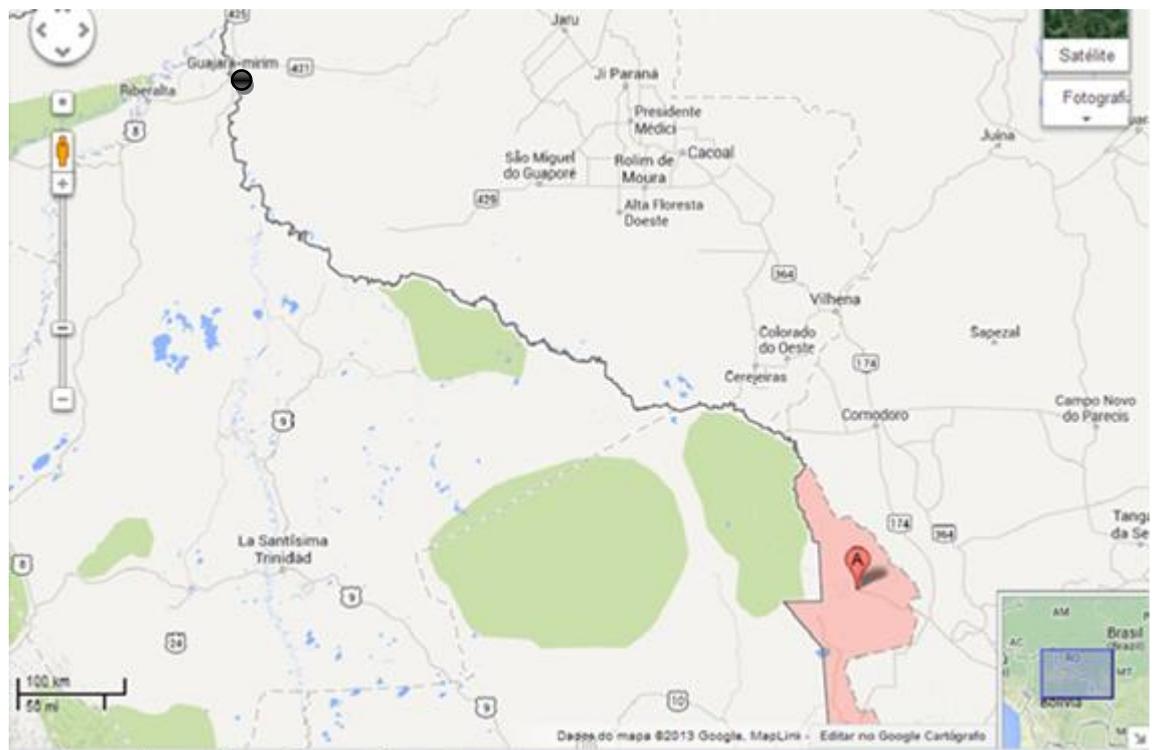


Figura 2 – Mapa da localização da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Legenda: a) A : ponto de referência de Vila Bela.

b) ● : localização de Guajará Mirim.

FONTE: www.maps.google.com.br/maps?q=mapa+de+vila+bela+da+santissima+trindade. (Houve alteração na ilustração, com acréscimo de legenda e alguns símbolos, para fins didáticos.).

O rio Guaporé era visto como porta de acesso aos sertões do Brasil:

E para comprovar que Vila Bela surgira a seu alvedrio e com justeza de escolha, não esquecia a frase do Marquês de Pombal de que o Guaporé era a chave dos sertões do Brasil. A porta era ali onde êle estava no ponto ideal. (Cabral, 1963: 28)

Seria impossível afirmar que o Divino é uma manifestação puramente católica. Toda a história do Vale foi permeada pelo encontro de diferentes povos. Os relatos que se tem notícia retratam o Vale como uma região de grande tensão entre portugueses e espanhóis. Estamos no século XVI:

Por sua vez os castelhanos lutavam para manterem pelo menos o atual Oriente boliviano e o Baixo Paraguai contra a cobiça lusitana ou melhor contra os bandeirantes brasileiros, seus concorrentes no mercado de braço escravo indígena, (...). (Cabral, 1963: 01)

Além de ser ponto estratégico, Rolim de Moura incentivou muitas pessoas a migrar para a sua nova capital, a qual ele chamava de “El Dorado”:

O capitão general por lei ofereceu privilégios aos que se mudassem para a capital, transferiu a própria designação de vila e freguesia de São Francisco Xavier para a sede do governo. Oferecia vantagens aos cuiabanos e escrevia aos protegidos de além mar que viessem para o El Dorado. (Cabral, 1963: 27)

Todos os devotos foram unânimes em me dizer que a Coroa⁴ foi transportada de Vila Bela. Apesar de não ser um relato completo sobre o povoamento da região, o livro de Cabral é base importante. O texto afirma a existência de atividade escravista com indígenas. A obra de Octaviano vai ser permeada pelo contato de estrangeiros, indígenas e negros.

O Vale do Guaporé é repleto de histórias sobre revoltas de escravos que se refugiavam na densa mata para fugir da exploração:

Para aumentar a arrecadação dos quintos era preciso cooperar com os mineradores (proprietários) que adquiriam suas peças (escravos) no mercado de São Paulo, São Vicente, Guaratinguetá, Taubaté, Porto da Estrela e Angra dos Reis e as traziam para as lavras do Mato Grosso, donde com o tempo, além dos mortos pela malária, iam sumindo sem deixar rastros. Aquilombavam-se ao norte das Novas Minas ou juntavam-se, indo pelos campos das Salinas, às malocas dos chiquitos da banda castelhana ou às aldeias das missões. (Cabral, 1963: 38)

⁴ A Coroa é o símbolo máximo do Divino (Fig. 8), ela é feita de prata e está sempre coberta por fitas. Os devotos dizem que é proibido ver a Coroa nua (sem as fitas).

Os índios eram vítimas da exploração dos missionários jesuítas e muitos tinham de migrar para outras aldeias:

Pelo Tratado de Madrid os jesuítas no Guaporé-Iténez desocupariam a aldeia de Santa Rosa e os índios podiam optar por uma ou outra banda, cláusula que importaria, como de fato, por falta de controle luso, na total submissão dos índios que acompanharam os padres a estes ligados por longa e paterna convivência. (Cabral, 1963: 30)

Durante a viagem, tive contato com pessoas dos mais diversos lugares, ou seja, uma hora estava em uma aldeia indígena e em seguida almoçava numa fazenda de imigrantes⁵.

As influências foram percebidas principalmente na culinária, com a chicha (bebida boliviana a base de milho cozido), os pratos de carne de caça (especialmente na mesa dos índios) e os bolos de arroz servido principalmente nos remanescentes quilombolas.

Infelizmente os registros históricos são escassos e muito do que se aprende do passado é através de conversas com pessoas de famílias tradicionais. Os indígenas e negros detêm grande parte do conhecimento sobre os diversos momentos da ocupação dos territórios no Vale.

Atualmente os indígenas vivem nas Tis (Terras Indígenas), estes terrenos foram demarcados pelo Governo Federal. Na região do Vale há duas Tis: Rio Guaporé e Sagarana.

A primeira tem dimensão de 115.788 ha e conta com as seguintes etnias:

Povo	Família	Língua
------	---------	--------

⁵ Não encontrei estudos que esclareçam de forma sucinta as diversas etapas de ocupação do Vale do Guaporé que levaram diferentes grupos. Os dados mais frequentes referem-se aos negros e europeus que trabalhavam na extração de ouro. Além deste contingente houve migração expressiva de pessoas de outras regiões do país, principalmente nordeste e sul. No decorrer da viagem pela região, eu me encontrei com pessoas que vieram do sul e nordeste ou são descendentes de imigrantes destas e outras regiões do país. A outra grande incógnita é sobre as etnias indígenas que viviam no Vale, não há dados que possam proporcionar estas informações, ou se existir, essas estatísticas não chegaram ao meu conhecimento.

	Linguística	
Aikanã	Aikaná	Aikaná
Arikapú	Jabuti	Arikapú
Aruá	Mondé	Aruá
Djeoromitxí	Jabuti	Arikapú
Kanoê	Kanoé	Kanoé
Kujubim	Txapakura	Kujubin
Makurap	Tupari	Makurap
Sakurabiat	Tupari	Sakirabiár
Tupari	Tupari	Tupari
Wajuru	Tupari	Tupari
Wari'	Txapakura	Wari (Pakaá Nova)

Todos os dados sobre os territórios indígenas foram retirados do endereço: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/terras-indigenas/demarcacoes/localizacao-e-extensao-das-tis>.

De acordo com o ISA (Instituto Sócio Ambiental) este território conta com 589 habitantes.

Os povos de Sagarana estão alojados em um território de 18.120 há. No cronograma da caminhada estão registradas três aldeias: Sagarana, Ricardo Franco e Baía das onças. Nas fontes oficiais, não constam os territórios de Ricardo Franco e Baía das Onças, mas acredito que estes estejam divididos na Ti do Rio Guaporé. Essa hipótese pode ser plausível por se tratar de uma área de grande extensão.

São dois os remanescentes quilombolas, que ainda estão em processo de reconhecimento de área pelo INCRA:

Comunidade	Município	Area-(ha)
Pedras Negras	S.Francisco do Guaporé e Alta Floresta	43.911,1000

	D'Oeste	
Santo Antônio	S.Francisco do Guaporé	41.600,0000

Todos os dados sobre os territórios quilombolas foram retirados do endereço:<http://www.incra.gov.br/index.php/estrutura-fundiaria/quilombolas/file/111-andamento-dos-processos-quadro-geral>

A Missão do Divino passa por 32 localidades durante 45 dias, numa área de aproximadamente mil quilômetros de rio em fronteira com a Bolívia (Fig. 1).

De acordo com os documentos históricos publicados pelo Conselho Geral da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé, a Romaria do Divino possui 118 anos de história:

Em 1984, o cuiabano Manoel Fernandes Coelho, trouxe de Vila Bela da Santíssima Trindade da antiga capital de Mato Grosso a Coroa de prata, que simbolizava o Sr. Divino Espírito Santo, para que fosse venerada pelos fiéis no Vale do Guaporé. (Conselho Geral da Irmandade do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé. Costa Marques, Rondônia: 2006)

A primeira Romaria foi celebrada no dia 20 de maio de 1894 em uma localidade chamada, “Vila Ilha das Flores”. No período que vai de 1894 a 1932, os festejos foram realizados somente nesta localidade.

A década de 30 foi o período de início da peregrinação fluvial da Coroa na região do Vale. Este percurso se iniciava na comunidade de Tarumã e terminava em Rolim de Moura:

Já em 1933 teve início a peregrinação no Vale do Guaporé na comunidade de Tarumã a Rolim de Moura do Guaporé. Daí então o Bispo Dom Rey,[sic] que o mesmo orientou a criação dos Estatutos do Festejo do Sr. Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, no dia 20 de maio de 1934. Em Pedras Negras no dia 23 de maio de 1937 foi realizado o primeiro Festejo do Sr. Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé.(Conselho Geral da Irmandade do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé. Costa Marques, Rondônia: 2006)

No rio Guaporé, as populações sobrevivem de diversas maneiras, que vão desde o funcionalismo público até os pequenos agricultores. Há aqueles que

sobrevivem como autônomos, fazendo pequenos serviços nas fazendas, além dos pequenos empresários que vivem do turismo. Neste caso a grande maioria são brasileiros. Os bolivianos, geralmente trabalham nos pontos turísticos e na atividade agrária. Nos remanescentes de quilombos, a sobrevivência é garantida pelo comércio de castanha, e a atividade turística.

As aldeias mantêm acordos com o governo federal para manter o sustento, mas existem os índios que vendem seus artesanatos e trabalham no cultivo de banana e castanha. Nas cidades em que visitei, pude ver devotos que tinham seus pequenos empreendimentos comerciais, e muitos até doavam valores e alimentos para a viagem do Divino. Durante a Missão, pessoas vinham de fora especialmente para a Romaria, muitos provenientes da Região sudeste do Brasil, já outros brasileiros chegavam de outras cidades do estado, além dos bolivianos vindo de Santa Cruz de la Sierra e outras pequenas cidades do Departamento do Beni.

Na ocasião de minha viagem, as pessoas da equipe do barco eram trabalhadores de atividades agrícolas. Já outros eram pedreiros, ajudantes de serviços gerais e trabalhadores do setor turístico. Os devotos que tinham mais posses não estavam ligados a qualquer atividade na Romaria, eles apenas ofereciam refeições e doavam quantias em dinheiro para as irmandades. Esta era uma característica da vida social no vale do Guaporé, ou seja, as pessoas de grandes posses financeiras sempre doavam valores e alimentos. Os devotos de classe média e os de menos poder aquisitivo eram os que sustentavam as atividades da Romaria. Vale dizer que essa classe média é em grande maioria, funcionários públicos federais antigos que possuem pequenas propriedades.

Em algumas situações vinham visitantes de fora para trabalhar na equipe do barco, em minha viagem tinham dois visitantes, um era vigilante e trabalhava na cidade de Guarajá Mirim (Rondônia) o outro era funcionário de uma fazenda próximo a cidade de Porto Velho, capital de Rondônia.

A minha história com o Divino começou nas aulas de história do ensino médio, que eram ministradas por um professor interessado em divulgar as manifestações culturais do estado. Nessas aulas sempre falávamos de festas

religiosas e fazíamos vários trabalhos de campo em ambientes históricos. O nome da matéria era: “História de Rondônia”.

Em uma dessas aulas fui apresentado com um belo vídeo sobre a Romaria do Divino do Vale do Guaporé. Logo após o término, eu me vi com uma mistura de sentimentos de admiração e curiosidade em conhecer e conviver com todos os encantos que são os 45 dias de caminhada do Divino Espírito Santo. Os detalhes musicais eram os que me chamavam a atenção, além do relevante papel que o aspecto rítmico ocupava no conjunto da paisagem sonora. Uma semente foi lançada e permaneceu em minha mente por toda a vida.

Em seguida cursei a faculdade de história. Esta graduação foi uma oportunidade para melhor estudar o estado de Rondônia. Foi nesta época que percebi a carência de estudos sobre a sociedade e cultura rondoniense, ou seja, muita coisa ainda estava por fazer e, como nativo me senti seguro no desejo de conduzir este trabalho.

A música me chamou a atenção, devido à minha estreita ligação com a atividade musical, com a qual sempre estive em companhia desde a infância. Eu cresci em um ambiente musical, meu pai era músico e pastor em uma Igreja protestante. Desde cedo, tocava bateria e percussão nos eventos religiosos. Além de tocar, tinha contato com comunidades ribeirinhas que viviam na região do Rio Madeira, minha infância foi acompanhando meus pais nestes lugares, tão importantes para a minha formação.

A Romaria não é um evento fácil de analisar. A riqueza de detalhes, a pluriétnica e a grande extensão do território são alguns fatores que alertam para a complexidade nas reflexões teóricas.

O trabalho de campo durou aproximadamente três meses. No mês de março cheguei em Costa Marques e finalizei as atividades de campo no final de maio de 2012. Neste tempo, tive o privilégio de acompanhar a preparação, o desenvolvimento da Romaria e os acertos no encerramento das atividades.

O saldo foi um grande volume de material áudio visual e um caderno de campo repleto de descrições e ideias para a etnografia.

Antes de iniciar os trabalhos de escrita, dividi o material por eixos temáticos, ou seja, separei uma pasta para cada localidade e assim fui adicionando as filmagens e também as principais informações coletadas. Em seguida iniciei os trabalhos de escrita. Nesta fase procurei descrever os dados de acordo com a ordem cronológica dos acontecimentos, sendo assim organizei os escritos da seguinte maneira: os preparativos, o curso de toda a caminhada e os procedimentos de finalização da Romaria.

O material áudio visual foi fundamental para a construção da descrição, as imagens despertavam minha memória para os pequenos detalhes que marcaram cada lugar por onde passei. O caderno de campo também trouxe lembranças de fatos que me chamaram atenção. Na verdade o processo de construção do texto foi uma forma de reviver todas as experiências na Missão.

Os debates teóricos foram desenvolvidos com base nos dados do trabalho etnográfico. As pesquisas resultaram em questões complexas que precisavam de respostas.

Diante da escassez de trabalhos etnográficos sobre o Vale do Guaporé, procurei usar etnografias de povos que habitam em contextos culturais muito contrastantes com a realidade do Divino. Esta atitude pode parecer arriscada, mas é um risco que se deve correr, principalmente quando se deseja falar de uma sociedade ainda inédita nos meios acadêmicos. A ideia principal é de apenas chamar a atenção para alguns aspectos da Missão. Neste sentido, as fontes teóricas podem ser uma ferramenta importante de auxílio neste fim. Todas são introduzidas com uma descrição prévia, com o propósito de situar estes trabalhos no tempo e espaço. Este comentário pode ser exemplificado da seguinte forma. Uma sociedade X delega um papel importante para a música em sua cosmologia, logicamente haverá todo um contexto para explicar a presença sonora. No outro lado do mundo pode haver outra comunidade que também atribua grande importância ao som, neste caso, o contexto social vai ser o fator que define a diferença dos diferentes usos da atividade sonora. Diante desta “semelhança” o pesquisador pode comparar as duas realidades e comentar sobre os diferentes usos e explicações que cada sociedade pode dar para um mesmo objeto.

Esta é a intenção neste trabalho, comparar diferentes sociedades que possam ter um ponto em “comum”, o uso da atividade sonora com diferentes sentidos e costumes. Esta estratégia não será aplicada somente a música, mas ao uso do tambor e ao trabalho das crianças na Missão. Cada um desses fatores vão ser comparados com diferentes sociedades, sempre tendo o sentido de chamar a atenção para a forma da sociedade Guaporeana explicar a realidade.

Sendo mais específico, o tambor se tornou o meu principal alvo de análise e curiosidade. Isso aconteceu, justamente por perceber o importante papel que a sonoridade deste instrumento tem em todo o conjunto do evento, ou seja, o tambor está presente em praticamente 100% dos atos conduzidos durante a Romaria.

Antes de tudo, procurei conhecer a história e representatividade do Divino. O que vi, foi uma festa com grandeza e organização, além de uma base cultural sólida na mente de populações que ainda habitam a região do Vale do Guaporé. Sem falar no predomínio da tradição oral, tanto na memória histórica, quanto na transmissão dos conhecimentos musicais, que sempre foram transmitidos através da observação e experiência.

Montei esta etnografia por pequenas crônicas, o objetivo é o de me aproximar ao máximo dos eventos e ocasiões que marcaram a minha vivência no campo.

A etnografia começa no meu testemunho pessoal e descreve, passo a passo, as ações que precisei tomar para viabilizar a pesquisa. Em seguida o texto segue para a descrição dos festejos, vale lembrar que procurei seguir todas as etapas, desde a preparação e treinamento da equipe, até os procedimentos finais.

O trabalho vai finalizar com algumas considerações e debates teóricos. Nesta etapa, procurei fazer um diálogo entre a literatura etnomusicológica e as minhas descrições da Romaria.

As páginas que seguem foram complementadas com mapas, fotos e gráficos, para facilitar a compreensão dos escritos. Os relatos ainda contam com um dvd contendo um material áudio-visual de alguns momentos importantes. O dvd-rom que acompanha este trabalho é compatível apenas com o computador e não pode

ser utilizado em aparelho de dvd convencional. Como todo o trabalho é um registro parcial, eu optei por trabalhar com as letras dos cantos juntamente do recurso áudio-visual. Neste trabalho não vi muito proveito em usar transcrição, ou seja, a ideia é conduzir o leitor a outros aspectos do som que não estão presentes em uma transcrição, um desses aspectos é o timbre. Creio que os vídeos vão despertar a todos para a influencia do som no contexto sócio cultural.

Para esta pesquisa organizei uma viagem para a cidade de Costa Marques (sede da Irmandade), buscando estabelecer contato e criar laços de amizade e confiança com a comunidade. A viagem ocorreu com um ano de antecedência ao processo seletivo do mestrado.

Tive o primeiro contato com o presidente do Conselho Geral da Irmandade⁶ do Divino do Vale do Guaporé: Senhor Dionísio Faustino. Nos primeiros encontros minha presença foi vista com muita desconfiança e foi preciso muitas horas de conversas. Durante o ano de 2011, mantive contato, sempre informando sobre os processos de escrita do projeto e ouvindo ideias e propostas. A amizade foi o principal recurso para manter alianças em favor da pesquisa.

A minha aceitação se fez através de uma reunião em que me apresentei para todos os líderes e me comprometi, através de um registro em ata, em dar o retorno de todo o trabalho. Nesta reunião estava presente, o presidente da Irmandade de Costa Marques (sede geral) juntamente com sua equipe administrativa, e o presidente do Conselho Geral das Irmandades do Divino.

A reunião começou com a tomada de decisões sobre certos assuntos burocráticos, em seguida, reservaram um tempo para a minha fala. Nos minutos que se seguiram, resumi toda a minha vida como estudante e testemunhei a minha história de contato com o Divino. Procurei ser claro com todos os passos que seriam tomados até a conclusão dos estudos e com os ganhos que a comunidade poderia obter. Na reunião percebi que os membros procuravam algo concreto, uma proposta que desse segurança de retorno positivo.

⁶. Refiro me aqui à (Irmandade): que é uma organização de moradores, que representa todos os devotos do Divino da comunidade. Este termo é usado pelos próprios devotos. Todas as irmandades, possuem um estatuto, que dita as regras que devem ser seguidas, para todo funcionamento da Romaria. Apesar do nome ser muitas vezes empregado para se referir à Irmandade, existe uma diretoria que é eleita pelos irmãos da Irmandade.

Minha intenção era fazer um registro etnográfico de todo o trajeto da Romaria e posteriormente, entregar este registro aos arquivos da Irmandade como contribuição. Quando acabei de falar, a Irmandade fez uma votação para saber se todos concordavam com minha presença na Romaria. O projeto foi aprovado por unanimidade e felizmente eu estava tendo saldo positivo na construção do relacionamento.

Pouco antes de encerrar a reunião, um membro me relatou: “olha aqui a gente já foi muito prejudicado por pessoas que falavam que iam fazer um trabalho, mas no final de contas nada ficava”. Após a reunião, tive mais liberdade de acesso às pessoas e muitas me convidavam para dar entrevistas e mostrar suas lembranças dos festejos.

Este foi o primeiro passo; - ser autorizado pelas lideranças maiores. O segundo estava para ser tomado: construir um relacionamento com a equipe durante os dias de caminhada.

A Irmandade de Costa Marques, me apresentou à tripulação do barco como professor e universitário que estava em trabalho na Romaria. A mim foi dado um crachá que me identificava como “historiador”. A amizade com os colegas de barco começou nos dias de treinamento, nesses dias procurei participar das conversas e refeições.

Eu não tive dificuldade em me aproximar dos adultos e a minha estratégia principal era sempre ter conversas com cada um, sempre entendendo as diferenças e limitações de todos. A dificuldade maior foi com as crianças, que não tinham familiaridade comigo e, dia a dia, tive de conquistar a confiança de cada um.

Esta etapa é inevitável para o pesquisador. Na verdade este passo pode comprometer todas as etapas do trabalho. Marília Stein (2009) apresenta-nos um exemplo da importância do diálogo e da sensibilidade em perceber a reação das pessoas:

Consciente de minha inevitável “posicionalidade” (Abu-Lughod 1991)⁹ como *kunhã* (mulher), *jurua* e *tudjá* (adultos), ao iniciar a pesquisa, dirigi-me primeiro aos *tudjá* da aldeia, por vários motivos, entre os quais a garantia de comunicação em Português, pois as crianças até a idade escolar costumam

falar apenas sua língua materna, o Guaraní. Nesta etapa, precisava obter o consentimento dos responsáveis para pesquisar entre as *kyringüé* e, antes disso, a aprovação da proposta/da pesquisadora pelo cacique local. Através dos adultos, pensava localizar-me entre famílias, para entender a participação das *kyringüé* na organização social local. Os passos iniciais da entrada em campo me mantiveram a certa distância cultural das *kyringüé*, provavelmente por ter corpo e atitudes de uma pessoa que, além de adulta, era estranha à comunidade e não-indígena, causando em muitas delas certa desconfiança nas primeiras semanas de meu trabalho de campo na Estiva. (Stein, 2009: 14)

É essencial para o pesquisador procurar perceber à forma com que as pessoas interpretam a sua presença. Stein relata que houve certas negociações para a viabilidade da pesquisa. As pessoas são agentes ativos nos trabalhos.

Para o início do trabalho com as crianças Mbyá Guaraní, a pesquisadora se auto – definiu e colocou sua posição suas intenções, criando um relacionamento pessoal com seus interlocutores:

A partir do consentimento pelo cacique para fazer a etnografia na aldeia, e com a proposta do projeto de pesquisa aprovada também por vários pais de parte das *kyringüé*, busquei traduzir meu interesse de estudo para estas crianças - mostrando-lhes imagens que havia feito do *Nhë'ë Ambá* se apresentando e falando-lhes um pouco sobre quem eu era e o que pretendia aprender no nosso convívio. Nesta ocasião, recebi delas o consentimento para dar continuidade à pesquisa. A confiança mútua entre nós aumentou na medida em que nos fomos conhecendo. Aprendi seus nomes e elas o meu, brincamos, trocamos gestos de afeto, compartilhamos refeições e tratamos sobre música elas me ensinando seus cantos e brincadeiras. (Stein, 2009: 15)

O envolvimento pessoal tem o poder de conectar o pesquisador em sua experiência com os eventos em campo, alias o envolvimento pessoal é fundamental e dele surge questões para serem refletidas.

Em outras ocasiões o trabalho em campo se torna imprevisível, as negociações e muitas vezes as condições pessoais e financeiras interferem no emocional de quem pesquisa. Acácio Tadeu Piedade testemunha sobre suas dificuldades:

O contato telefônico com os Wauja viabilizou nossos projetos, pois eles aceitaram a realização de ambas as pesquisas. A partir daí começou uma árdua batalha minha e de Maria Ignez atrás de financiamento. Foram meses

de dificuldade e angústia, mas, afinal conseguimos juntar o suficiente para ir ao Xingu, levando conosco nossa filha Júlia, que na época tinha nove anos. O fato de termos ido em família para o campo facilitou nossa integração com os Wauja, pois, afinal, estávamos nós três lá, a família toda, entregues aos Wauja para que eles nos vissem comer, dormir, rir, ir ao banheiro, discutir, tomar banho, etc. Enfim, estávamos mostrando como realmente somos em casa, sem que faltasse alguém. Isto forneceu uma confiabilidade maior e abriu portas que, de outro modo, ficariam fechadas ou demorariam demais a se abrir. (Piedade, 2004: 9)

Partindo dessas experiências, tenho condições de entender as muitas situações e imprevistos vividos durante a caminhada com o Divino. Na viagem tive de lidar com problemas técnicos, financeiros e pessoais. Cheguei a atuar como mediador em situações de contenda entre os membros da tripulação, além de saber ouvir as críticas e opiniões dos companheiros sobre as filmagens feitas com meu equipamento.

Para participar da tripulação, a Irmandade me colocou como professor das crianças que estariam no barco. Esta tarefa exigiu muito por se tratar de meninos com diferentes níveis de escolaridade, procurei me adequar ao ritmo das atividades no barco para organizar os horários adequados das atividades escolares. A presença de um professor é uma obrigação do conselho tutelar, por que são 45 dias em viagem e os garotos perdem muitos dias de aula.

Para ministrar aulas com qualidade, examinei o cronograma e me concentrei nos dias em que o barco passaria longas horas viajando. É nessas horas que os pequenos tiveram disponibilidade. Durante as aulas procurei usar uma metodologia que priorizava as necessidades dos meus alunos, sendo assim não montei um planejamento e horários de matérias, mas cada aluno tinha o seu ritmo e exercícios específicos. Em algumas aulas eu utilizava exemplos práticos como: demonstrações de química e aulas sobre biologia. O ambiente ao ar livre ajudava aos alunos, mas as aulas não eram tão frequentes. Não exigi muito dos foliões e deixei a mente deles voltada para os trabalhos da Romaria.

A coordenação exigiu um papel ativo durante a caminhada, ou seja, eu tinha a função de filmar e registrar o evento, dar aulas para as crianças e cuidar da manutenção da voadeira do barco que ficou sob minha responsabilidade. Um piloto

foi designado para pilotar a voadeira nas filmagens, e todo o combustível tinha de ser administrado por mim e pelo piloto. Havia um papel criado para mim dentro da Missão com a obrigação de prestar contas de tudo o que foi feito com os recursos utilizados.

Os registros do Divino estão arquivados num escritório na cidade de Costa Marques. Os documentos são pequenas declarações, folhetos e hinários feitos no período dos festejos. Mas existem outros registros que estão na mão de devotos que preservam alguma lembrança. Durante a caminhada eu sempre me deparava com algum registro escrito ou filmado de momentos históricos da Romaria.

2. As Irmandades

De acordo com o documento do Conselho Geral da Irmandade do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé (2003), existem 12 “diretorias” no Vale do Guaporé, sendo que 7 estão no Brasil e 5 na Bolívia. Do lado do Brasil, as principais são: Surpresa, Costa Marques, Pimenteiras, Pedras Negras, Rolim de Moura e Porto Murtinho e Santo Antônio. E do lado boliviano: Remanso, Versalles, Piso Firme, Cafetal, Nova Brema. Além dessas comunidades, existem as pequenas fazendas e povoados que também recebem a presença da Romaria, que são: Boca do Azul, Porto Acre, Lamego, Buena Vista, Santa Fé, Santa Luzia, Santa Izabel, Ecovale, Pau D’oleo, Porto Federico, Matrinchã, Mateguá, Ilha das Flores, Tarumã, As cruz, Laranjeiras, Santa Cruz, Carlinhos, Fazenda 4 Irmãos e Bela Vista.

A cidade de Costa Marques é considerada a sede que representa todas as diretorias. Esta cidade tem este título, pela presença da Basílica do Divino. Este título foi concedido pelo Papa Bento XVI em reconhecimento a tradição:

Art 5º- A Irmandade está formada pelos irmãos, homens e mulheres devotos do Senhor Divino Espírito Santo. A sua sede matriz é o Santuário do Divino Espírito Santo na cidade de Costa Marques, Rondônia. (Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, 2003: 2)

Atualmente as Irmandades do Divino Espírito Santo, são formadas por: Assembleia Geral, Conselho Geral e pelas “diretorias locais das Irmandades constituídas” (Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, 2003: 3).

Sendo presidida pelo Presidente do Conselho Geral, a Assembléia Geral é o órgão de autoridade máxima dentro da administração das Irmandades. A função deste órgão é:

- a) Eleger o Conselho Geral do Vale do Guaporé, que deverá ser confirmado pelo Bispo Diocesano de Guajará Mirim.
- b) Admitir Irmãos, a pedido das Irmandades locais.
- c) Decidir os assuntos principais da caminhada da Irmandade.
- d) Examinar e aprovar o balancete do último exercício encerrado.
- e) Confirmar a localidade onde será realizada a festividade anual.
- f) Reformar o presente estatuto, com aprovação da Autoridade Eclesiástica. (Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, 2003: 3).

A Assembleia Geral tem caráter “legislativo” e é realizada uma vez por ano no final de cada festejo. Nela se reúnem os representantes de todas as Irmandades, para confirmar a localidade⁷ onde será realizado o próximo festejo.

O Conselho Geral fiscaliza o funcionamento das Irmandades e cada presidente tem a obrigação de prestar contas de toda a movimentação financeira. Durante a Assembleia Geral, o Conselho realiza a avaliação da passagem da Romaria em cada local e a partir destes relatórios, são feitas as recomendações para o próximo festejo.

Por se tratar de um sistema de “rodízio”, o barco do Divino tem um ponto de partida e de chegada. Os festejos e a levantada do mastro são realizados na última localidade. Na próxima Romaria, o ponto de partida será justamente onde a Coroa terminou o percurso do ano anterior.

⁷ Localidade é um termo utilizado para se referir às comunidades que vivem à margem do rio, e têm o seu meio de vida ligado à caça, pesca e agricultura. O rio é a principal hidrovia para acesso aos grandes centros e comunidades vizinhas. Outro termo muito usado na região norte para se referir a esses locais é o termo, “comunidade ribeirinha”.

3. As Embarcações

Durante 45 dias a embarcação segue toda a região do Vale do Guaporé, levando a Coroa do Divino para ser venerada por todas as comunidades. A permanência da Coroa em cada comunidade depende da quantidade de moradores. Quando a localidade é pequena a Coroa passa um dia apenas, mas existem locais onde é necessário cinco ou seis dias para atender a programação, conforme nos diz a fala do Seu Dionísio Faustino (Presidente do Conselho Geral):

“Tem lugar que tem só duas casas e poucas pessoas, nesses lugares a Coroa passa, colhe as esmolas e sai no mesmo dia. Antigamente a Coroa ficava até oito dias em cada local, mas o número de Irmandades aumentou e o tempo é pequeno.”



Figura 3 – Embarcações da Romaria: ao lado direito temos o Mestre Tiago e ao lado esquerdo a balsa Dalila.

FONTE: Arquivo Pessoal.

A Romaria é composta das seguintes embarcações: barco motorizado (“Mestre Tiago”), uma chata (que consiste em uma pequena balsa) batizada como- “Dalila”, o Batelão e a tripulação. Durante o ano, todos os barcos (exceto a Carité) ficam ancorados no porto da cidade de Costa Marques (cidade responsável por toda a manutenção) (Fig. 3).

O “Mestre Tiago” é um barco com motor de alta potência que transporta as outras embarcações (anexadas) e é nele que está o gerador de energia. O “Mestre Tiago” é todo pintado de vermelho, azul e branco, cores do Divino. O barco tem um pequeno alojamento e nele ficam hospedados: o comandante do barco, zelador, Alferes da bandeira, encarregado da Coroa e motorista.

A “Dalila” é uma pequena balsa. Ela serve de alojamento, devido ao grande espaço, a balsa ainda comporta a cozinha e banheiro. Existe um porão que serve de depósito para suprimentos. Ela estava pintada de, vermelho, azul e branco.

O “Batelão” ou “Carité”, que para eles quer dizer “igreja”; é onde a Coroa do Divino permanece durante a viagem. É nesta pequena igreja fluvial, que a Coroa é entregue às comunidades. Na Carité, há dois baús que servem para guardar a Coroa e o dinheiro fruto das esmolas oferecidas pelos devotos.



Figura 4 – Batelão do Divino.

FONTE: Arquivo pessoal.

O Batelão é um pequeno barco decorado de vermelho e azul, com uma pequena cobertura feita de palha de broto. Este telhado é chamado de penteado. Durante os 45 dias, o penteado é trocado duas vezes devido ao desgaste das mudanças climáticas.

Na proa da Carité, está escrito a seguinte frase: “Divino Espírito Santo, Creio”. E na parte traseira da embarcação, temos o leme que é comandado pelo encarregado desta função (Fig. 4).

Na ocasião de minha viagem, a tripulação contava com trinta e três pessoas.

A base da Romaria são os *12 Remeiros*. “Remeiros: São promesseiros ou foram sorteados no ano anterior; impulsionam o barco com remadas cadenciadas, usam lenços brancos amarrados na frente” (Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo, 2001: 4). Eles guardam a Coroa durante os plantões e cantam em todas as novenas (Fig. 5). Na ocasião de minha viagem, havia cinco remeiros que eram bolivianos, um indígena da aldeia de Sagarana e os demais eram brasileiros. O perfil profissional era diverso, uns eram agricultores, outros, pequenos empresários que viviam do turismo. No geral, a atividade autônoma nas fazendas e pequenos povoados era a forma de sustento de boa parte de meus companheiros no barco. Muitos na equipe planejavam com antecedência a ida para os 45 dias.



Figura. 5- Imagem da Carité, logo após a saída de uma comunidade.

- a) Os remeiros estão sentados na beira da embarcação.
- b) O salveiro está ajoelhado e o encarregado do Batelão está de pé com colete verde na parte traseira da embarcação.
- c) O Alferes da bandeira também está de pé segurando o mastro com a bandeira ainda enrolada.

FONTE: Arquivo pessoal

O *encarregado da Coroa* é o responsável por guardar este símbolo durante toda a viagem. Além de guardar, ele precisa conferir e administrar todo o dinheiro das esmolas que o Santo recebe, além de zelar pelo bom andamento da Romaria:

Compete à direção imediata da Romaria promover a fiscalização e do bom [sic], andamento, publicar as ordens vindas do Presidente e do Coordenador local, Imperador e Imperatriz, fazendo executar e respeitar conforme o Estatuto: O ENCARREGADO DA COROA, DEVE ACOMPANHAR A COROA; (Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo, 2011: 4)

O *encarregado do Batelão* é a pessoa que cuida da “Carité”, com a manutenção necessária.

Encarregado do Batelão: É um agente de ligação entre o encarregado da Coroa, Alferes da bandeira, e os demais membros da Romaria. Deve comunicar à diretoria da Localidade aonde chegar as ocorrências dos trabalhos, comunicando a hora da chegada e saída de cada localidade, sendo ele responsável de comunicar as ordens recebidas pela diretoria, O ENCARREGADO DO BATELÃO (Carité) DEVE ESTAR SEMPRE NO BATELÃO. Cap. V, art. 37 (Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo, 2011: 4)



Figura. 6- Quarteto de foliões com lenços brancos cobrindo a cabeça.

a) O primeiro e o último da esquerda para a direita estão justamente de braços cruzados, descrevendo a posição citada anteriormente.

FONTE: Arquivo pessoal

O *encarregado do Batelão* trabalha em parceria com o *encarregado da Coroa* na coordenação dos trabalhos.

O *mestre dos foliões* coordena e ensaia as crianças para os cantos. Esta pessoa precisa ser violonista, para conduzir os foliões tocando e citando os versos a serem cantados.

O mestre deve manter a integridade física das crianças e a qualidade das canções, já que as comunidades sempre esperam perfeição.

Os *foliões* são pequenos cantores na faixa etária de 8 a 16 anos. Normalmente no barco vão de 08 a dez crianças, que se revezam durante toda a caminhada. Na ocasião em que estive presente, o barco contava com 8 crianças, quatro faziam a “primeira” e as demais trabalhavam a “segunda voz” (Fig. 6).

O *salveiro* tem uma das funções mais delicadas da viagem: soltar os tiros de ronqueira⁸. Ele sempre está posicionado na proa da Carité e quando a Coroa está em terra acompanha o Santo com tiro de fogos de artifício. Durante as noites de novena, o salveiro também está presente para anunciar o início e o fim das orações dos remeiros. Ele trabalha na manipulação de grande quantidade de explosivos.

Para pilotar o barco, temos a presença do *capitão*. Este por sua vez, precisa ser profundo conhecedor do rio. O *motorista*, deve estar sempre perto do motor do Mestre Tiago, quando este está ligado. É deste a responsabilidade da manutenção no motor e no gerador.

Os dois *mensageiros* trabalham na limpeza das embarcações. Durante a caminhada não sobra tempo para a tripulação cuidar da chata, daí a importância dessas pessoas.

⁸ Ronqueira: “Instrumento de som e alarme (pequeno canhão) de alerta para breves acontecimentos comemorativos, chegada e saída da Carité e nas celebrações”. (Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo, 2011: 7)



Figura. 7 – Baterista em momento de visita nas casas.

FONTE: Arquivo Pessoal.

Quando o Santo está ancorado na comunidade, o fumaceiro (que faz parte da tripulação) é solicitado para aplicar o veneno e afastar os mosquitos.

O *baterista* tem a responsabilidade de conduzir os remeiros, através das cadências do tambor, além de tocar quando o Santo está na comunidade.

A bateria⁹ é a cadência para a caminhada (Fig. 7).

O *Alferes da bandeira* é a pessoa que cuida do transporte do mastro em que está a bandeira do Divino. Esta bandeira faz parte dos símbolos que acompanham a Coroa nas venerações.

E por fim existe o *professor*, para atender as crianças que ficam longo tempo fora da sala de aula.

Dentro dos barcos, existe hierarquia e obediência, portanto, cada pessoa tem sua obrigação e ninguém pode fazer algo que não seja de sua competência.

Nesta ordem hierárquica, o “Alferes da bandeira” é considerado a autoridade máxima. Abaixo dele está o encarregado da Coroa e o encarregado do Batelão. Todos os demais estão sujeitos às ordens dessas pessoas. Se alguém tiver uma

⁹ Na missão, percebi que existem diversos termos que os devotos usam para se referir ao tambor. Uns denominam de caixa, já outros falam em tambor. A pessoa que toca pode ser chamada, tanto de caixeiro como de baterista, na verdade estes são termos que mudam de acordo com a opinião de cada devoto.

queixa, tem de se dirigir aos superiores. Finalizo esta secção com a fala do Senhor Saturnino Ribeiro, que diz:

O barco do Divino é como um quartel, se você tiver oportunidade de ir à caserna, você vai ver que há ordem pra tudo. Assim também acontece durante a caminhada. Pois cada um deve estar na sua obrigação, para que tudo possa dar certo.

3.1 Membros da comunidade

A equipe do Divino não se resume à tripulação e nas comunidades existem pessoas fundamentais para o bom andamento dos trabalhos. Cada localidade tem seus líderes, que trabalham junto com a comunidade na organização dos festejos, no período da passagem do Santo.

De acordo com o estatuto do Divino, a diretoria local é formada por:

Art: 23º- A DIRETORIA LOCAL da Irmandade deve ser formada, pelo menos por um presidente, um vice presidente, um secretário, e um tesoureiro e um coordenador; que são eleitos por três anos, por maioria simples em assembleia local da Irmandade, e podendo ser reeleitos.(Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, 2003: 7)

O estatuto afirma que a Diretoria Local tem a obrigação de manter a boa administração da Irmandade e zelar pela união de todos a serviço do Senhor Divino Espírito Santo. A diretoria deve promover o suporte necessário para a visita do Santo:

- i) Preparar com dedicação a Visita Anual da Romaria do Divino na localidade, a fim de que tenha o melhor proveito possível para a fé e a vida espiritual dos habitantes da localidade. (Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, 2003: 8)

Quando a Coroa está em terra, a Diretoria tem a responsabilidade de organizar todos os horários, e toda a tripulação do barco fica na inteira dependência

dos líderes locais. Na comunidade existem três figuras essenciais na composição das diretorias:

Imperador e Imperatriz: é legitimamente sorteado e merecem inteira obediência por parte de todos os membros das Irmandades do Sr. Divino Espírito Santo, a eles compete estar presentes: na recepção do Batelão que conduz os símbolos, cortejos (posição) nas celebrações, [sic] cortejos as visitas nas residências dos irmãos e devotos, sempre presentes onde estiverem os símbolos do Sr. Divino Espírito Santo.

Os Mordomos: São legitimamente sorteados, eles são os agentes de ligação do Imperador, Imperatriz e Diretoria, são os recepcionistas, são pessoas a quem são confiadas a Missão de guiar a Romaria (cortejo) das visitas nas residências dos irmãos e devotos do Sr. Divino Espírito Santo, eles quem indicam as residências que devem ser visitadas diariamente, horário de início e encerramento. (Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo, 2011: 8)

Na chegada do Santo, o Imperador é o primeiro a venerar e conduzir a Coroa para a igreja, juntamente com a Imperatriz que segura o Cetro. Esses personagens são autoridades importantes que tem voz de comando durante a permanência do Santo na localidade. Já o Mordomo, guia a procissão nos endereços das casas. Muitas diretorias dividem os domicílios por setores, sendo assim, cada dia a procissão é guiada para um grupo de residências (Fig. 8).



Figura. 8- Imperador e Imperatriz no porto de Nova Brema.

FONTE: Arquivo pessoal.

Em certa ocasião, o encarregado da Coroa declarou: “olha quando o Santo está em alguma comunidade, a presidência daquele local se torna a autoridade máxima tendo poder de decisão para até mesmo excluir alguém da Romaria.”

4. Os dias de caminhada

Oito dias antes da saída, os promesseiros se submeteram ao curso de preparação (Catequese). Não participei de todo o treinamento, mas estive presente em todas as reuniões depois do jantar. A minha ausência nos treinamentos diurnos se deu, em virtude das entrevistas com devotos e pesquisas de arquivos históricos.

Além de serem treinados, eles recebem aconselhamentos espirituais e orientações sobre a postura e os modos de se comportar durante a caminhada. As orientações eram transmitidas no momento das refeições noturnas. A catequese é uma exigência determinada pelo Estatuto:

Art 35º- Todos os membros da Romaria deverão participar de vários dias de catequese e preparação antes da saída do Batelão do Divino. (Conselho Geral Da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé: Estatuto Geral da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé, 2003: 11)

Muitas dessas palavras eram ensinamentos sobre o Espírito Santo, conforme diz a fala do coordenador da Irmandade de Costa Marques: - “Os ensinamentos espirituais que são dados nestes dias, se referem ao Espírito Santo.”

Todos os membros dormiam em alojamento e faziam as refeições juntos. Na mesa só podia levantar quando todos terminassem a refeição. Foi em um destes momentos, que tive a oportunidade de me apresentar e conhecer o nome de cada um. Durante a apresentação, cada membro fazia questão de deixar alguma mensagem ou consideração sobre os motivos de estar participando. Alguns diziam: - “Eu estou aqui para respeitar e ser respeitado”. Já outros: - “Eu estou aqui para pagar minha promessa, e tenho de sair no Batelão mais um ano pra cumprir toda a promessa.” Dos doze remeiros, quatro eram bolivianos e oito brasileiros, a participação da Bolívia neste ano era considerada expressiva.

Alguns membros da Romaria já tinham experiência de outras participações. O tema da obediência teve destaque durante os primeiros dias em Costa Marques. Outra preocupação da diretoria, era em deixar os membros cientes das regras de convívio durante a Missão. No barco minha função era de professor e historiador. Eu conciliava a tarefa de dar aulas regulares para os foliões e realizar os registros que fossem necessários para a pesquisa.

Na manhã do dia 8 de abril, os lenços e os coletes foram distribuídos. O lenço era branco, decorado com a pomba e a sigla D.E.S (Divino Espírito Santo). Este lenço é de uso obrigatório durante toda a Romaria e uma vez colocado, deve ser usado sempre que os remeiros estiverem em serviço. Os coletes eram azuis, com a mesma decoração do lenço.

Após todos vestirem os uniformes, fomos à igreja para a Missa do Envio. A celebração ocorreu na manhã do domingo da ressurreição de Cristo, logo após a páscoa. Nesta missa, a tripulação recebia a benção do padre e da comunidade para o início da viagem.



Figura. 9 – Missa do Envio na cidade de Costa Marques.

FONTE: Arquivo pessoal

A partida do porto de Costa Marques aconteceu às nove da noite. Era notável a presença de muitos familiares despedindo dos seus parentes. A noite era de festa, muitas pessoas soltavam fogos. Os remeiros saldavam suas famílias e

cantavam o hino do Divino. Em meio a este momento, o encarregado da Coroa me disse:

Olha, no início é sempre assim, o cara vem com todo o gás, mas com o passar dos dias. Chega hora que você acorda e não quer falar com ninguém, porque o cansaço é tão grande que a pessoa não aguenta mais.

Essas foram as primeiras palavras que ouvi. A primeira noite no barco foi de descanso. No dia seguinte, o despertar se deu às seis e meia da manhã. Para o café, tudo tinha hora certa e até a ordem da fila seguia um padrão, ou seja, os foliões foram os primeiros a serem servidos, para logo em seguida o restante da equipe servir o café e leite, com biscoito e manteiga. Quando terminou o desjejum, o barco ancorou na “Boca do Azul”.

No primeiro ensaio a equipe revisou todas as etapas da cerimônia de chegada. Tudo foi feito pouco antes do almoço e antes de iniciar, o primeiro proeiro falou: “Vocês que não saíram na Romaria, presta a atenção no que a gente vai fazer e acompanha bem o que nós vamos fazer.”

No porto, alguns dos mais experientes estavam comentando os detalhes que ainda precisavam melhorar. As remadas eram o principais alvo de críticas. Na verdade, a coreografia dos remos era considerada um dos mais importantes elementos da chegada do Batelão nas localidades.

O almoço foi oferecido por uma devota que morava na comunidade de Surpresa. Os alimentos foram trazidos por um membro da diretoria, que chegou com o seguinte recado: “Este almoço está sendo oferecido por uma devota, e ela pediu para que seja rezado um Pai Nosso do Guaporé, antes da refeição ser servida”.

As refeições são uma das principais manifestações de agradecimento por uma graça recebida. Para todas as refeições existe um horário determinado, o café da manhã era servido às sete e meia, o almoço ao meio dia e o jantar às dezenove horas. A minha primeira experiência sonora se deu neste almoço, ou seja, foi um impacto grande ouvir pela primeira vez uma nova versão da oração do Pai Nosso. Todas as vozes cantaram juntas e a intensidade melódica inundou o ambiente. Essa

versão da oração bíblica me aproximava daquele contexto. A melodia e o timbre tinham um efeito de captura, o novo revestimento timbrístico me levou ao instante supremo onde só aquela experiência fazia sentido.

As vozes se dividiam em duas e todos os presentes se juntavam na canção. Na verdade, todo aquele aparato sonoro enriquecia os versos com novos timbres.

Logo após o almoço, o encarregado da Coroa determinou o tempo de descanso. Por volta das três e meia da tarde o barco do Divino saiu da “Boca do Azul” rumo à primeira chegada em Surpresa. Na “Carité”, um grupo de pessoas ajustava a Bandeira do Divino no Mastro, esta bandeira possui uma pomba de madeira que é encaixada no topo do mastro. A bandeira é vermelha e nela é desenhada a pomba do Espírito Santo. Na chata alguns remeiros estavam colocando a bandeira que identificava a embarcação e os outros se arrumavam, vestindo roupas adequadas e colocando o lenço na cabeça. O mensageiro alertava a todos que tirassem as roupas e toalhas estendidas nos varais improvisados. Isso é feito para evitar qualquer reclamação por falta de organização.

O grupo não aparentava nervosismo e apesar de ser a primeira chegada, o que mais eles comentavam era: “isso é apenas o começo, ainda tem muita coisa pra aprender e muita coisa pra acontecer”. Muitos deles ficavam me observando para saber qual seria a minha reação quando estivesse filmando.

Após os ajustes finais na bandeira, entraram no Batelão: o baterista, Alferes da bandeira, encarregado do Batelão, encarregado da Coroa, foliões, remeiros e salveiro. Em seguida as cordas são desatadas e a igrejinha pode então se mover. Antes de entrar no porto a Carité espera na beira do rio. A cerimônia só se inicia quando o mensageiro chega ao porto e entrega as bandeiras¹⁰ aos fiéis e anuncia a presença do Santo. O encarregado da Coroa espera sempre alguns minutos, até o mensageiro entregar as bandeiras e a comunidade se preparar. Não existe um sinal específico para que o encarregado da Coroa dê a ordem de início, cabe a ele observar e decidir o momento certo.

¹⁰ Nestas bandeiras estão representadas todas as comunidades que possuem irmandade do Divino. Na verdade cada Irmandade tem a sua bandeira, infelizmente não tenho a descrição exata de cada uma, mas essas bandeiras são como uma escuderia. Só é permitido ter a bandeira, nos locais que tem uma Irmandade com diretoria.

Na Carité, todos estavam em silêncio e atenção. Ao perguntar para um dos remeiros sobre este silêncio, ouvi a resposta: “este é um momento de concentração.” Dentro do Batelão todos prezam muito por este momento, não pode haver erro e sempre que há algum, a equipe é cobrada tanto pelos líderes da tripulação quanto pela comunidade.

Após a ordem, a bandeira do Divino é desenrolada do mastro pelo alferes, em seguida o encarregado da Coroa ergue a Coroa em posição de sentido. Dois remeiros rompem o silêncio com o som das buzinas¹¹ em primeira e segunda voz. A sonoridade grave destes instrumentos ressoa ao redor da mata com o eco alcançando grandes distâncias e até assustando alguns animais. Logo em seguida o salveiro, que está na proa do Batelão, dispara o primeiro tiro de ronqueira, a sonoridade se assemelha a um canhão anunciando o início de uma grande batalha. Semelhante à buzina, o impacto do timbre grave do pequeno canhão, gerou um grande eco.

A partir daí, o baterista inicia a cadência que serve de referência aos remos. O tambor é tocado em ritmo médio, com cadência suficiente para imprimir ritmo forte aos remeiros. O timbre deste instrumento era grave e volumoso, mas para contribuir com o intenso volume de som, as mãos trabalhavam de modo intenso. A postura da mão e do corpo do baterista eram fixas, ou seja, ele estava na posição de sentido com a mão esquerda apoiada no aro do tambor e a mão direita trabalhando nas principais acentuações.

Quando a Carité se aproximou do porto, os devotos já estavam à espera, alguns com meio corpo submerso pela água, segurando velas acesas. Além deles, havia um corredor formado por devotos com bandeiras que representavam as localidades do Vale do Guaporé. Ao lado deste corredor, um grupo de música se preparava para entoar uma canção em honra ao Santo. Havia muitas pessoas com máquinas fotográficas e filmadoras.

Na Carité os remeiros esperavam uma cadência específica do tambor, para iniciar a cerimônia. Quando o tambor troca a cadência, o salveiro dispara o segundo

¹¹ Buzina é uma espécie de berrante feita de chifre de touro, e nessas ocasiões elas são tocadas por dois remeiros. Realizando três toques como sinal de início da cerimônia.

tiro de ronqueira e a partir deste instante o primeiro e segundo proeiro dão início a canção de chegada. A voz dos remeiros se faz ouvir em grande distância, as palavras são cantadas de forma compassada e cada palavra se casa ao conjunto musical. Cada remeiro que canta, trabalha com dois movimentos distintos, o canto e o remo. O remo trabalha sempre com movimentos sincronizados e coreográficos, nesta coreografia todos os remeiros formam um desenho de meia-lua com a água, ou seja, há uma dupla tarefa para quem rema: preocupar com a qualidade da canção e com o movimento do remo. Neste sentido eu penso em um alto nível de coordenação, para dividir o corpo em várias tarefas.

Na canção de chegada, os quatro primeiros remeiros cantam e os outros remam. Os cantos dos remeiros são acompanhados pelo tambor, essas canções são intercaladas com os cantos dos foliões. O remeiro que canta precisa forçar a voz ao máximo para ser ouvida no porto. O som dos cantos completa a paisagem sonora formada pelo som do tambor e da água movimentada pelos remos.

A Carité navegou o percurso de duas meia-luas e meia em frente ao porto, antes de ancorar.

A primeira meia-lua começa após o tiro de ronqueira. Este é disparado a partir do momento em que o tambor muda a cadência, que na maneira dos remeiros se diz: “virar a caixa”. Depois do tiro, os versos:

Daquela nuvem dourada
Desceu Deus nosso Senhor
Ele subindo nos mandou
Seu espírito consolador 2x

Ceguei morador 2x
Cheguei, cheguei
Nos passos que não mereço
Cheguei, morador 2x
Cheguei

Após estes versos, o mestre inicia a condução no violão e dita os versos para os foliões:

De todos é de quem chega
 O amor deste Senhor
 Certamente vai gozares
 Lá no Céu é o Redentor 2x

Deus lhe salve casa santa
 Onde Deus seja morada
 Entre pias e água benta
 E a hóstia consagrada 2x

O pequeno coral de crianças impressiona pelo timbre e volume, ou seja, sons agudos que podem ser ouvidos a grandes distâncias. Quatro crianças cantam a partir de um arranjo para duas vozes: um par em primeira voz e o outro em segunda. Para quem está distante da Carité, o som dos remos sincroniza com os foliões formando uma sonoridade melódica acompanhada dos sons percussivos da água e do tambor. Neste momento a Carité está no final da primeira meia-lua. O andamento destas canções não pode ser definido nem como lento nem como rápido, mas perfeitamente adequado àquele momento. Após o término da meia-lua, a Ronqueira solta o terceiro tiro e começa a segunda canção dos remeiros:

De todos é de quem chega
 O amor deste Senhor
 Certamente vai gozar
 Ai ai ai ai
 Lá no céu o Redentor 2x

Ceguei morador, ceguei morador, ceguei
 Ceguei nos passos que não mereço

Em seguida os foliões:

A Pombinha vem voando
 Vem por cima de nossa cidade
 Vem dizendo viva, viva
 Viva a todos os moradores 2x

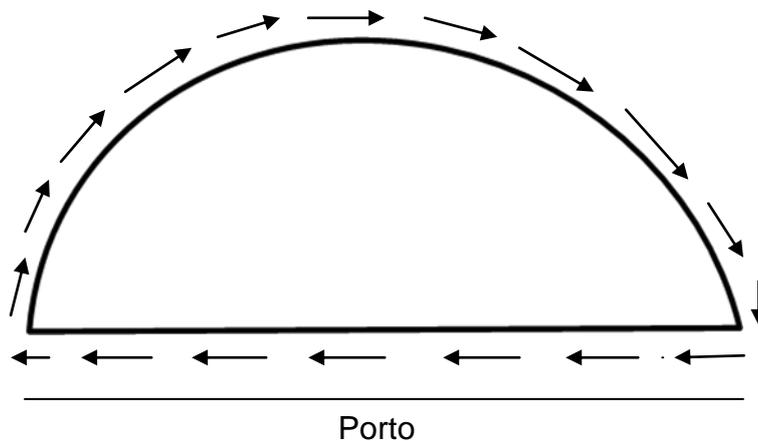
E os remeiros:

Deus lhe salve casa santa
 Onde Deus seja morada
 Entre pias e água benta Ai ,Ai
 E a hóstia consagrada 2x

Ceguei, morador 2x
 Ceguei, ceguei
 Nos passos que não mereço

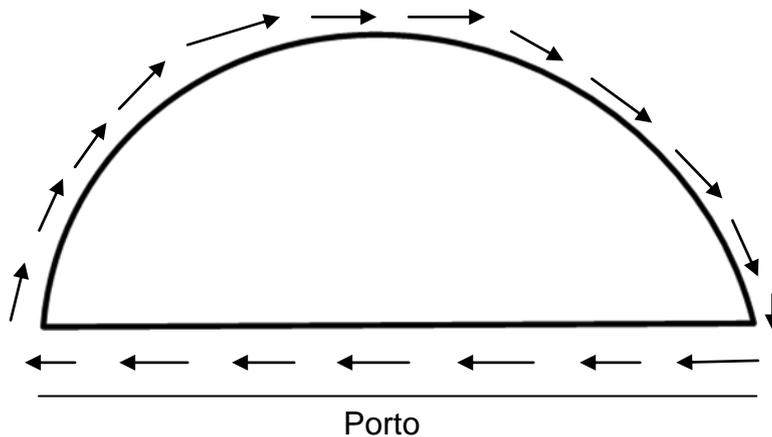
Cheguei, morador 2x
Cheguei

Esta canção dos remeiros finaliza a segunda meia-lua. E no último movimento os foliões cantam a terceira variação de versos. A seguir, teremos o gráfico do percurso:



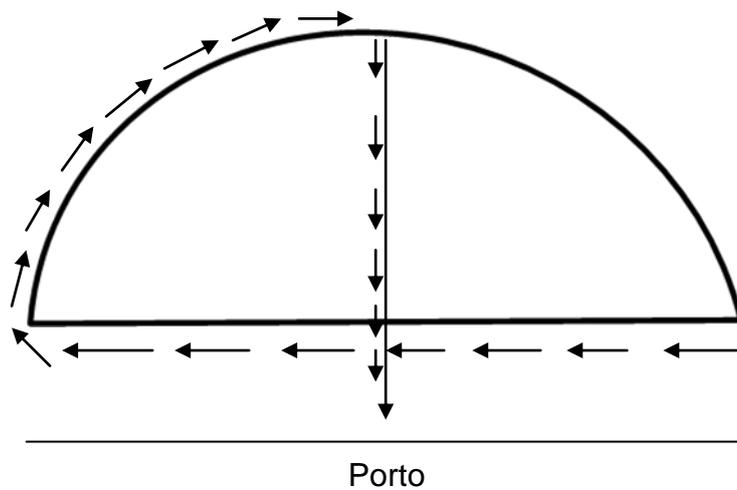
Esta é a primeira meia-lua percorrida pelo Batelão. Durante o percurso os foliões e remeiros cantam alternadamente.

Início do Percurso¹².



Na segunda meia-lua, o batelão permanece com a alternância entre remeiros e foliões, nas canções.

¹² Não existe uma regra fixa para o início da cerimonia, esta pode tanto partir do sentido horário, quanto anti-horário. Durante a viagem isso pode ser comprovado, ou seja, cada lugar pode começar de um ponto diferente, dependendo do posicionamento das outras embarcações.



Nesta última volta o Batelão percorre metade de uma meia lua e estaciona no porto.

Assim que a Carité estacionou no porto a banda entoou a canção em homenagem ao Santo, esta canção foi tocada antes mesmo da Coroa sair do barco e ser entregue ao Imperador. Na beira do cais, o vice-presidente da Irmandade esperava para guiar a Coroa às cerimônias.

O Santo é venerado primeiramente pelos Líderes da Irmandade e pelo Imperador e Imperatriz. Na veneração, o devoto anda de joelhos e beija os três símbolos do Divino: a bandeira, o Cetro e a Coroa.



Figura. 10 – Momento de veneração.

FONTE: Arquivo pessoal.

Antes da Coroa ser venerada pelo Imperador e Imperatriz, os foliões cantaram o hino de saudação:

Viva o nosso Imperador
 Viva os anos que deseja
 A graça do Senhor Divino
 Que hoje no mundo festeja 2x

A pombinha vem voando
 Por cima da bela Matriz
 Vem dizendo viva, viva
 Viva a nossa Imperatriz 2x

Viva a nossa Imperatriz
 Viva os anos que deseja
 A graça de senhor Divino
 Que hoje no mundo festeja 2x

Em seguida a Coroa passa ao Imperador e o Cetro à Imperatriz.

A Irmandade de Surpresa criou a ornamentação em um campo de futebol, em frente à igreja. Neste campo aberto a Coroa foi venerada pela comunidade e em seguida seguiu para a igreja.

Quando chegou à igreja, o Santo foi colocado em uma mesa em frente ao altar. Neste instante, todos os tripulantes da Romaria posicionaram ao redor da Coroa para cantar:

A nós Descei Divina Luz

A nós descei Divina luz (2x)
 Em nossas almas ascendei
 O Amor, O Amor de Jesus (2x)

Sem Vós Espírito Divino
 Que poderemos nós fazer
 Depois de um triste desatino
 depois de um triste desatino

Teremos o Destino, De sempre padecer...

Após o término desta canção, todos estavam em silêncio e o baterista pronunciou as seguintes palavras:

“Viva o Divino Espírito Santo”.

E a comunidade respondia: “viva”.

“Viva o nosso Imperador”.

“Viva”.

“Viva a nossa Imperatriz”.

“Viva”.

“Viva o Alferes da bandeira”.

“Viva”.

“Viva o Capitão do Mastro”.

“Viva”.

“Viva a todas as Irmandades”.

“Viva”.

“Viva a todos os presentes”.

“Viva”.

Com o término dos “vivas” o salveiro dispara o primeiro tiro de ronqueira em terra.

A localidade de Surpresa foi uma das únicas em que houve a apresentação dos membros da Romaria para a comunidade presente. Com o fim das cerimônias, uma das organizadoras tomou a palavra e fez questão de que todos os membros dissessem o nome e função na Missão. Além desta apresentação, foi divulgada a programação que a Romaria iria cumprir nos dias de atividades. A presença do baterista é fundamental em todo este percurso, que trabalha em conjunto com o mestre na hora de conduzir a procissão e a veneração.

A programação diária era composta de quatro atos: visita às casas dos devotos, refeições, novenas e vigílias.

4.1 Leis de conduta

Durante a viagem existem algumas leis básicas para os tripulantes. Algumas dessas regras são vistas de bom grado por alguns, mas existem objeções.

A primeira regra decreta obrigatoriedade no uso do lenço para todos os romeiros. Não é permitido estar em serviço sem este identificador, vale dizer que, durante a caminhada sempre tinha alguns intervalos em que a tripulação circulava pela comunidade. No tempo de lazer não era permitido usar o lenço.

A segunda lei proíbe o romeiro (membro da tripulação) de participar de festas ou eventos de entretenimento que estejam fora da proposta da temática do Divino. Nenhum membro poderia ingerir bebida alcóolica, exceto em ocasiões de visita às casas e em refeições onde o dono da casa oferecia a bebida. Era muito comum, devotos servirem vinho para os adultos e licor para as crianças, neste caso era uma pequena dose para melhorar a voz.

Muitos dos romeiros, gostavam de jogar bola nos finais de tarde, mas esta atividade só era permitida mediante a autorização do diretor da Irmandade em que o Santo estava.

Nas refeições, não era permitido cantar. Em algumas ocasiões eu fui repreendido por balbuciar melodias na mesa.

Não era permitido entrar na Carité de bermuda, pois este barco é considerado uma igreja e tem de ser tratado com a maior reverencia possível. Isso valia nas horas de cerimônias, ou em qualquer outro momento. A única exceção se dava, quando todos se reuniam para trocar a palha do Batelão (penteado). Neste momento as regras do ritual eram suspensas para a manutenção.

Todo e qualquer tipo de relação sentimental era vetado, ou seja, para os solteiros não era permitido qualquer relação amorosa. Os casados tinham que manter suas relações afetivas em lugares privados. A pena para quem descumprisse as leis era a exclusão da caminhada, neste caso o romeiro teria de ficar no lugar onde foi denunciado.

As leis de abstinência sexual eram muito questionadas pelos solteiros, muitos diziam que era difícil não se envolver com ninguém, pois eram muitos dias fora de casa e o cansaço e as necessidades amorosas se tornavam mais intensas, este tipo de queixa eu ouvi durante toda a viagem.

Em uma conversa com o Encarregado da Coroa sobre estas regras, eu fiz a seguinte pergunta:

Nos tempos remotos, como eram as regras de conduta para os tripulantes do barco?

Olha, antigamente não existia este negocio de não participar de festa ou de não dançar, ou seja, o importante era cada um contribuir com sua obrigação. Se na hora da folga o cara quisesse ir para um Forró era permitido, desde que no outro dia ele estivesse em pé para seu serviço.

Continuando a conversa, fiz outra pergunta:

O que você acha dessas regras ?

Eu acho muito boa a liberdade de poder dançar paquerar e tudo mais. Só que hoje em dia o pessoal não sabe aproveitar e acabam extrapolando. Eu já testemunhei ocasiões em que muitos iam pras festas e no outro dia sumiam do serviço e na hora de ir embora nós tínhamos de ir atrás.

Esta opinião, não é unânime, muitos dizem que as pessoas “aprontam” devido ao excesso de regras.

Dentro desta visão eu descrevo aqui a fala de uma devota que diz:

“olha há uns tempos atrás era muito legal ver aquelas vigílias maravilhosas, onde tinha o ambiente da reza, onde a Coroa estava e na parte externa da casa, nos terreiros, tinha alegria e muitas pessoas dançando. Outras ficavam conversando e tinha algumas paqueras e não tinha problema nenhum. Eu gostava de ver, quando ficávamos na cozinha e de repente saíamos para dançar com os parceiros”.

Todas essas regras de conduta, não estão no estatuto, mas foram sendo construídas através do tempo e sendo mantidas através da oralidade e memória. As pessoas apenas me diziam que era assim que as coisas funcionavam, mas poucos explicavam o motivo de tal lei existir. Os mais “velhos” criticavam o excesso de regras e defendiam um retorno ao que realmente era a tradição, ou seja, com espaço sagrado e outro com danças, festividades e alegrias.

Em algumas comunidades, os diretores colocavam vigias que passavam tempo integral vigiando os passos de cada romeiro. Houve até reclamações: “Olha,

aqui é marcação cerrada, tem gente me vigiando até quando eu vou ao banheiro ou cuspir do lado de fora da igreja.”

Todos tinham medo da exclusão, isso gerava má reputação. Qualquer passo fora tinha de ser dado com consciência do risco de penalização.

4.2 O Divino na comunidade

A visita domiciliar é a tarefa mais extensa. No caso do distrito Surpresa, as casas foram divididas em setores, ou seja, no primeiro dia o setor um, no segundo dia eram as do setor dois e no terceiro dia o terceiro setor.

O prazo de permanência do Santo foi de quatro dias e três noites. Nesta ocasião, ele havia chegado na parte da tarde e não houve visita. De acordo com a tradição, na primeira e última noite a vigília é realizada na igreja.

Em Surpresa, o primeiro jantar foi servido pelo Imperador em um galpão atrás da igreja. As refeições sempre eram organizadas em horário fixo e todos prezavam pela pontualidade. O jantar foi servido por volta das dezenove horas. Antes de servir, todos se reuniram ao redor da mesa e fizeram a oração em agradecimento ao alimento. Após este agradecimento, os romeiros puderam servir. Neste jantar, as pessoas ficavam ao redor da mesa esperando a equipe terminar.

Após a refeição, alguns romeiros foram à igreja, outros foram para o barco tomar banho e se preparar para a novena. Os romeiros são responsáveis pela vigilância da Coroa vinte e quatro horas por dia, no sistema de plantão. Para mim que estava pela primeira vez, tudo era visto com muita apreensão e sempre ficava o receio de estar fazendo algo que ferisse a tradição.

4.3 Novena

A novena começava às oito e meia. Esta cerimônia consiste em uma série de orações que são cantadas pelos promesseiros. Geralmente, três solistas, cantam juntos um verso, e em seguida os romeiros repetem o refrão em coral.

E assim a novena é realizada, na base de orações em forma de pergunta e resposta com o coral de remeiros. Durante toda a Romaria a novena não é cantada quando o barco está em viagem, ou seja, esta cerimônia é exclusiva para a comunidade¹³.

4.4 Visita às casas

Na manhã do dia dez de Abril a Coroa iniciou as visitas. Antes houve o café da manhã, servido às sete e meia. E às nove horas o Santo começou a cumprir a programação. Durante a estadia na comunidade a minha função se restringia apenas ao trabalho de registro e pesquisa. Na parte da manhã e tarde, estivemos visitando as casas do primeiro setor. Esta visita foi conduzida pelo “mordomo”, que anda sempre na frente da procissão com a bandeira vermelha, as visitas são de duas formas: entrada e saída e permanência.

Na visita domiciliar, todos os símbolos são levados, ou seja: bandeira, Coroa e cetro. Durante esta caminhada os símbolos do Divino podem ser carregados por qualquer devoto e havia um revezamento entre as pessoas que carregavam a Coroa e os outros símbolos. Nas longas caminhadas, a presença do baterista era importante para manter a cadência dos passos na procissão.

Quando o devoto pede entrada e saída, o mordomo não coloca a bandeira no portão, a procissão parava em frente à casa e os foliões cantavam os seguintes versos (Video 1):

Nesta casa entraremos
Com a formosa bandeira
E nela vem retratada
E o Povo verdadeiro 2x

Em seguida, a procissão se dirigia à casa para a veneração, os devotos organizavam uma fila e andavam de joelhos para beijar os símbolos do Santo, com a seguinte canção:

¹³ Esta novena pode ser apreciada pelo vídeo que acompanha o trabalho. Ver descrição da novena na página: 121.

Cheguem todos os seus devotos
 com seus joelhos no chão
 Venham receber agora
 Deste Senhor a benção 2x

Quando todos da casa terminaram a veneração. Os foliões entoavam o canto de despedida:

Deus vos pague a esmola
 que deste com alegria
 o Divino Espírito Santo
 fica em vossa companhia 2x

Neste caso, a música não é interrompida devido à brevidade da permanência no domicílio. Outro tipo de visita acontece quando o devoto pede uma parada. Neste caso o mordomo coloca a bandeira vermelha no portão. O exemplo que darei é de um barco que pediu a permanência, o barco também é considerado uma casa, conforme diz os versos :

Nesta casa entraremos
 Com a luz da divindade
 Dentro dela se Venera
 a Santíssima Trindade 2x

Quando o Santo entra no barco e se posiciona para a veneração, uma fila é formada e os foliões cantam (Vídeo 2):

Cheguem todos seu devoto
 De joelhos recebam contritos
 Deus para dar glória
 a este mundo
 nos mandou seu Divino Espírito 2x

Após o momento de veneração, a Coroa e os símbolos são colocados em uma mesa ou outro lugar reservado. Nesta ocasião, o Santo ficou cerca de vinte minutos no barco. Quando o tempo termina, o encarregado da Coroa chama o baterista e este por sua vez, toca o tambor como sinalização do fim da visita. Quando as pessoas escutam o som do tambor, elas imediatamente se preparam para a veneração e a entrega das esmolas. Cada ato tomado em serviço nas visitas,

tem a presença do baterista com os sinais percussivos. Em todas as casas onde o Santo permaneceu, os devotos serviram lanche para os presentes. Na maioria das casas serviram refrigerante, chicha¹⁴ e bolo, mas em algumas o cardápio variava, tendo um salgado ou cachorro quente, além de doces para as crianças. Normalmente os anfitriões não se pronunciavam.

Quando a visita é realizada na casa de um membro da Irmandade, a Romaria saúda o irmão:

Viva a todas as Irmandades
 Viva o anos que deseja
 A graça de Senhor Divino
 Hoje no mundo festeja 2x

Em todos os dias de entradas e saídas, os versos enfatizam os três momentos da cerimônia:

1. Entradas e saídas.
2. Permanência ou passagem.
3. Saudação em frente da casa de um membro da Irmandade.

Apesar das variações, os versos não são improvisados. Existe um livro com todas as letras. Os cânticos entoados pelos foliões são marcadas pelos timbres agudos e volumosos. Durante todo o dia de caminhada, as crianças se revezam para manter a constância e intensidade dos sons. Em algumas ocasiões o mestre trocava algum folião devido à rouquidão na voz. Qualquer erro na tonalidade ou falha nos versos era corrigido pelo mestre, que sempre chamava a atenção.

Na ocasião em que estive, o baterista andava cerca de seis a oito quilômetros por dia tocando. Em algumas comunidades, o baterista revezava com alguém, mas isso ocorreu em poucos lugares.

¹⁴ A chicha é uma bebida típica da Bolívia, que é feita a base de milho cozido.

4.5 A vigília

A vigília é um momento esperado por todos.

Em Surpresa, a primeira vigília foi realizada na igreja. Tudo acontece depois da Novena e se estende por toda a noite. Neste período, os remeiros têm a Missão de vigiar o Santo através do regime de plantão, dividindo os horários. A vigília é animada com músicas e o repertório é conduzido através de violão, atabaque, pandeiro e as vozes. Normalmente todos os remeiros cantam juntos, formando um intenso coral.

No início da vigília a igreja estava com grande número de pessoas e os instrumentos percussivos marcavam presença, além da constante improvisação com tambores e violão. Em algumas canções os instrumentistas usavam dois violões na execução de frases e motivos musicais em uníssono.

Os versos sempre trabalham a temática religiosa ligada à veneração ao Divino, mas em alguns momentos apareciam canções sobre a vida cotidiana.



Figura. 11 - Momento de vigília, onde os remeiros cantam.

FONTE: Arquivo pessoal.

Os instrumentistas diziam estar tocando “rasqueado”, que era marcado pela batida rítmica do violão e a divisão do vocal em duas vozes (primeira e segunda voz). Na maioria das vezes, dois dos remeiros iniciavam um “rasqueado” e logo em seguida, os outros seguiam alguma das vozes.

Quando a vigília começou, a igreja estava repleta de fiéis e um grupo de jovens revezava com os remeiros na condução de canções. Todos estavam muito animados, os fiéis batiam palmas e celebravam alegremente. Com o passar das horas as pessoas foram regressando para as suas casas e poucos ficaram para a madrugada. Em certos momentos, percebi que muitos remeiros cantavam persistentemente para lutar contra o cansaço e o sono.

Nas vigílias domiciliares, os remeiros levavam barracas para se instalar no quintal e evitar o deslocamento na madrugada. Essas vigílias ocorriam toda vez que o Santo estivesse em terra.

4.6 A alvorada

Por volta de três e meia da manhã o baterista me despertou para a alvorada. Este evento se repete todo dia sempre às quatro horas da manhã e acontece independente da Coroa estar em terra ou não. O ritual é predominantemente percussivo e a cadência do tambor “ordena” o início e o fim de tudo. (Video 3)

Depois de uma breve caminhada, chegamos à casa onde o Santo era velado. Tivemos algumas dificuldades, devido ao tempo chuvoso e à falta de iluminação na estrada.

Neste ritual existem dois personagens principais: o salveiro e o baterista. Antes de começar, eles veneram o Santo e em seguida o salveiro toma posse da ronqueira, juntamente com a bolsa de pólvora. O baterista faz alguns ajustes na correia do tambor e se posiciona para o início. Devido ao horário, poucas pessoas estavam presentes. A partir do momento em que o salveiro posicionou a ronqueira, o som foi desligado e todos se voltaram para o ato.

O salveiro olhou para o baterista, dando sinal de “okay”. Esse por sua vez deu partida na cadência (houve apenas uma variação durante os tiros). O baterista tocava um “rufo”, o timbre ia preenchendo o ambiente, quebrando a temporalidade usual e dominando a mente de todos. A cadência abriu caminho para o canhão disparar com o brilho das faíscas de fogo.

No instante o salveiro disparou o tiro e preparou mais dois. A meta consistia em disparar três vezes ao som da cadência. O baterista tinha a obrigação de manter o andamento e intensidade durante os três tiros. No final, os instrumentos usados foram devolvidos aos seus lugares, do lado da Coroa.

Apesar da pressão do tiro do canhão, o baterista não perdeu a firmeza.

Na manhã do dia onze, o Santo saiu da casa de vigília e a procissão seguiu para mais um dia de visitas. Algumas casas eram de pessoas da tripulação, neste caso, a pessoa saía dos trabalhos e ia se juntar aos seus parentes para receber o Santo. Um dos foliões demonstrou alegria em receber um jantar: “-Tu vai jantar lá em casa? Minha família vai dar um jantar”...

Neste dia onze a Romaria cumpriu o roteiro conforme o combinado, sem surpresa ou imprevisto. À noite foi realizada a última novena, esta foi criticada por alguns da Romaria, pois se tratava de um sítio distante do barco da tripulação e com a estrada em solo denso, devido ao clima chuvoso.

O dia 12 era o último dia em Surpresa. Na manhã, foram feitas as visitas nas casas, depois do almoço o Santo abençoou os barcos, em seguida a procissão seguiu para a igreja, onde seria realizada a última veneração, antes das despedidas.

Antes da saída, a diretoria da localidade marcou uma reunião com a equipe para um balanço das atividades. O presidente da Irmandade local foi o primeiro a falar:

Em primeiro lugar, queria agradecer a todos vocês por estarem aqui. Tenho certeza que isso é só o começo, ainda há muitos dias e muitas localidades pra percorrer. Mas até aqui vocês estão de parabéns pelo bom trabalho. Queria pedir desculpas por alguma falha por parte de nossa comunidade. Eu acredito que as afinações dos foliões, as remada são coisas que com o tempo vão ser melhoradas. Mas até aqui eu só tenho que parabenizar. Se alguém deseja falar, nós estamos abertos para ouvir.

Após esta declaração, os líderes da comunidade agradeceram pelas observações e prometeram que os erros seriam corrigidos. A reunião foi realizada em uma sala nos fundos da Igreja.

Após a reunião, a equipe permaneceu na igreja para a última veneração. No cronograma, a saída de Surpresa estava marcada para as dezesseis horas. Na saída da Igreja o Imperador e Imperatriz conduziram a Coroa em Procissão até o porto.

A procissão era formada por um corredor de devotos carregando as bandeiras que representam as diretorias do Vale do Guaporé, logo atrás estava o Imperador com a Coroa do Divino, a Imperatriz com o cetro e o Alferes da bandeira, com o mastro. No final estavam os foliões, baterista e a população de devotos. Os remeiros estavam ao redor da procissão, para escoltar e tirar qualquer obstáculo no caminho. No porto os símbolos foram devolvidos para a tripulação e a responsabilidade pelo Santo passou à Romaria.

A Cerimônia de despedida teve forte semelhança com os rituais de chegada, mas o Batelão realizou duas meia-luas e meia em frente ao porto e em seguida seguiu viagem pelo rio até a chegada do “Mestre Tiago”. Na despedida, o Batelão do Divino, sai primeiro e ao término o mensageiro recolheu as bandeiras e se retirou do porto. A cerimônia durou cerca de vinte minutos.

A aldeia de Sagarana era a próxima parada. O trajeto de Surpresa até esta localidade seria de uma hora. No cronograma, o horário de chegada era previsto para as dezessete horas. A tripulação descansou por meia hora.

Durante a viagem, alguns dos remeiros me procuraram, para poder ver as filmagens. Todos ficaram assistindo para verificar quais foram os erros nos movimentos de meia-lua com o remo. A perfeição na realização dos rituais é um processo que foi melhorando no decorrer da Missão. Esta ocasião da filmagem se repetiu em toda a caminhada e eu tive de conviver com muitos elogios, mas ao mesmo tempo com críticas e opiniões sobre as imagens. A próxima parada seria nas comunidades indígenas.

4.7 Os grupos indígenas

Foi às cinco horas da tarde que o Batelão do Divino chegou a aldeia de Sagarana e no dia seguinte, após a despedida da aldeia, eu perguntei aos amigos do barco sobre a noite anterior. Obtive respostas animadoras, todos disseram que os índios dançaram a noite inteira e até deram presente para um dos remeiros que estava fazendo aniversário:

Fotógrafo, as índias dançaram mesmo e cantavam os hinos do Divino na língua nativa. Na hora da dança elas pegavam na mão dos remeiros e chamavam pra dançar. Até agora essa foi a melhor vigília. Da gosto, de estar em um lugar assim.

O Grupo de Sagarana preparou uma coreografia especial para homenagear o Santo na chegada ao porto. A canção ao Divino era cantada em versão da língua nativa e era acompanhada por violão e coral. Estes momentos são descritos com base no comentário dos remeiros que passaram a noite na vigília.

Foi por volta de nove horas da manhã que o Batelão realizou a saída de Sagarana rumo ao almoço em uma localidade boliviana chamada, “Boca do Azul”. Houve uma variação importante nos rituais e, ao invés do Batelão realizar as duas meia-luas e meia ele fez apenas uma meia-lua e meia. Esta chegada foi mais curta que as anteriores. Depois do almoço, o barco esperou ainda algumas horas antes de partir. A espera ocorreu devido ao horário adiantado. O barco saiu da “Boca do Azul” por volta das duas e meia da tarde e chegou na aldeia de Ricardo Franco às quatro horas. Quando nos aproximamos da aldeia, todos se prepararam e se posicionaram na Carité que em seguida foi solta do barco e se posicionou para a chegada.

Para evitar qualquer contratempo, fui até a aldeia com o mensageiro, para autorizar as filmagens. Na chegada encontrei o presidente da Irmandade de Ricardo Franco e o Cacique:

-Muito prazer, eu sou um pesquisador que está realizando um trabalho de pesquisa sobre a passagem do Divino, gostaria da autorização dos senhores para a realização deste trabalho.
– Pode ficar a vontade para filmar e fazer o teu trabalho, aqui você é bem vindo.

Este comentário se fazia evidente, devido à correria das pessoas no porto para preparar e chamar todos para a chegada do Santo. Depois de dar ouvidos a este comentário, eu realizei a filmagem.

Procurei o líder do grupo, para conversar sobre a ligação deles com o Divino. A primeira pergunta que fiz a ele foi sobre a época em que a procissão chegou naquele território, ele respondeu que: “O Divino chegou há pouco tempo na comunidade. Foi o nosso grupo que tomou a iniciativa de solicitar a passagem da Coroa”.

Em meio a este comentário, outro fator me chamou atenção, ou seja, saber como se deu o processo de adaptação à Romaria: “No início, o pessoal achava os cantos da Romaria muito tristes e muitos ficavam curiosos para saber o porquê daqueles cantos tristes”.

Não foi possível estabelecer um diálogo profundo sobre o processo de adaptação, devido ao curto tempo e às responsabilidades das lideranças locais. O Santo ficou uma noite em Ricardo Franco. Logo após a conversa com o cacique, eu busquei com o encarregado da Coroa para entender qual era a visão que ele, como um devoto, tinha sobre a presença do Divino na aldeia. Ele me relatou:

Olha, há um tempo atrás as crianças indígenas tinham muito medo do Santo, na hora da veneração, muitas saíam correndo de medo ou então começavam a chorar quando se aproximavam da Coroa.

A comunidade tem forte exigência com a pessoa que está como representante na Romaria. Um dos índios de Ricardo Franco deixou claro que, o representante que é mandado pela aldeia tem de estar disciplinado e atento a todas as atividades, pois ele está representando toda a comunidade e por isso não podia fazer feio. Uns dias antes, quando estávamos na aldeia de Sagarana, as lideranças da tribo queriam tirar um dos componentes da Romaria que pertencia ao Grupo, por ele ter ido dormir em casa, sem avisar a direção. Para não ser expulso, o encarregado da Coroa teve de conversar com o cacique.

Na manhã do dia quatorze de abril, o líder da Irmandade em Ricardo Franco, levou toda a tripulação para visitar o museu da aldeia e conhecer os trabalhos que

eles realizam na comunidade. Em Ricardo Franco, há um ponto de cultura¹⁵ implantado pelo Ministério da Cultura. O museu proporciona o acesso aos trabalhos de filmagem e registro desenvolvidos pela aldeia. Após esta visita, a comunidade se preparou para a veneração final e o Batelão se despediu rumo à última aldeia.

Baía das Onças era a última comunidade indígena a ser visitada pela Romaria. Chegamos às dezesseis horas. Naquela ocasião, o cacique não estava presente e a responsabilidade estava nas mãos de seu irmão. Esta aldeia é a menor de todas e o Santo não foi venerado no porto, foi levado para o colégio da aldeia. Ali todos tiveram o acesso à veneração. Quando terminou este ato, procurei pessoas para conversar.

Enquanto o chefe da comunidade falava, os outros que estavam ao redor confirmavam as queixas e demonstravam a vontade de participar desta Romaria. Eles faziam questão de falar que tinham a capacidade de realizar uma chegada organizada sem precisar do auxílio de ninguém e buscavam o direito de fazer parte desta história. Com o término do diálogo, o chefe foi solicitado por alguém do grupo. As pessoas que estavam ao meu redor se dispersaram, mas atrás de mim, um senhor me tocou e disse: “Olha, eu sou antigo aqui na aldeia e também tenho histórias pra contar, e queria falar.”

E imediatamente voltei minha atenção para este senhor e fiz a seguinte pergunta: “Como foi que o senhor conheceu o Divino?”

E ele prontamente me respondeu:

Quando eu era pequeno, minha família me levava nas festas do Divino, eu achava estranho e não compreendia, mas mesmo assim eu venerava a Coroa. Na minha época o percurso todo ainda era feito a remo, naquela canoa que fez a chegada [Carité].

¹⁵ O Ponto de Cultura é um projeto do governo federal, que visa o incentivo das expressões e práticas culturais locais nas comunidades. Este projeto faz parte do “Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva” (Superintendência de Desenvolvimento Territorial da Cultura – SUDECULT, 2007/2010: 8), o programa foi implantado no ano de 2004 na gestão do governo Lula e o setor cultural é administrado pelo Ministério da Cultura. Na aldeia, o Ponto de Cultura contava com museu e um equipamento para a produção de filmes.

Nesta aldeia, as refeições foram servidas na escola. A novena aconteceu em outra sala do mesmo prédio.

Na manhã do dia quinze de abril, todos se dirigiram bem cedo para a escola. Ali foi servido o café e realizada a última veneração, antes da despedida da Romaria. Às nove horas da manhã retomamos a viagem. Baía das Onças, era o último território indígena. No final deste percurso, me apeguei aos relatos dos moradores e me fiz algumas questões: Como se deu o processo de adaptação ao culto do Divino? O que o Divino representa para estes povos indígenas?

4.8 Chegada Noturna

A próxima parada seria fazenda Porto Acre, propriedade de um antigo fazendeiro que está há muito tempo na tradição. A chegada em Porto Acre estava prevista para as quinze horas e devido ao horário, o encarregado do Batelão providenciou almoço para a tripulação.

Para o almoço, o proprietário da fazenda abateu um boi e serviu várias qualidades de carne. Este ato é muito comum entre os devotos, muitos preparam o animal com meses de antecedência. Com o término da refeição a Romaria se despediu e partiu rumo ao Forte Príncipe. Esta chegada estava programada para às oito horas da noite, fato que não agradava aos membros da tripulação. A falta de iluminação que dificultava a pilotagem do Batelão. Apesar da discordância, este era um horário que agradava muito aos fiéis e alguns diziam que as chegadas noturnas eram maravilhosas, por que a Carité ficava iluminada com velas.

No dia quinze de abril, a Carité deveria estar chegando no porto do Forte Príncipe. Por volta das sete e meia da noite, a tripulação estava próxima e todos já começavam a se preparar para a chegada. Os remeiros trouxeram as velas para colocar nas laterais da Carité. O primeiro proeiro pegou as velas e distribuiu para todos os remeiros, que compartilhavam o fogo. De três em três as velas eram amarradas e os remeiros acendiam e embarcavam na Carité. Esta foi a primeira vez que filmei uma chegada dentro da igrejinha. Apesar do meu equipamento de filmagem, não ter condições de realizar uma boa filmagem em situação noturna, eu

pensei em filmar e sentir como é o momento, diante de uma situação que exigia tantos cuidados. Principalmente quando se tratava de um trecho do rio que continha muitas pedras. (Video 4)

Dentro do Batelão, todos estavam tranquilos e protegendo o fogo das velas. Com minha câmera, eu só tinha condições de filmar a tripulação. Portanto, eu me concentrei em capturar o áudio das canções e as conversas.

Quando o encarregado da Coroa deu as ordens, o baterista iniciou a cadência e os remeiros começaram mover a embarcação. Era difícil saber qual era a exata distância que a Carité estava do porto. E o primeiro proeiro começou a instruir o baterista: “Ta na hora de virar essa caixa. Caixeiro vira logo a caixa”.

“Virar a caixa” significa mudar de cadência. Apesar da ordem o baterista não trocou a cadência e alguns remeiros falaram para o primeiro proeiro: “Calma, que a gente ainda esta um pouco longe do porto”.

O baterista seguia as instruções que eram dadas pelo encarregado da Coroa. A impressão que tive é que todos os remeiros estavam muito mais concentrados do que nas outras chegadas. Em forte Príncipe, a Carité realizou o percurso de duas meia- luas e meia.

Apesar da noite, já era possível ver toda a sinalização no porto, para receber o Santo. Muitos devotos estavam com velas, os fogos eram muitos além do grande número de pessoas. Quando a Carité estacionou, um corredor de bandeiras esperava a chegada do Santo.

No porto, a Coroa foi venerada por alguns fiéis e em seguida seguiu para a igreja, onde o padre celebrou a missa e os remeiros realizaram a novena. O jantar foi servido após a novena. A direção decidiu servir o jantar a essa hora, para evitar que as pessoas se dispersassem no jantar sem ir para a novena.

No dia seguinte parte dos remeiros, se reuniu para trocar o penteado da Carité. Os trabalhos foram conduzidos pelo Senhor Procópio Gomes, que é um dos mensageiros. Ele tinha grande experiência na Romaria e sabia as formas certas de colocar a palha. Os trabalhos da troca do telhado do Batelão se iniciaram após o

café da manhã, e se estenderam até a hora do almoço. Este processo é longo. Em primeiro lugar o broto precisa ser tirado da mata, em seguida o broto deve ser “aberto”, para a palha abrir as folhas. (Video 5)

Enquanto uns estavam abrindo os brotos, o outro grupo está tirando a velha cobertura. Após a retirada, a palha nova é colocada. É nesta etapa que o trabalho se torna mais cuidadoso, cada broto é colocado e preso com agulha e linha. Um grupo, segura a palha e os outros “costuram” as folhas para formar o penteado.

A troca do penteado foi feita com sucesso, mas logo ao anoitecer o seu Procópio teve de se dirigir ao hospital devido a problemas na pressão. O médico reuniu toda a tripulação para explicar as causas dos problemas de saúde. A ideia do médico era de interná-lo e interromper sua viagem na Romaria, pois o repouso era necessário na melhoria do estado clínico, mesmo com esta advertência, ele não quis sair da Missão. Diante das circunstâncias o médico advertiu a tripulação a manter vigilância, levando em conta que a alteração na pressão poderia ocorrer a qualquer momento.

O encarregado da Coroa assumiu a responsabilidade pelo mensageiro, alegando: “É melhor manter ele na viagem, por que se deixar vai ser pior, pois ele vai ficar triste e a pressão pode piorar. Agora é so todo mundo ficar de olho nele”.

Este seria o primeiro de muitos problemas de saúde que afetaram a tripulação. A gripe e a febre eram os grandes vilões. Eram poucas as casas para serem visitadas nesta comunidade e o grupo ficou mais descansado.

No segundo dia de trabalhos o mestre recebeu três novas crianças para serem testadas e integrarem o grupo de foliões na viagem. As mães traziam os filhos e os apresentavam ao mestre, este por sua vez começou a dar oportunidade para os novos cantores mostrarem sua capacidade vocal. Os pré-requisitos para ser admitido na Romaria eram os seguintes: boa afinação, estar com os versos das canções memorizadas e ter bom comportamento.

Eram três candidatos presentes. O mestre fez questão de chamar todos e alertar: “Olha vocês não estão aqui só pra ficar tomando café e se aproveitar da Romaria. Pra ficar e viajar tem que cantar e quem não cantar vai sair fora”.

Diante destas advertências, as crianças estavam sempre alertas às ordens proferidas. O encarregado da Coroa, que já foi mestre dos foliões, me disse:

Olha, às vezes tem mãe que traz o menino, mas infelizmente alguns não conseguem cantar direito. E aí esta é a hora mais difícil, que é dispensar uma criança, por que ela não sabe cantar.

Junto com as crianças do Forte Príncipe a tripulação ficou com sete crianças, que iam ser testadas ate chegar em Costa Marques. Depois dessas conversas com o encarregado da Coroa, eu tomei o café da manhã junto com a Romaria.

Na manhã do dia dezessete de abril o Batelão se despedia de Forte Príncipe. O choro dos parentes das crianças foi intenso, todos sabiam que os dias de viagem seriam longos e o clima de amor e despedida sensibilizou todas as pessoas presentes no porto. Na verdade este clima de saudade e tristeza foi uma constante em toda a viagem.

O Batelão seguiu para a fazenda Lamego, que pertencia ao marido da Prefeita da cidade de Costa Marques. Nesta fazenda, foi realizado o almoço e em seguida a Romaria seguiu o caminho. Tudo correu conforme previsto e às duas e meia da tarde o Batelão seguiu para a comunidade boliviana de Nova Brema.

A minha expectativa era muito grande, pois se tratava do primeiro pernoite realizado do outro lado da fronteira. Todos os colegas de viagem comentavam que os bolivianos eram muito mais dedicados ao Divino. Houve o atraso inevitável, devido à chuva. O clima no período da tarde estava fechado, e se ensaiava um longo temporal. O barco estacionou em um canto do rio e tivemos de esperar cerca de meia hora por uma estiagem. Assim que a chuva deu uma trégua, todos entraram na Carité.

Era o primeiro ano da nova diretoria. Na chegada, os moradores e devotos formaram um corredor de velas na beira do rio para Coroar a chegada do Santo. No porto, Imperatriz e Imperador tomaram a Coroa e em seguida os devotos formaram a fila da primeira veneração. Dalí o cortejo seguiu para a Igreja e os remeiros

realizaram os cantos e saudações. A comunidade preparou um altar em forma de alumínio que estava repleta de velas em homenagem ao Divino.

Após a chegada, alguns remeiros trouxeram suas barracas para perto da igreja, devido à grande distância do porto. Após a partida de Nueva Brema, percebi que os bolivianos eram muito mais atenciosos e disciplinados, as crianças sempre estavam em fila na hora da veneração, as refeições sempre eram de prioridade a equipe da Missão e havia alguém da comunidade de plantão para atender qualquer necessidade. Esses detalhes eram observados pelos líderes da Missão, e depois todos comentavam com muito agrado, sobre a atenção que recebiam.

4.9 Costa Marques

No dia dezoito, a Carité se dirigia para a cidade de Costa Marques. Esta era a maior cidade de todas, com uma programação prevista para sete dias de atividades. Por ser a cidade sede das Irmandades, o clima entre os membros era de apreensão e qualquer erro poderia custar a advertência da diretoria local.

Durante este trecho da viagem, pude observar o baterista ajustando o tambor. A princípio pedaços de fita isolante eram colocados no centro da pele batedeira. Estas fitas formavam um retângulo, em seguida as baquetas fizeram fluir o timbre. Durante o teste os olhos e ouvidos procuravam a sonoridade exata. As baquetas foram deixadas de lado e a chave de afinação entrou em cena, cada um dos parafusos do aro eram regulados através de um leve aperto. As baquetas voltaram novamente e uma nova sucessão de cadências foi realizada, sempre supervisionado pelo olhar e ouvidos atentos. Após alguns minutos, um sorriso de satisfação demonstrava que a sonoridade estava certa.

A ornamentação do instrumento era outro passo importante. O baterista pegou uma fita alaranjada, dobrou-a e com a tesoura, cortou alguns excessos de pano, em seguida a fita foi entrelaçada aos parafusos que sustentavam o aro. Outra fita de cor vermelha foi amarrada junto com a primeira, esta não foi dobrada, por que iria servir de correia. As duas pontas da fita foram amarradas em extremos opostos e assim se formou uma alça que estava sendo ajustada ao corpo. Foi necessário que

ele ficasse de pé, para testar o tamanho ideal da correia. Por fim, as baquetas voltaram à mão e com o olhar atento realizou o teste final, dizendo: “Tá bom”...



Figura. 12 – Nesta ocasião, o baterista estava dando manutenção no tambor. Pela seta, podemos identificar o “aro” que é feito de corda de violão.

FONTE: Arquivo pessoal.

A Irmandade disponibilizou dois tambores e era a primeira vez que o baterista iria usar o segundo modelo disponível no barco, que era idêntico ao primeiro. A princípio, os dois tambores tinham uma medida de quatorze polegadas no aro, tendo uma profundidade rasa que proporcionava um menor peso e maior facilidade de transporte.

Cada tambor tinha duas peles, uma batedeira que é onde as baquetas trabalham e a pele resposta, que está alojada na parte inferior do instrumento e controla a pressão dos toques na pele superior. A esteira é feita de uma corda de violão que é dobrada ao meio formando duas “linhas de esteiras”. Nestas esteiras são anexadas algumas pecinhas metálicas.

Poucas horas antes da chegada da tripulação, uma voadeira trouxe quatro crianças para ajudar os pequenos cantores, juntamente com mais um kit de coletes brancos para a chegada e saída e coletes azuis para os dias de atividade. O presidente da diretoria local reuniu rapidamente com os remeiros e foliões e disse:

“Olha, eu quero que vocês façam uma boa chegada aqui em Costa Marques. E que o Divino Espírito Santo possa estar com todos nós”.

Após estes comentários, o barco ficou tomado pela correria em tomar banho e vestir os uniformes. As crianças ajudavam umas às outras na hora de colocar o lenço, os remeiros se preocupavam em fazê-lo da maneira correta, com a pomba e a sigla do Divino no centro da testa. Muitos solicitavam minha ajuda pra “acertar o lenço”.

Na Carité, os foliões demonstravam tranquilidade. Os remeiros se preocupavam com os pequenos barcos que passavam perto do Batelão e jogava onda, o que levava a igreja a balançar muito. Todo cuidado era necessário, pois alguns integrantes ficavam em pé. Os remeiros estavam calados, com o remo nas mãos. O olhar de cada um espelhava seriedade e concentração.

Após alguns minutos, o encarregado da Coroa percebeu que o barco da tripulação estava se movimentando no porto, então o caixeiro lhe esclareceu: “O mensageiro ta dando ré”...

Quando o barco completou a manobra, o encarregado deu o sinal: “Vamo lá, pode começar”...

E assim deu-se o início. Em primeiro lugar, a buzina, com a sonoridade grave e volumosa, ecoou aos ouvidos dos devotos à espera. Mais uma vez o baterista movimentou os remeiros, através de uma “cadência enérgica” dando suporte ao remo acelerado que movimentava a Carité. Vale ressaltar que, em Costa Marques o baterista já estava mais seguro e habituado com a rotina do ritual de chegada.

Algo me chamou atenção: a total ausência de fogos. O ambiente era de total silêncio, não sei se isso foi uma exigência da diretoria ou se era uma forma peculiar da própria comunidade. Neste sentido, notei que o conjunto da paisagem sonora se modificou. Normalmente as cantorias do grupo na Carité eram acompanhadas por uma intensa salva de fogos, mas nesta ocasião, os sons do Batelão ecoavam na floresta em completo silêncio. O som da água movimentada pelo remo foi ouvido com mais intensidade e volume, o que não acontecia em outros

lugares devido aos fogos. Na verdade a paisagem sonora mudava de acordo com o ambiente. Em Costa Marques, o som vindo da Carité (inclusive dos remos na água) estava em maior presença.

O baterista trocou a cadência, para outro “andamento” que trabalhava de forma “cadenciada” (lenta). Esta cadência era o solo para a coreografia de saudação (meia-lua com a água feita pelo remo). Após a mudança na cadência, foi dado o segundo tiro de ronqueira e os remeiros começaram a canção:

De todos é de quem chega
O amor de Ti Senhor
Certamente vai gozar
Lá no céu é o redentor...2x

Cheguei, morador
Cheguei, morador
Cheguei
Cheguei, nos passos que eu não
mereço...2x

De certa forma, os movimentos coreográficos do remo, necessitam de outra cadência e isso justamente por ser um movimento geométrico que exige maior esforço. Em seguida houve um período de silêncio, por parte das vozes, onde o som da bateria e dos remos prevalecia. Mas depois de instantes os foliões iniciaram :

De todos é de quem chega
O amor deste Senhor
Certamente vai gozar
Lá no Céu é o redentor...2x

Antes dos foliões iniciarem a segunda estrofe, o mestre fez o interlúdio. E após este instante as vozes soaram a segunda estrofe:

Deus te salve casa santa
Onde Deus seja morada
Entre pias de Água benta
E a hóstia consagrada...2x

Naquela nuvem dourada
Desceu Deus nosso Senhor
Ele subindo, nos mandou

Seu espírito consolador...2x

As vozes das crianças trabalhavam na região aguda com muita intensidade e volume. Normalmente os foliões têm uma postura para cantar, ou seja, sempre em pé e com os braços cruzados. Era nítido o esforço das crianças, pois o som precisava ser audível para as pessoas no porto. Ao término destes cantos, novamente a ronqueira soou e em seguida os remeiros entoaram:

Deus te Salve casa santa
Onde Deus seja morada
Entre pias de água benta
Ai, ai, ai, ai
E a Hóstia consagrada...2x

Ceguei, morador, Ceguei
Morador, Ceguei,
Ceguei, nos passos
Que eu não mereço
Ceguei, morador, Ceguei
Morador, Ceguei

Sempre com interlúdio de preparação, as crianças assumem, com novos versos:

A pombinha vem voando
entre fitas e tope de flores
vem dizendo viva, viva
viva todos os moradores...2x

Em seguida a estes versos vieram outros, que infelizmente não tive condições de captar, mas após mais uma estrofe cantada pelos foliões, vieram os remeiros novamente:

Lá debaixo vem canoa
Lá do rio Guaporé
Vem perguntando quem
é o proeiro, Ai, ai, ai, ai
Proeiro da Carité...2x

Ceguei, morador, Ceguei
Morador, Ceguei
Ceguei, nos passos que não
mereço
Ceguei, morador, Ceguei

morador, Cheguei

Os remeiros terminaram a canção, e, logo em seguida, os foliões reiniciaram os versos:

A aurora cristalina
o mundo brilhante estão
confio em vossa bondade
vosso filho de joelho estão 2x

Após alguns segundos as crianças entoaram, uma nova estrofe:

Divino Espírito Santo
é mensageiro de nossa fé
é a maior tradição
do Vale do Guaporé 2x

Somente o som do tambor continuou permanente após o final desta estrofe, mas foi por pouco tempo. O som da ronqueira ecoou e os remeiros tomaram a frente com a canção:

Daquela nuvem dourada
Desceu Deus nosso Senhor
Ele subindo nos mandou
Ai, ai, ai, ai
Seu Espírito Consolador 2x

Cheguei, morador
Cheguei, morador
Cheguei
Cheguei, nos passos
Que eu não mereço
Cheguei, morador
Cheguei, morador
Cheguei

Continuando a sequência, o mestre dos foliões tocou o interlúdio para a última canção. Em seguida iniciaram:

Divino Espírito Santo
Divino Consolador
Consolai as nossas almas

Quando deste mundo for 2x...

Divino Espírito Santo
 Divino Consolador
 Ele é o nosso pai
 É o nosso redentor 2x...

Quando o Espírito de Deus
 [...] Vem derramando, sobre nós
 Paz, esperança e a fé 2x...

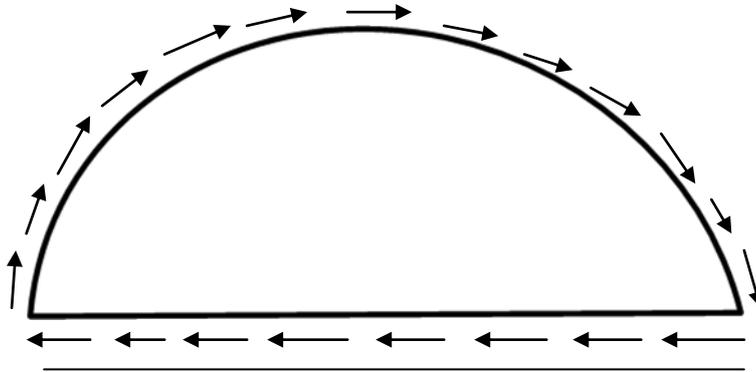
Quando os foliões terminaram, a Carité já estava ancorando em Costa Marques. O movimento de pessoas era grande e a Irmandade local havia preparado um cântico. Neste momento um coral já estava posicionado e iniciaram o louvor:

Levantei cedo fiz minha oração
 A fé no peito os pés no chão
 Peguei o meu remo, sai correndo
 Para viajar no Batelão
 No Passo lento, saio a jornada
 Pra Romaria da devoção
 Sou romeiro que caminha
 Sou devoto do senhor
 Caminhando para a terra santa
 Velha Trindade da Fé e do amor
 Velha trindade da fé e do amor
 Pra ir a terra do pai eterno
 Minha jornada durou muitos dias
 Trabalhei duro o ano inteiro
 Fiz os meus planos pra Romaria
 Pedi os anjos pra iluminar meus
 Passos
 E o pai eterno pra ser meu guia

Sou romeiro que caminha
 Sou devoto do Senhor
 Caminhando pra terra santa
 Velha trindade da fé e do amor
 E ao ver ao longe seu santuário
 Templo sagrado na forma de cruz
 Onde meu Pai fez a sua morada
 Com o Santo Espírito e seu filho
 Jesus
 Dou meus louvores pra chegar
 De novo
 Na terra santa cobertura de luz

Nas chegadas existem três cadencias de tambor. A primeira é para os remeiros seguirem em aproximação do porto, a segunda é para a coreografia dos

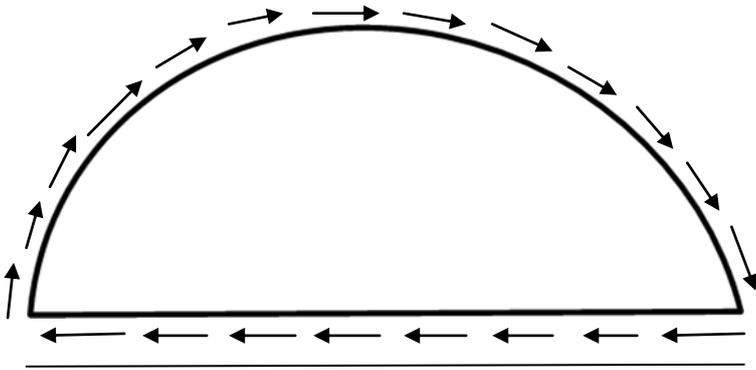
remos e a terceira para os foliões. O gráfico a seguir representa o percurso de chegada:



Este é a primeira meia-lua percorrida pelo Batelão. Durante o percurso os Foliões e Remeiros cantam alternadamente.

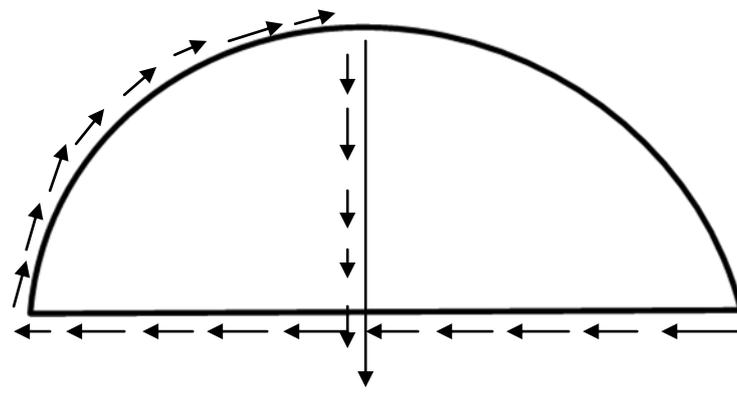
Início do Percurso

Porto



Na segunda meia-lua, o batelão permanece com a alternância entre remeiros e foliões, nas canções.

Porto



Última volta, o Batelão finaliza com a metade de uma meia-lua.

Porto

Em seguida a Coroa saiu da Carité para a veneração. Devido ao grande número de pessoas, os remeiros tiveram de fechar um círculo ao redor da Coroa, para a passagem dos símbolos ao Imperador e Imperatriz. A equipe estava em estado de alerta total, e uma imensa fila de devotos se formou para a veneração, fila que só teve fim após duas horas e meia de veneração. Em seguida, um longo caminho foi seguido até a chegada à Basílica do Divino, durante este caminho a chuva cercou a procissão e gerou grandes imprevistos para a Romaria chegando até mesmo a molhar a Coroa.

Em Costa Marques a tripulação foi levada ao alojamento especial que se localizava em frente à igreja. Era por volta das sete horas da noite, quando o Imperador chamou a equipe para a primeira refeição na cidade. A tradição exige que a primeira refeição seja na casa deste. Na chegada ao local percebi que havia muitas pessoas ao redor das mesas de refeições. O salão das refeições foi dividido em três partes: a primeira era destinada aos foliões, a segunda aos remeiros e a terceira servia a todas as pessoas da diretoria. Pouco antes da oração para servir o jantar, o Imperador ergueu a voz e disse: - “Gente, o pessoal da Romaria vai jantar primeiro e depois que eles terminarem a refeição todos poderão vir à mesa. Por favor quero que vocês aguardem a vez.”

Na hora do jantar, pude ver que os romeiros sempre comiam calados e sem brincadeiras. Outro fator foi a rapidez em que todos da Romaria terminaram o jantar, logo após o término da refeição procurei um dos remeiros e comentei sobre a pressa na mesa, em seguida ele me disse: - “É que a gente está acostumado a comer rápido mesmo. Eu passei pelo exército e aprendi a comer em 15 minutos.”

Logo após o jantar todos se dirigiram para a igreja celebrar a novena. Ao raiar o dia, a equipe foi para a casa da Imperatriz para o café da manhã. Este café era acompanhado pela Coroa que saiu da igreja para a casa da Imperatriz. Antes da Coroa ser retirada do altar, o baterista se dirigiu ao seu instrumento, ajustou a correia e deu as primeiras cadências que chamavam todos para estarem a postos para o começo da procissão. Faz parte do ofício do baterista, sempre tocar antes de qualquer procissão que o Santo tenha de realizar em qualquer comunidade. A caminhada era curta, mas quando o Santo chegou em frente da casa da Imperatriz eles se posicionaram e os foliões cantaram uma canção em saudação:

A pombinha vem voando
 Por cima da bela matriz
 Vem dizendo Viva, Viva
 Viva a nossa Imperatriz 2x

Viva a nossa Imperatriz
 Viva os anos que deseja
 A Graça do Senhor Divino
 Que hoje no mundo festeja 2x

Logo em seguida, veio o canto de entrada e a Imperatriz já esperava na porta de sua casa com a postura de muito respeito, reverência e emoção. Na janela da sala, tinha uma faixa que dizia: “Que o Senhor Divino Espírito Santo abençoe a todos”. Após o comando do mestre, os foliões iniciaram:

Nesta casa entraremos
 Com o Divino e alegria
 Cantando pede a esmola
 Para a festa no seu dia

O primeiro símbolo a entrar na sala da casa é a bandeira e em seguida os demais. Para finalizar, a família da Imperatriz se prepara e realiza a veneração, e em seguida a Coroa é colocada no altar especial na sala de estar. E todos se dirigiram para a mesa de refeição que havia sido preparada no quintal. O encarregado da Coroa, conduziu a oração para o café com as seguintes palavras:

Vamos pedir ao Divino Espírito Santo que abençoe esta família, a Imperatriz, Que tá oferecendo este alimento com muita vontade, que Deus nunca deixe faltar o seu pão de cada dia. Vamos pedir também ao Divino Espírito Santo que ilumine esta comunidade de Costa Marques, que os irmãos cresçam e tenham mais fé. Em agradecimento destas palavras, vamos cantar um “Pai nosso” e em seguida o Divino Companheiro a pedido da Imperatriz.

Após a refeição, a equipe realizou o primeiro dia de serviço em Costa Marques. A Secretaria Municipal de Turismo sempre busca alguns recursos com o

governo do estado para ornamentar a cidade, e o porto para os dias de celebração. Em sua grande maioria, os recursos vêm do governo estadual, mas existem alguns deputados que contribuem à causa do Divino. Estes sempre doam alguma quantia em dinheiro ou combustível e alimentação para as festas. Não irei aqui especificar os nomes e nem as quantias que estas pessoas doaram, mas a ajuda das autoridades governamentais têm tido um papel fundamental na manutenção da estrutura da Romaria. Todas estas articulações são realizadas pelos membros do Conselho Geral de Costa Marques.

Devido à grande extensão das caminhadas, aderi ao sistema de plantão. Sendo assim meu horário de serviço sempre era no horário da tarde, até o jantar. Em uma pausa para o almoço na casa do vice-presidente da Irmandade de Costa Marques, conversei com o encarregado da Coroa. Nesta ocasião, o assunto girava em torno do papel que o governo tem ocupado dentro dos negócios da Irmandade do Divino. Neste caso, comentei sobre o projeto que o governo tinha, de reformar o barco da Romaria e ele comentou que:

O governo tem um projeto de reformar o barco e colocar quartos com ar-condicionado, vídeo game para as crianças e etc. Eu acho que isso iria acabar com a Romaria e transformaria tudo em turismo. Pois o pessoal não iria para pagar promessa e sim fazer um turismo.

Estes comentários são frequentes entre os devotos, principalmente entre os mais antigos na tradição. Muitos deles reclamam da possibilidade de tudo virar um folclore e perder o sentido da fé. O coordenador da Irmandade em Costa Marques me falou da proposta da Secretaria Municipal de Turismo, em conseguir recursos para auxiliar na festa. Ele me expressou o receio desta ajuda:

Teve um ano que a prefeitura criou um posto de auxílio para oferecer alimento nos dias da passagem do Divino na cidade. Isso não é legal, estas refeições são sempre servidas pelos devotos. É uma tradição que não pode acabar, pois sempre teve fatura aqui na passagem do Divino, e nunca faltou nada devido à fé dos devotos...

Em outro almoço, um devoto antigo começou a contar histórias sobre as lembranças do Divino. Nesta ocasião ele falava sobre os tempos em que o trajeto era feito à remo e com a tripulação em uma Carité:

Uma vez chegamos em Remanso e a população doou muitas galinhas e pato vivo, teve até uma pessoa que deu um porco. Colocamos no Batelão e fomos embora, mas o padre que nos acompanhava se irritou e na primeira parada que fizemos, ele abandonou o porco na beira do rio e fomos embora...

O sentimento de saudade é muito presente quando uma roda de amigos senta para falar da caminhada. Muitos chegam a dizer que “naquele” tempo em que a Romaria era à remo, as coisas eram melhores e as pessoas se dedicavam mais. Alguns falavam de fatos curiosos, já outros, citam pessoas importantes que já morreram ou que não estão saindo na Romaria. Neste caso, duas pessoas mereceram destaque: Mestre Tiago e o senhor Saturnino que por muito tempo foi baterista da Irmandade.

No dia 23/04/2012, foram realizados dois encontros, um no período da tarde e outro a noite e o local escolhido foi a Basílica do Divino. Na primeira reunião, nem todos estavam presentes, muitos estavam trabalhando em companhia do Santo e outros vigiando o barco no porto. Mas apesar da pouca presença, a reunião se realizou. Para dar início a este encontro a diretoria cantou um Pai Nosso. A diretoria local estava presente e a pauta girava em torno de uma avaliação sobre o andamento da Romaria até aquele instante.

O diretor de Costa Marques, após a oração tomou a palavra e disse:

Irmãos nós estamos aqui para ouvir cada um de vocês, a sincera opinião sobre o andamento da Romaria até o exato momento. Vocês não precisam se acanhar, se tiver queixa contra alguém seja lá quem for, desde o chefe da Missão até o remeiro, pode falar que nós estamos aqui para ouvir...

A princípio, eu pensava que estas palavras eram dirigidas apenas para os membros da Romaria. Mas cometi um equívoco e a direção exigiu que eu opinasse. Ou seja, eles cobraram de mim um papel ativo dentro da Romaria e isso ocorria tanto pela minha função de professor e pesquisador. Num primeiro instante, me senti constrangido em emitir qualquer opinião, justamente devido à minha total inexperiência com a tradição, mas mesmo assim eu ressaltéi os pontos positivos da viagem dizendo:

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos os colegas no barco, tanto pela convivência como pelo apoio ao meu trabalho. E queria principalmente agradecer aos líderes da Romaria, que têm me dado as orientações certas e corrigido nos momentos de erro. No mais não tenho nada a reclamar de ninguém...

A minha fala foi a última para em seguida a diretoria relacionar alguns problemas que aguardavam resolução. A diretoria estava cogitando a possibilidade de retirar da Romaria alguns membros por desvio de função, ou seja, alguns não estavam cumprindo a sua função dentro do barco. Depois desta reunião, ficou acertado que o próximo encontro seria realizado depois da novena, numa sala da Basílica.

Depois de um dia todo de atividades, todos se dirigiram à sala da igreja. Antes do início, todos rezaram um Pai Nosso e em seguida o presidente da Irmandade local tomou a palavra e citou o relatório da reunião realizada na parte da tarde, logo em seguida ele relatou algumas das críticas realizadas a alguns membros da Romaria por algumas falhas. Um membro do grupo por livre e espontânea vontade decidiu sair da caminhada e entregou o crachá e os uniformes. Mas apesar dos intensos debates entre diretoria e equipe, todos chegaram num acordo e nenhum membro mais saiu de suas atividades e as desavenças foram todas resolvidas. Neste encontro também ficou acordado, que um fumaceiro e cozinheiro iriam integrar a Romaria juntamente com o grupo. A equipe em particular estava muito apreensiva acerca desta reunião, com o receio de alguém ser expulso da Romaria. Ser expulso é motivo de grande vergonha, tanto para o participante, como para a comunidade que lhe confiou esta responsabilidade, pude me certificar disso através da fala do salveiro que diz:

Eu quando venho para a Romaria, tento fazer o melhor. Não quero fazer feio pra minha comunidade que represento e nem para as pessoas que confiaram em mim. Se eu apontar, o que eu vou dizer pra minha mulher quando eu chegar em casa?

O dia vinte e quatro de abril marcava como sendo o último dia em Costa Marques. A expectativa da despedida era grande para todos. Os membros da equipe foram reconduzidos para o barco e no período da tarde o porto estava começando a lotar de pessoas para acompanhar a despedida do Santo. No barco, novos tambores de combustível e mantimentos eram colocados para seguir a viagem. Por volta das quatro horas da tarde, a Coroa estava chegando na beira do porto para ser reconduzida à Carité. Com o porto repleto de pessoas a Coroa foi reconduzida a mão do encarregado sendo seguida pelo Alferes da bandeira e os demais membros do Batelão. A paisagem apontava para um fim de tarde e os tiros de fogos e a comoção dos devotos completavam aquele cenário de despedidas. Logo a Carité começou a navegar e a voz dos pequenos cantores rompeu a tarde com os seguintes versos:

Despedidas, Despedidas
despedidas de toda gente
o Divino Espírito Santo
há de vir sempre sempre 2x

A primeira meia-lua começava com estes cantos seguido do primeiro tiro de ronqueira. Logo após o tiro, os remeiros deram partida nos versos da despedida:

De todos é de quem chega
[...]
Senhor Divino Espírito Santo
Até para o ano que vem 2x

Não pude transcrever o segundo verso desta canção, mas as duas últimas linhas destes versos se assemelham ao canto de despedida de um hinário do Divino que diz:

Despedida despedida
despedida de Belém
o Divino Espírito Santo, ai,ai,ai
até para o ano que vem. (Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo, 2011: 18)

Se foi um erro, este foi concertado de forma sutil e sem perder o ritmo e a cadência das remadas. Mas após este primeiro canto, se seguiu um segundo que reforçava a temática da despedida:

Adeus morador adeus
morador adeus, adeus
adeus nos passos que eu não mereço
adeus morador adeus 2x

Esta canção de adeus marcava o fim da primeira volta da meia-lua. E as vozes dos foliões já rompiam com as letras de saudades:

Despedida, despedida
Despedida em Belém
Senhor Divino Espírito Santo
Até para o ano que vem 2x

Quando o Espírito de Deus
[...]
Vem derramando sobre nós
paz esperança e a fé 2x

O som da ronqueira deu partida para a continuidade da cerimônia, com o segundo canto dos remeiros:

Lá de baixo vem canoa
Lá do rio Guaporé
Vem perguntando quem é o proeiro
Ai, ai, ai, ai
Proeiro da Carité 2x...

Adeus, morador adeus
morador , adeus
adeus nos passos que eu não mereço
adeus , morador adeus
morador , adeus

A canção da despedida novamente se repete na voz dos foliões, que no final da segunda meia-lua começam a canção:

A pombinha vem voando
Entre fitas e tope de flores
Vem dizendo viva, viva
Viva a todos os moradores 2x

Divino Espírito Santo
 Mensageiro da nossa Fé
 É a maior tradição
 Do Vale do Guaporé 2x

E o terceiro tiro de ronqueira sinaliza a canção a ser cantada pelos remeiros:

Daquela nuvem dourada
 Desceu Deus nosso Senhor
 ele subindo nos mandou
 Ai, ai, ai, ai
 Seu Espírito consolador 2x

Adeus, morador, adeus
 morador, adeus
 adeus nos passos que não mereço
 adeus, morador, adeus, morador
 adeus

Estas estrofes foram executadas da última volta do Batelão antes de seguir viagem, ou seja, o terceiro tiro sinaliza a última volta do Batelão que consiste em metade do percurso de uma meia-lua. No final desta terceira metade de meia-lua os foliões também cantam seu hino final para o encerramento da cerimônia na beira do porto:

Deus te pague casa santa
 onde Deus seja morada
 entre pias de água benta
 e a hóstia consagrada 2x

Os foliões cantaram uma estrofe a menos, para logo em seguida ser disparado um quarto tiro de ronqueira, seguido da voz dos remeiros:

Deus te salve casa santa
 Onde Deus seja a morada
 Entre pias de água benta
 ai, ai, ai, ai
 e a hóstia consagrada 2x

Adeus , morador, adeus, morador
 Adeus

Esta canção fechava aquele momento, que logo em seguida seria reiniciado, por que a comunidade de Buena Vista estava do outro lado do rio, logo em frente ao porto de Costa Marques. O salveiro terminou o ultimo tiro e já preparou tudo novamente para a outra sequência que viria logo adiante. As próximas comunidades seriam: Buena vista, Santa Fé, Santa Luzia e Santa Isabel.

4.10 Um momento inédito e a chegada pela estrada.

Quando terminaram os cantos, o baterista mudou a cadência. Era um andamento mais rápido para que os remeiros remassem com mais intensidade. Paralelamente a esta mudança, um dos proeiros deu três toques de buzina que marcavam definitivamente o fim e a despedida de Costa Marques. A presença do Santo em Buena Vista foi de meia hora e logo em seguida ele partiu para a comunidade de Santa Fé.



Figura. 13 – Remeiros carregando os foliões.

FONTE: Arquivo pessoal.

Em Santa Fé a Coroa permaneceu por cerca de uma hora, mas ali aconteceu algo que chamou atenção, e, pela minha primeira experiência, era algo novo que se diferenciava das outras chegadas em comunidades passadas. A Carité estacionou aos fundos de uma fazenda. Não havia um local seco para todos

passarem. Isso acontece devido ao período das cheias do rio Guaporé onde as águas invadem a beira dos rios e forma terrenos alagados com uma camada de lama misturada com mato e excrementos do gado.

Nesta ocasião a equipe estava tendo dificuldades em passar pelo terreno alagado. A solução adotada foi dobrar a barra da calça e andar descalço.

Os foliões tiveram que ser carregados pelos remeiros para evitar risco de alguma queda, picadas de insetos ou algum ferimento qualquer. A imagem das crianças sendo carregadas pelos remeiros foi única e durante toda a viagem este gesto não iria se repetir (Fig. 13).

De acordo com a tradição, os foliões devem ser sempre protegidos contra qualquer imprevisto. O percurso da chegada em Santa Fé foi encurtado e a Carité fez apenas uma volta e meia antes de estacionar o Batelão.

A igreja em Santa Fé não possuía iluminação própria, mas foi iluminada por velas que estavam no altar e com os remeiros. Ali o Santo foi venerado, por cerca de uma hora antes de sair para a comunidade de Santa Luzia para o pernoite.

Em Santa Luzia, havia a presença de alguns membros de Costa Marques, que vieram pela estrada que liga o Município a essas pequenas comunidades.

Na manhã do dia seguinte, já em Santa Luzia aconteceu algo especial, pois a chegada em Santa Isabel foi feita por via terrestre. Para a Romaria ir, os moradores enviaram alguns veículos que carregaram toda a comissão e alguns devotos para acompanhar. A distância de Santa Luzia para Santa Isabel era de aproximadamente sete quilômetros. A viagem durou cerca de vinte minutos sendo que a chegada estava programada para as dez horas da manhã. Quando o veículo se aproximou da igreja, todos desceram e os símbolos do Divino (Coroa, cetro e bandeira) se posicionaram na frente, e o mestre, o caixeiro e os foliões ficaram atrás da Coroa. Logo em seguida o baterista iniciou sua cadência, sendo acompanhado pelo violão do mestre para logo em seguida os foliões cantarem. Toda a procissão caminhou rumo à igreja. A caminhada foi curta e os fiéis já estavam à espera. Em Santa Isabel os habitantes ofereceram um almoço para a Romaria e depois da refeição a Coroa fez visita a uma casa e em seguida, se dirigiu novamente ao

veículo que levou todos de volta a Santa Luzia. A equipe se preparou para voltar ao barco e seguir viagem, a saída ocorreu por volta de quatro horas da tarde.

4.11 A reserva biológica e o gesto emocionado.

A próxima parada seria a reserva Ecovale. O trecho entre Santa Luzia e esta comunidade seria percorrido aproximadamente em oito horas. Este tempo no barco me proporcionou a oportunidade de lavar as roupas, fazer algumas anotações e dar aulas para as crianças.

Os remeiros aproveitam as longas viagens para lavar roupas, ou fazer alguma manutenção no barco. As tarefas são sempre bem divididas. Na cozinha uma escala é montada para auxiliar os cozinheiros a preparar o alimento. Em Costa Marques, a diretoria embarcou um cozinheiro, mas após dois dias de viagem, este adquiriu uma gripe muito forte que comprometeu o exercício de suas obrigações a bordo. Ele ficou com sintomas fortes que o deixaram acamado por dois dias seguidos do trecho entre Costa Marques e Porto Murtinho. Foi a partir deste primeiro caso, que o barco passou a ter de lidar com os vários membros do grupo que sempre adoeciam. Praticamente toda a tripulação passou por algum sintoma de doença durante a viagem. Em alguns os sintomas eram mais intensos e submetia a pessoa a vários dias acamado e já em outros os sintomas se manifestavam de maneira leve e não comprometiam sua participação nas atividades. Nestas horas de doença, muitos recorriam a remédios caseiros ou a analgésicos que estavam disponibilizados no barco. Infelizmente a equipe não contava com enfermeiro e no trecho em que estávamos não havia qualquer assistência médica disponível.

Na reserva da Ecovale os foliões puderam se divertir vendo alguns animais. Ali estava previsto apenas um almoço e uma pequena pausa para descanso. A reserva contava com poucas pessoas que tratavam da manutenção do lugar e muitos aproveitaram o horário vago para lavar roupa ou para dormir. Mas o encarregado da Coroa teve de chamar atenção de um remeiro, que pediu a máquina de lavar emprestado para lavar suas roupas. Vendo isso o encarregado se dirigiu ao barco e perguntou a todos: - “Quem pediu a máquina de lavar emprestado do pessoal da casa?”

Logo em seguida um dos remeiros assumiu:

---fui eu Encarregado, eu pedi por que eu já trabalhei aqui e conheço todo mundo.

---Mas você não devia ter feito isso, pois todo mundo está lavando a roupa na mão e você não é melhor que ninguém pra ter de lavar sua roupa na máquina. E tem mais, se essa maquina estragar quem vai pagar o conserto? Pois vá até la e devolva esta maquina agora.

Depois desta fala, o remeiro obedeceu a ordem. Na verdade toda vez que os líderes do barco iam conversar com o grupo, todos ficavam apreensivos e preocupados com o risco de serem expulsos da caminhada.

Seguindo a viagem o barco do Divino estava prestes a entrar em um dos trechos mais difíceis da viagem, que era o rio São Miguel, rota para chegar em Porto Murtinho. O formato estreito do rio era uma das preocupações. Constantemente alguém tinha de mergulhar para tirar o mato que ficava enroscado na hélice do motor do Mestre Tiago.

Na manhã do dia vinte e sete de abril, por volta das seis horas da manhã, os remeiros se reuniram no Batelão para fazer a oração. Esta oração aconteceu ali por que a equipe estava à caminho de Porto Murtinho e segundo a tradição a oração das seis horas da manhã deve ser feita independentemente da Coroa estar em terra ou não. Nesta ocasião um membro da equipe que morava em Porto Murtinho, dirigiu a oração. Este momento foi de grande comoção, pois ele lembrou do ente querido que havia falecido, e na hora da oração ele declarou: “Bom dia a todos.”

Em seguida todos fizeram o sinal da cruz.

---Vamos pedir a Deus e agradecer ao Senhor Divino Espírito Santo por mais um dia de caminhada, e pedir também que nos proteja de todo o mal e das conversas. Não vamos dar ouvido prá isso. Vamos pedir a Ele uma boa entrada no São Miguel e que nada se atrapalhe, que não dê problema no motor e que possa ser uma chegada bonita. E (momento de choro) vai ser uma chegada muito emocionada pra mim, vocês sabem o que eu perdi e eu peço muita força a todos os colegas. Desculpe gente. Em louvor dessas palavras vamos rezar um Pai Nosso de mãos dadas.

Quando o barco entrou no rio São Miguel, todos os membros da equipe se dirigiram para a proa, para realizar um ato de extrema importância: o batismo das pessoas que estavam entrando no rio pela primeira vez. Cada pessoa da equipe escolheu um padrinho entre aqueles que já tinham sido batizados. Esta cerimônia é tão importante que o grupo quis se assegurar do registro áudio visual.

O batismo era realizado de forma breve com o barco em movimento, o padrinho e seu afilhado se aproximavam da proa da Carité, em seguida o afilhado se ajoelhava e o padrinho enchia uma vasilha com água e perguntava: -“ Você quer ser batizado?” (Fig. 14)



Figura. 14 – Momento do batismo no Rio São Miguel.

FONTE: Arquivo pessoal.

E o devoto respondia: - “sim.”

E com a vasilha de água o padrinho desenhava o sinal da cruz na cabeça de seu afilhado afirmando: - “Então eu te batizo em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo”.

No final do batizado eu perguntei ao salveiro, sobre a causa deste batismo: “A gente batiza, pra evitar que a pessoa pegue alguma doença, porque se entrar neste rio pela primeira vez e não batizar, alguma coisa de ruim pode acontecer.”

Neste trecho do rio São Miguel, tive de dar aulas, mas tive dificuldades em ter atenção dos alunos, devido ao grande entretenimento que a paisagem nos proporcionava.

A chegada em Porto Murtinho estava prevista para as nove horas da manhã, mas o barco chegou alguns minutos mais cedo próximo ao porto. E quando atracou, uma voadeira trouxe o presidente local para verificar a situação e organização da equipe. Em nenhum momento ele reclamou de alguma coisa que estivesse faltando no barco. Após alguns minutos saiu e retornou para preparar a comunidade para a recepção.

Depois de sua saída, todos se movimentaram para entrar na Carité e iniciar a chegada. Infelizmente não tive condições de filmar, devido a uma falha no motor da voadeira que estava me auxiliando. Só me restou a possibilidade de filmar no barco do Divino. Este ângulo proporcionou uma visão geral do porto, que tinha uma decoração peculiar, até o rio estava com alguns balões coloridos boiando e um arco de balões também decorava o porto. Em Porto Murtinho o Batelão realizou duas meias luas e meia para estacionar. A fila de veneração foi sendo formada quando o Batelão estacionou. Havia muitas pessoas em espírito de comoção diante da presença da Coroa. Mas para não machucar os joelhos dos devotos, a diretoria fez um piso de areia para a veneração, devido às condições ruins do terreno que era feito de cascalho, com pedras cortantes.

A última veneração foi marcada por um ato especial para todos os que estavam participando naquela tarde: uma devota andou de joelhos com a Coroa na cabeça, do porto até a entrada na igreja. Esta cena chamou a atenção de todos, pois a devota chorava muito e algumas vezes, teve de parar para descansar os joelhos antes de continuar. Para evitar qualquer imprevisto no trajeto, os remeiros formaram um corredor para afastar as pessoas que estivessem na frente da Coroa. O percurso era de cerca de 100 metros, e foi cumprido perfeitamente apesar do desgaste físico da devota. No final do percurso, a senhora, mesmo de joelhos, abraçou sua filha que veio em sua direção.

Na chegada em Porto Murtinho, os procedimentos iniciais foram iguais a todos os lugares onde a Romaria chegou: primeiro houve a veneração no porto, a

ida para a igreja e o hino: “A nós descei Divina Luz”. Em seguida o mestre anunciou os “vivas”. Embora a cerimônia de chegada tenha variado em alguns momentos, os procedimentos em terra foram sempre os mesmos até o final dos festejos. Depois das saudações da chegada, a diretoria tomou a palavra, fez os agradecimentos e pediu para que todos os membros da Romaria se apresentassem:

O povo da linha São Francisco do Guaporé, o povo da linha dez, oito, linha seis, linha quatro, linha dois. Enfim todos presentes, é a maior satisfação ter vocês aqui reunidos. Quero agradecer à prefeitura municipal que tem dado o maior empenho aqui para nós e agradecer também ao Pedrão, da fazenda Estrela, se não me engano é o nome da fazenda dele. Que doou ai uma vaca para o povo. Neste momento aqui eu quero pedir a colaboração de toda a Romaria principalmente começando pelo encarregado da Coroa e depois toda a equipe para que se apresentem a todos (...)

Em seguida e essas palavras todos se apresentaram para o público ali presente e a equipe aguardou a chamada para o almoço. Neste meio tempo alguns mantêm vigília constante na Coroa e outros se dirigem ao barco para outros afazeres. O almoço foi servido em uma casa próxima à igreja. Na mesa muitas vezes o mestre se sentia constrangido em pedir para o dono da casa providenciar refrigerante e água quente para os foliões, pois eles não podiam tomar nada gelado durante os dias de Romaria, para não prejudicar a voz que, muitas vezes durante a viagem, já sofria danos devido ao tempo de plantão.

Com o término do almoço, a equipe seguiu para a primeira visita que foi realizada no período da tarde. A casa a receber a visita estava à uma distância de dois quilômetros e meio da Igreja.

Nesta localidade foi oferecido outro tambor para o baterista. De início o tambor foi aceito de bom grado. Na hora em que o baterista começou a tocar, um grande descontentamento foi notado e isso devido ao som “estranho” que o tambor estava produzindo. Durante a parte da tarde, nosso baterista tentou de todas as maneiras encontrar o som adequado, mas não conseguiu. De fato, enquanto tocava, ele olhava pra mim e desabafava um ar de reprovação.

Terminada as visitas do período da tarde, sentei e perguntei ao baterista sobre; o porquê de usar aquele tambor, então ele me disse: “eu to usando este por

que o pessoal da comunidade trouxe pra mim, mas ele não é bom e eu fiquei sem jeito de dizer não.”

Infelizmente, não tive tempo de ir a fundo para questionar qual era o som ideal para o tambor, mas creio poder descrever a diferença entre o tambor do Divino e o tambor que um devoto em Porto Murtinho tinha providenciado: O tambor do Divino que estava com o baterista era pintado com as cores do Divino (vermelho, branco e azul), já o outro era todo prateado. Outro ponto de diferença era principalmente na pele inferior do tambor (que no contexto técnico-artístico é chamado de esteira). A esteira do tambor oferecido, tinha um número maior de arames e todos eram feitos de alumínio, já o tambor do Divino tinha duas linhas de esteira que são feitas através de uma corda de violão. Neste processo o encarregado providencia uma corda usada de violão e dobra em duas partes, em seguida alguns pedaços de metal são acoplados nesta corda (como se fosse um varal de roupa) por fim, esta cordas com as pequenas peças de ferro, são amarradas no tambor e vem a etapa da afinação (Fig 12).

No dia vinte e sete de Abril, o barco saiu de Porto Murtinho para chegar em Santo Antônio, que é um local remanescente de quilombolas. Nesta comunidade o Santo teve uma parada de dois dias para seguir em direção ao território de Versalhes na Bolívia. O tempo de estadia em Versalles foi maior e a Coroa ficou três dias.

Dia três de maio o Divino saía de Versalles na parte da manhã, para uma rápida passagem em uma fazenda de propriedade do governo chamada: Pau D'óleo. Depois da fazenda, o Santo foi pernoitar em uma pequena fazenda boliviana com o nome de Porto Federico. Na manhã do dia seguinte o barco tomou um grande trecho de viagem que foi das oito da manhã, às quatro da tarde.

5. Pedras Negras

Pedras Negras era a próxima parada para a equipe. A chegada era encarada com muita atenção, devido à correnteza do rio que é muito forte neste trecho. Um pouco antes algum remeiro chegou a comentar que teve ocasião da

Carité precisar de apoio de um outro barco para poder vencer a força da correnteza da água. Nesta ocasião o Batelão não teve problemas em fazer todo o percurso de chegada, claro que o Batelão se movimentou de forma mais cadenciada do que o normal.

A comunidade de Pedras Negras estava sob a direção da Senhora Aniceta e juntamente com ela todo um grupo que trabalhava na organização. O porto estava ornamentado e quando a Carité estacionou um devoto local entoou uma canção que foi acompanhada por outras pessoas também. Esta canção tinha o teclado como um auxílio para os cantos, após este instante toda a comunidade venerou a Coroa e esta seguiu para a igreja.

Neste trecho da viagem, o encarregado da Coroa deu um dia de folga para a equipe, por que as fitas da Coroa iam ser lavadas e recolocadas. Na verdade é da tradição, que toda a vez que a Coroa passa por Pedras Negras, tem de ser lavada pela Senhora Aniceta. De acordo com alguns devotos a Coroa não pode ser vista “nua”. Havia comentários de devotos elogiando o trabalho que a Senhora Aniceta faz, lavando as fitas da Coroa. De acordo com a tradição, as fitas da Coroa sempre são trocadas com algum devoto que queira levar pra casa. Em vários momentos, me vi diante da Coroa com o encarregado tirando uma fita que era entregue para o devoto, em troca de outra para ser repostas.

Em uma manhã de visita à casa dos devotos, tive oportunidade de escutar uma conversa entre devotos antigos que me diziam:

Olha, antigamente este festejo era diferente, pois os mais jovens não ficavam guardando a Coroa, como é hoje. Eles iam é dançar e os mais velhos se encarregavam de ficar zelando da vigília com o Santo. Havia o lugar da devoção séria, e o lugar da festa onde muitos dançavam.

Indo mais a fundo nos comentários, eles me diziam que este tempo das festas tinha de voltar e que não deviam colocar estas regras forçadas durante a viagem. Esta discussão foi levantada por outros devotos que também se queixavam destas regras que desvirtuaram muitos elementos da antiga tradição.

Em meio à conversa com um folião acerca das fitas, ele me disse: - “É bom você levar uma fita dessas que está na Coroa, pois se você estiver doente é só fazer um chá com a fita que a saúde melhora”.

Os dias em Pedras Negras foram bem aproveitados por todos ali presentes. Mas neste momento, gostaria de falar sobre a Cerimônia de despedida.

Antes de seguir para a Carité a Coroa passa na Igreja, para que todos os devotos possam se despedir. Em seguida, todos vão para o porto e a Coroa volta a ser de responsabilidade da tripulação. Neste momento ocorre uma transferência de responsabilidade, ou seja, quando o Divino está na comunidade, toda a responsabilidade sobre a equipe passa a ser dos devotos que ali residem, mas na hora das despedidas, esta responsabilidade retorna para a equipe do Batelão.

Diante de completo silêncio, a Coroa é devolvida para o encarregado da Coroa, que adentra o Batelão e toma sua posição. Em seguida os remeiros impulsionam o Batelão, que logo é tomado pelo impulso da correnteza. Nas despedidas o Batelão percorreu duas meias luas e meia. Num primeiro momento, era nítido o som do tambor juntamente com o timbre dos remos agitando as águas. Esta combinação sonora, foi complementada com as vozes infantis:

Despedidas, despedidas
Despedidas de toda gente
Senhor Divino Espírito Santo
Há de vir sempre sempre } 2x

O som dos fogos de artifício, começaram a fazer parte da paisagem sonora, estes eram levados pelos devotos que os soltavam durante as despedidas. Um pequeno silêncio e o primeiro proeiro ergue a voz, seguido do tiro de ronqueira:

Despedidas, despedidas
Despedidas em Belém
Senhor Divino Espírito Santo, ai, ai, ai, ai }
Até para o ano que vem } 2x

Adeus morador, adeus morador
Adeus

Adeus nos passos que eu não
 Mereço
 Adeus morador, adeus morador
 Adeus

A primeira volta da meia-lua estava se completando e os foliões deram continuidade:

Deus te salve casa santa
 Onde Deus seja morada
 Entre pias de água benta }
 E a hóstia consagrada } 2x

Daquela nuvem dourada
 Desceu Deus nosso Senhor
 Ele subindo, nos mandou }
 Seu Espírito Consolador } 2x

Para iniciar a segunda volta, o salveiro detonou o segundo tiro, e os remeiros prosseguiram cantando:

Lá de baixo vem canoa
 Lá do rio Guaporé
 Vem perguntando quem é o proeiro, ai, ai, ai, ai }
 Proeiro da Carité } 2x

Adeus morador, adeus morador
 Adeus
 Adeus nos passos que eu não
 Mereço
 Adeus morador, adeus morador
 Adeus

Ao final destes cânticos, a segunda meia-lua se completava e os foliões deram voz:

Divino Espírito Santo
 Mensageiro da nossa fé
 E a maior tradição }
 Do Vale do Guaporé } 2x

Esta foi uma das últimas canções que os tripulantes cantaram. Mas apesar de não ter conseguido registrar todos os versos, gostaria de registrar aqui a última canção que foi entoada pelos remeiros.

Depois que a Carité completa o percurso, o baterista muda a cadência e imediatamente os remeiros suspendem o movimento de meia-lua e passam a conduzir o Batelão com mais rapidez. Isso ocorre por que a cadência do baterista traz um andamento mais rápido e intenso. Vamos aos versos:

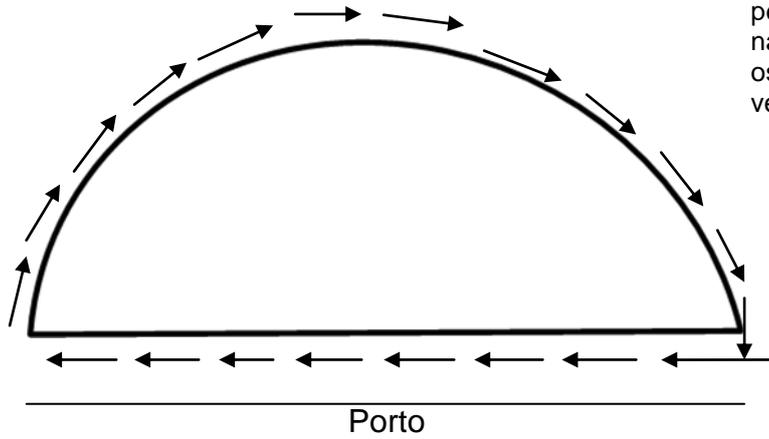
Senhora Maria você como está? }
 Seu barco virou no fundo do mar } 2x
 Virou, virou deixou de virar }
 Senhora Maria não soube remar } 2x

Por cima dessa bandeira } Pergunta
 Mineiro pau mineiro pau } Resposta
 Vai um povo avoando } Pergunta
 Mineiro pau mineiro pau } Resposta
 E o Divino Espírito Santo } Pergunta
 Mineiro pau mineiro pau } Resposta
 Que nos vem abençoando } Pergunta
 Mineiro pau mineiro pau } Resposta

Neste cântico, os remeiros trabalham a segunda estrofe de forma alternada, ou seja, um remeiro canta o primeiro verso (pergunta) e os outros remeiros cantam o segundo verso (resposta), e assim se segue até o final do cântico. Quando se encerra o canto, a buzina é tocada três vezes e o salveiro fecha com o último tiro. Três dos remeiros cederam seus lugares para outros devotos da comunidade. Este é um costume muito comum durante os festejos.

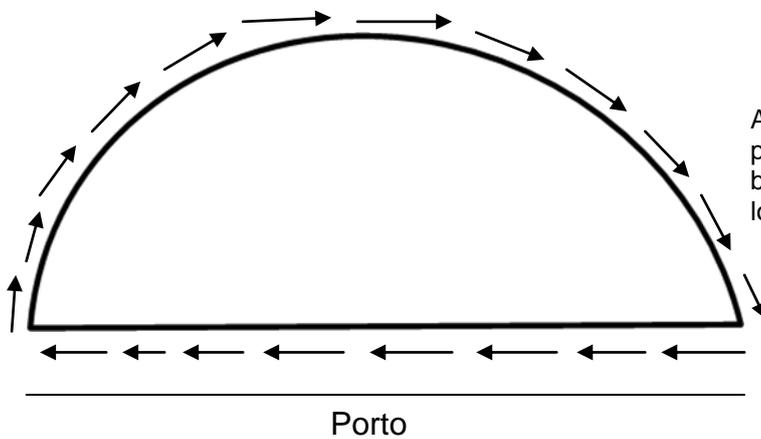
Logo abaixo, temos o gráfico do percurso do Batelão:

As temáticas das canções e o percurso do Batelão são alterados nas cerimônias de despedidas. Para os remeiros é acrescentado os versos do cântico “mineiro pau”.

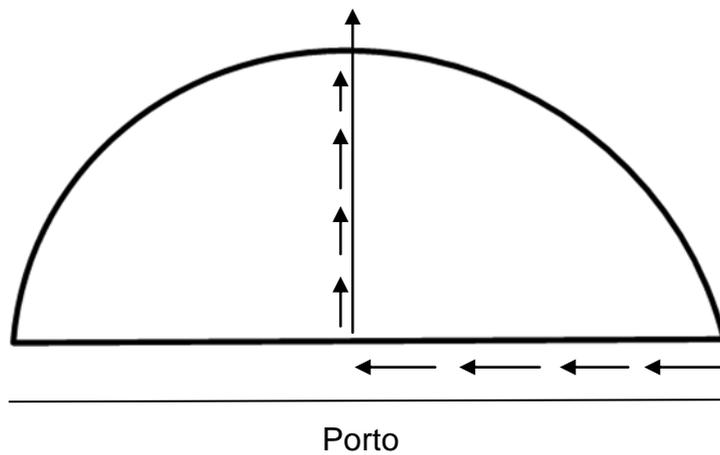


Início do percurso¹⁶

As canções dos remeiros e foliões passam a falar de despedidas e de bênçãos para os habitantes da localidade.



Fim da última meia lua.



Em toda a viagem, esta foi a primeira e ultima vez que a Coroa recebeu cuidados de limpeza.

¹⁶ Da mesma forma que a chegada, o percurso da saída pode ser tanto no sentido horário como no anti-horário

Depois de Pedras Negras, a viagem seguia rumo a duas comunidades no lado boliviano. A parada para o almoço seria em Matrinchã e após a refeição o Santo saiu para o pernoite no povoado boliviano de Mateguá. Todas estas duas localidades são supervisionadas pela diretoria de Pedras Negras, pois ainda não existe diretoria organizada nestes locais.

Após o pernoite, seguimos para uma parada de almoço na fazenda de Ilha das Flores. Esta fazenda faz parte da história do surgimento do culto ao Divino.

Saindo de Ilha das Flores, a equipe teria outra chegada noturna, que seria em Tarumã (atualmente este território possui apenas uma pequena casa). Quando o barco chegou perto do local, todos entraram na Carité e iniciaram a chegada. Os remeiros e o encarregado do Batelão tiveram dificuldades de chegar ao porto, devido à falta de sinalização para referência ao Batelão que estava trabalhando em total escuridão. Além da sinalização, todos se preocuparam no momento de sair da Carité, por que o terreno tinha elevação (barranco) e era arriscado para a subida. Para tentar solucionar este imprevisto, os remeiros que desciam da Carité, acendiam velas para iluminar o caminho do encarregado da Coroa.

No dia seguinte à chegada em Tarumã, estive conversando com um dos mensageiros, sobre a história da localidade em que estávamos. Ele me disse que antigamente Tarumã era um povoado em que residiam muitas famílias e sempre na chegada do Divino, tinha a presença de todos ali com muita festa e alegria. O mensageiro me relatou que muitos mudaram pela falta de recursos para viver com qualidade de vida. De fato esta afirmação me foi repetida outras vezes. Muitos dos antigos moradores da região do Vale do Guaporé reclamam que a maioria dos habitantes abandonaram suas propriedades, devido à falta de assistência.

Na parte da tarde, a Carité aportou em Rolim de Moura do Guaporé. Pouco antes de iniciar a cerimônia, um devoto veio até a tripulação e se ofereceu para ser um dos remeiros na chegada, seu desejo foi prontamente aceito.

Este devoto que participou juntamente com os remeiros, teve um desmaio quando a Carité aportou. O imprevisto foi solucionado com muita eficiência e naturalidade, o que colaborou para o bom andamento das festividades.

Em Rolim de Moura os devotos, ornamentaram o porto com rosas, que foram usadas para fazer um desenho no chão em formato de coração. Além dessa ornamentação, um grupo musical cantou para o Santo. Normalmente, este tipo de recepção causa bastante comoção nos romeiros. Muitos comentavam comigo que era muito emocionante ver as pessoas recebendo o Santo com cânticos e com alegria. Eles sempre pediam pra registrar estas chegadas especiais. Rolim de Moura era um dos poucos lugares em que pude ver a presença do padre, que conduziu todas as missas antes das novenas.

Em Rolim de Moura uma devota pediu para pagar uma promessa de ficar dez minutos com a Coroa na cabeça, seu pedido foi atendido.

Durante a estadia nesta localidade, tive a oportunidade de conhecer um grupo de freiras que estavam na cidade juntamente com o padre, para as festividades do Divino. Em meio às conversas elas manifestaram o desejo de conhecer a história da Romaria. Diante delas eu comentei o pouco que eu sabia, mas em meio a esta conversa surgiu a questão de como era o relacionamento da Igreja Católica, com a comunidade do Divino. Diante desta questão, tive de ser delicado para explicar.

Em primeiro lugar, vale a pena ressaltar que a Romaria do Divino é reconhecida pela Igreja Católica como uma manifestação da Fé cristã. E o estatuto propõe:

Art 2º - Erigida pela Autoridade Eclesiástica da Igreja Católica, a Irmandade está sujeita a autoridade do Bispo Diocesano de Guajará Mirim, e tem por finalidade não lucrativa a busca do bem espiritual e o crescimento de seus membros sob os princípios do SENHOR DIVINO ESPIRITO SANTO. (Conselho Geral Da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé, 2003: 2)

Pela ordem legislativa do estatuto, as Irmandades estão sujeitas à autoridade de um bispo, sendo assim todos os atos legislativos e executivos devem ter aprovação desta autoridade para que possa ser legitimado. No Vale do Guaporé, todos prezam pela supervisão da igreja, apesar de que todas as decisões internas referentes à administração da Irmandade estejam nas mãos dos irmãos. E neste caso, a Igreja trabalha no aconselhamento, mas havendo algum problema grave, a autoridade do Bispo entra em ação.

Art 13° - Corresponde ao Bispo Diocesano de Guajará Mirim o cargo de DIRETOR GERAL do Conselho, que nomeará um Padre Diretor por ele delegado, que centraliza todas as atribues dos demais membros do Conselho, pois [sic] ele compete decidir temporariamente se houver dificuldades ou graves desentendimentos. (Conselho Geral Da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé, 2003: 4)

Este artigo deixa claro, que  da Irmandade a tomada de decisões concernentes à organização dos festejos, mas havendo dificuldades a autoridade da igreja passa a atuar para então estabilizar as dificuldades internas da Irmandade. Neste caso, podemos pensar que a Igreja atua supervisionando os atos tomados na organização dos festejos anuais do Divino.

Art 4° - A Irmandade organiza anualmente as tradicionais Romaria e Festividade do SENHOR DIVINO ESPIRITO SANTO, assim como outros atos e celebrações religiosas destinadas a promover e defender a fe e a religiosidade catolica. (Conselho Geral Da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé, 2003: 2)

Vale a pena esclarecer que, somente o DIRETOR GERAL ou algum Padre delegado por ele, tem autoridade de tomar decisões executivas dentro da Irmandade, com isso não estou querendo dizer que os demais Padres não tenham de ser respeitados e ouvidos, mas que a verdadeira tomada de decisão deve partir de um Padre ordenado pelo DIRETOR GERAL.

Esses foram alguns dos pontos que expliquei para as freiras que estavam em minha companhia. Algumas delas não concordaram com o modo como as coisas funcionavam, principalmente com a certa autonomia que os irmãos tinham para organizar os festejos. Os procedimentos usados na hora das refees tambem foram vistos com olhares críticos pelas irmãs, e de acordo com a tradição, os romeiros tinham direito a serem os primeiros a almoçar e depois deles todo o público poderia ter acesso, o que, elas viram como falta de solidariedade por parte dos tripulantes.

Meu argumento para defender a tradição do Divino, foi que esta prioridade das refees para os romeiros, era um sinal de respeito diante da grande Missão e do grande sacrifício feito pelos tripulantes da Romaria.

Na verdade, esta relação com a Igreja oscila, pois existem algumas localidades onde a Irmandade tem plena comunicação e bom relacionamento com as lideranças eclesiais locais, mas existem aqueles lugares em que às vezes ocorre algumas discordâncias, mas nada disso compromete o bom andamento dos festejos.

Saindo de Rolim de Moura, o Batelão passou em duas fazendas: As cruz (Bolívia) e Laranjeiras (Brasil). Após estas duas fazendas a Carité iria ficar dois dias na localidade boliviana de Cafetal. Algo me chamou atenção na hora da cerimônia de chegada. Houve erro por parte dos remeiros que estavam cantando, um dos proeiros parou de cantar no meio da manobra do Batelão, parou e teve uma expressão de descontentamento. Depois da chegada, procurei saber por que ele tinha parado as linhas vocais:

Olha, tinha um que estava desafinando muito e tudo ficou muito mal feito e eu não gosto de coisa mal feita. Por isso resolvi parar de cantar e deixar eles se resolverem sozinhos.

Esta foi a única vez que realmente houve uma falha muito grande na hora da chegada do Batelão. Os dias em Cafetal foram bem supervisionados pela diretoria local, eles colocaram fiscais para vigiar todos os movimentos da equipe.

De Cafetal o Divino fez uma parada de última hora, que não estava no cronograma. Esta parada foi em uma base militar boliviana próxima da localidade de Remanso. É de costume o Santo parar nesta base militar, mas este ano esta parada não estava prevista no cronograma. Os remeiros tiveram de se arrumar de última hora e um dos mensageiros me disse:

Olha o pessoal da organização tem de ajeitar isso aí, todo mundo sabe que o coronel aqui sempre pede uma parada para o Santo e por que não colocaram isso no cronograma? Isso tem que mudar...

Tudo se resumiu a uma breve parada para que um coral misto de crianças e adultos fizesse uma apresentação, seguida de um pequeno lanche.

A próxima parada seria em Remanso. Havia um grande volume de pessoas, principalmente crianças, que estavam uniformizadas para uma apresentação. O

porto da localidade era plano e não havia barranco ou alguma subida arriscada. Além de plano, havia um grande campo verde. Depois de fazer a chagada, o Santo foi homenageado com uma coreografia de crianças e adolescentes que cantavam e dançavam uma canção em espanhol. Em seguida, a Coroa foi passada para as mãos do Imperador e o cetro à Imperatriz. Após este ato a procissão seguiu em marcha para a igreja.

A veneração na Igreja de Remanso foi umas das mais demoradas. Havia muitas pessoas para beijar a Coroa e acender velas. Durante todo este período, os foliões tinham de estar cantando, mas entre uma música e outra havia um revezamento de cantores e também entre violonistas para conduzir os foliões. Na verdade é muito comum a equipe revezar entre si no exercício das funções, por exemplo: se um remeiro ficasse doente um mensageiro teria de lhe substituir e se o mestre estivesse muito desgastado, qualquer um da equipe que dominasse o violão e tivesse experiência, poderia ajudar.

Uma das vigílias me chamou a atenção, justamente pelo grande volume de pessoas que rodeavam os remeiros enquanto eles cantavam. Durante a noite, o anfitrião servia pipocas e outros aperitivos para os presentes. Na verdade ali eu pude ver um grande envolvimento da população.

De Remanso à Pimenteiras do Oeste, o barco do Divino iria passar pelo maior período em viagem (cerca de dezoito horas). Muitos estavam felizes, pois o fim da caminhada estava próximo e a cidade de Pimenteiras era a última grande cidade antes do destino final.

Pouco antes da chegada, o presidente local veio no barco para saudar a tripulação:

Em primeiro gostaria de agradecer a todos e parabenizar por terem chegado até aqui. Quero que vocês façam uma boa chegada em Pimenteiras e todos da comunidade estão a disposição de vocês para qualquer coisa.

O Santo chegou na cidade num final de tarde. Na primeira veneração, o presidente local fez questão de dar vez aos membros da Irmandade e em seguida

liberou para todos. Ao final dessas solenidades, a Coroa foi conduzida para a Igreja. No santuário o presidente local saudou toda a equipe, em primeiro lugar ele apresentou todos os membros da diretoria local e logo em seguida ele passou a palavra para que cada membro da Irmandade pudesse se apresentar. Nesta noite houve uma missa na Igreja e em seguida a novena e a vigília.

Muitos membros da diretoria de Pimenteiras se queixaram dos poucos dias que a cidade recebeu para as visitas do Santo, visto que a cidade tinha muitos habitantes e muitas casas.

Após três dias o Santo se despediu rumo às últimas fazendas e localidades, antes de chegar ao destino final. Do porto de Pimenteiras até os Festejos em Piso Firme, a Coroa passou por mais quatro comunidades: Santa Cruz, Bolívia, Carlinhos, Fazenda 4 irmãos e Bela Vista.

Bela Vista era a última localidade antes de Piso Firme. Todos da equipe estavam ansiosos com a última chegada e em Bela Vista os preparativos estavam sendo iniciados para este fim.

6. Os preparativos para os festejos

Antes da chegada em Piso Firme toda a equipe de remeiros foi convocada para trocar o penteado da Carité. Além disso, o Batelão teve uma nova mão de tinta, com as cores do Divino: vermelho, azul e branco. Esta pequena reforma levou toda a manhã.

Dias antes o baterista havia feito alguns ajustes e consertos no tambor. Na verdade ele desmontou todas as “peças” para uma mão de tinta. Tive a oportunidade de acompanhar este processo e em meio a estes ajustes ele conversou comigo sobre a sua experiência neste trabalho:

Olha, pra mim é muito bom tocar para o Divino, eu que já tocava no Divino de Guajará Mirim. No começo eu me senti um pouco nervoso e inseguro, mas com o passar dos dias eu fui pegando o jeito. Como você aprendeu a tocar o tambor?

R= Eu aprendi olhando mesmo, em Guajará Mirim eu via o baterista tocando e ficava prestando atenção e daí aos poucos eu fui pegando o jeito de tocar. Eu to aqui e sempre vou estar disposto a tocar para o Divino, sempre que me chamarem eu vou estar à disposição e venho com muito prazer.

O tambor foi ajustado dias antes dos festejos, para que a tinta pudesse secar.

Durante a troca do penteado da Carité, os foliões estavam liberados para brincar e descansar para o momento da chegada. Neste dia preferi não dar aula.

A Coroa se despediu de Bela Vista, na manhã do dia vinte e três de maio. De Bela Vista a Piso Firme o barco levou algumas horas. Tivemos de entrar no rio Paraguá já no território boliviano, para percorrer seis horas de barco até o destino final.

Na tarde do dia vinte e três de maio, chegamos a Piso Firme. O encarregado do Batelão reuniu toda a equipe para distribuir os uniformes novos. Os coletes eram brancos, novos e limpos. Teve uma devota que mandou lenços novos para que a equipe usasse, mais infelizmente não foi possível, por que o tipo de tecido não era adequado para amarrar e fazer a dobra específica.

Depois desta entrega, o barco ficou movimentado com a equipe se preparando para o grande momento. Alguns engraxavam sapatos, outros tomavam banho e davam os últimos ajustes nos uniformes. Tinha aqueles que demonstravam nervosismo e outros que já estavam mais tranquilos, devido à grande experiência. Quando todos já estavam preparados, o encarregado da Coroa chamou para uma reunião final e proferiu as seguintes palavras:

Em primeiro lugar queria agradecer a todos pelo trabalho, gostaria também de dizer que todos estão de parabéns. Sinceramente gostaria de dizer que em nenhum momento eu quis prejudicar ninguém, e se fosse preciso eu aceitaria sair daqui com o meu nome manchado para não prejudicar ninguém e nem me beneficiar em cima de vocês. Queria também que vocês me desculpassem por alguma coisa que fiz e se eu magoei alguém. Só isso.

Diante das palavras, todos ficaram muito emocionados e houve um silêncio comovente, na verdade era um silêncio de saudade de momentos que se tornaram boas lembranças.

Depois destas palavras, um dos proeiros relatou: “olha, todos estão de parabéns e eu não guardo mágoa de ninguém e não tenho nada do que reclamar de nenhum de vocês daqui do barco”.

Quando a reunião acabou, todos tomaram seus lugares na Carité e pela última vez na viagem os remeiros se preparavam para aquela que seria a última chegada do ano. No porto de Piso Firme, havia muitos barcos e pessoas de vários lugares para acompanhar os festejos. Ao redor do Batelão muitas voadeiras estavam posicionadas para acompanhar o andar da igrejinha.

Um pequeno incidente aconteceu; uma voadeira passou muito rápido perto do Batelão e formou uma onda de água que quase causa um acidente. Apesar deste imprevisto, a cerimônia seguiu. No porto havia pessoas ajoelhadas, outras estavam a meio corpo submerso na água segurando velas.

Em Piso Firme, os devotos organizaram uma bela ornamentação que se estendia da beira do rio até a entrada na Igreja, ou seja, foi feito um corredor formado por arcos de flores, para guiar a procissão até a igreja.

Quando o Batelão se aproximou do porto, as duas buzinas deram início à solenidade. Elas soaram em duas vozes, primeira voz (aguda) e a segunda (grave). O timbre era forte e com muita intensidade e volume. O salveiro disparou o primeiro tiro de ronqueira. O som da explosão ecoou nos arredores com uma intensidade, que preenchia o espaço do silêncio. Após este disparo, o baterista iniciou a cadência em andamento “rápido e intenso”, isto guiava os remeiros a trabalhar com mais rapidez. O baterista ficou alguns minutos guiando os remeiros até chegar perto do local de início. Enquanto a Carité se aproximava do porto, os devotos soltavam fogos de artifício.

Quando o Batelão efetivamente chegou ao porto, o baterista “virou a caixa” e este ato imediatamente serviu de sinal para os remeiros iniciarem a coreografia do

remo e o canto dos versos. O salveiro também trabalhou, disparando o segundo tiro. Os remeiros iniciaram (Video 6):

De todos é de quem chega.
 O amor deste Senhor
 Certamente ai gozar, ai, ai, ai, ai
 Lá no Céu o redentor } 2x

Ceguei, morador, ceguei morador
 Ceguei. Ceguei nos passos
 Que eu não mereço.
 Ceguei, morador, ceguei morador
 Ceguei.

Durante o canto dos remeiros, uma rica paisagem sonora se formava. O som das vozes, juntamente com a bateria, se uniam ao toque dos remos sobre a água. Este cenário anunciava o momento solene.

Os remeiros terminam a canção e entra o mestre dos foliões, com o acompanhamento harmônico e a citação dos versos. As crianças usaram toda a intensidade e volume cantando:

De todos é de quem chega
 O amor deste Senhor
 Certamente vai gozares }
 Lá no Céu é o redentor } 2x

Deus te salve casa santa
 Onde Deus seja morada
 Entre pias de água benta }
 E a hóstia consagrada } 2x

Naquela nuvem dourada
 Desceu Deus Nosso Senhor
 Ele subindo nos mandou }
 Seu espírito consolador } 2x

Quando o Batelão passou bem perto do porto, muitas pessoas aplaudiram, mas ninguém gritou ou assobiou. Para continuar o ato e completar a primeira meia-lua, o salveiro soltou o terceiro tiro e os remeiros retomaram o canto:

Deus te salve casa santa
 Onde Deus seja a morada
 Entre pias de água benta, ai, ai, ai, ai }
 E a hóstia consagrada } 2x

Cheguei, morador, cheguei
 Morador, cheguei
 Cheguei, nos passos que eu não
 Mereço, cheguei, morador
 Cheguei, morador cheguei

Daquela nuvem dourada
 Desceu Deus Nosso Senhor
 Ele subindo nos mandou, ai, ai, ai, ai }
 Seu Espírito consolador } 2x

Cheguei, morador, cheguei
 Morador, cheguei

Com estes dois versos finais, os remeiros terminavam a primeira meia-lua e começavam a segunda. Os fogos não paravam de soar. No início da segunda volta, o Mestre dos foliões fez o interlúdio que preparava a canção:

A pombinha vem voando
 Entre fitas e tope de flores
 Vem dizendo, viva viva }
 Viva a todos os moradores } 2x

[...]
 [...]
 Vem derramando sobre nos }
 Paz esperança e a fé } 2x

O quarto tiro do salveiro e os remeiros:

Lá debaixo vem canoa
 Lá do rio Guaporé
 Vem perguntando quem é o proeiro }
 Ai, ai, ai, ai }
 Proeiro da Carité } 2x

Cheguei, morador, cheguei
 Morador, cheguei
 Cheguei, nos passos que eu não
 Mereço, cheguei, morador
 Cheguei, morador cheguei

Neste momento, o Batelão já completava a segunda meia-lua, quando os foliões voltaram com novos versos:

Divino Espírito Santo
 Divino celestial
 Que desceu do Céu à terra }
 Trazendo o império real } 2x

Alvorada, alvorada
 É o brilho salvador
 Deus mandou línguas de fogo }
 Seu mistério Divino amor } 2x

Seguindo o percurso, os remeiros entoaram mais uma canção, que infelizmente não consegui registrar de modo inteligível.

Em seguida os foliões cantaram:

A aurora cristalina
 Pro mundo brilha no Céu
 Confiai em vossa bondade }
 Vossos filhos de joelhos estão } 2x

Algumas palavras não me foram inteligíveis, na verdade o som dos fogos de artifício e a limitação do meu microfone, colaboraram para que perdesse algumas partes das letras. Eis os fragmentos:

Raios de fogo constantes
 [...] }
 Enche a terra de ventura }
 Para todos os que deseja } 2x

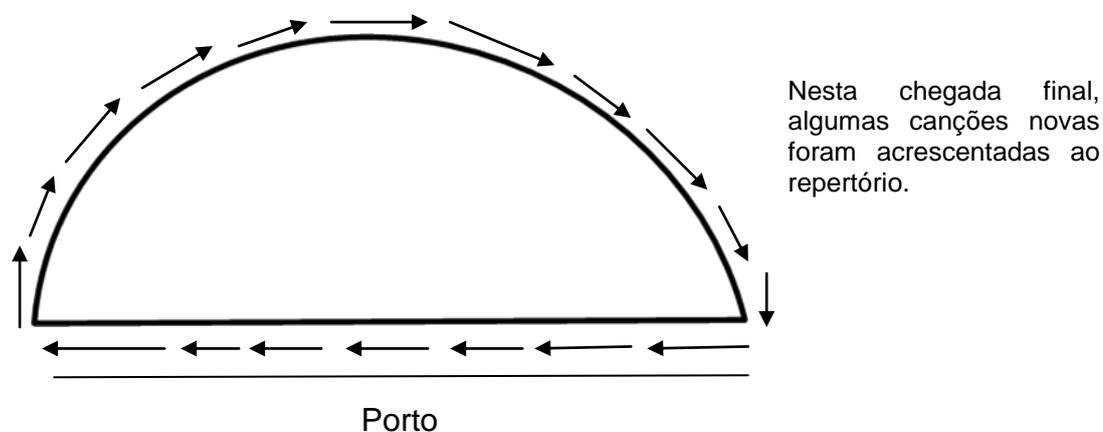
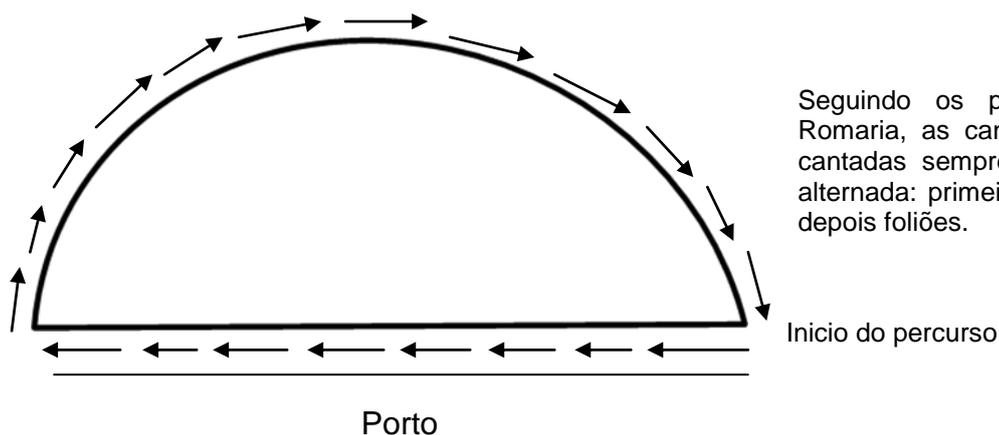
Quando os foliões terminaram de cantar, o Batelão já estava na terceira meia-lua. Os remeiros cantavam fazendo a última volta, que consistia em metade de uma meia-lua. O salveiro soltou o último tiro, assim que eles iniciaram a canção:

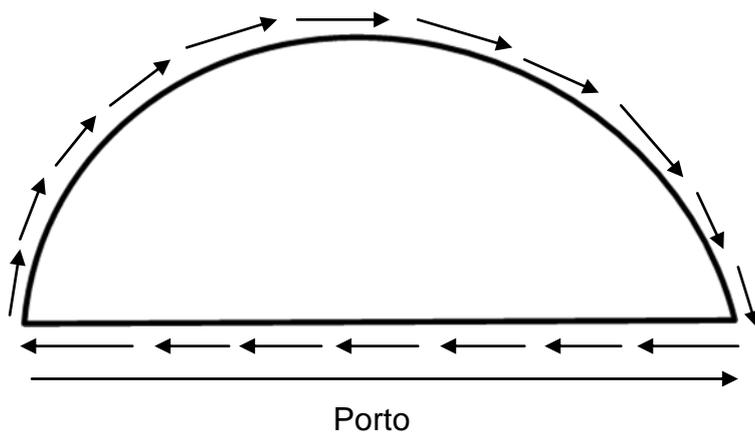
Daquela nuvem dourada
 Desceu Deus nosso Senhor
 Ele subindo nos mandou, ai, ai, ai, ai. }
 Seu Espírito consolador } 2x

Cheguei, morador, cheguei
Morador, cheguei

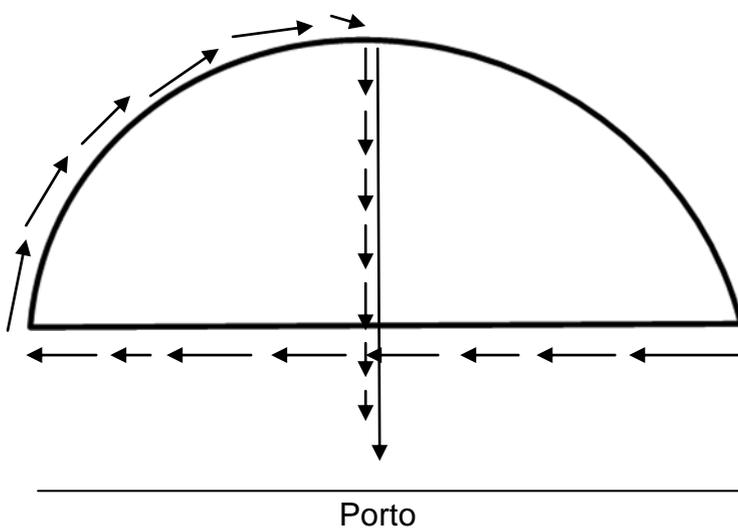
Quando a Carité estacionou, o Imperador e Imperatriz já estavam à espera. Antes de ir para a Igreja, a Coroa ficou no porto para ser venerada. Havia muitas pessoas e a fila estava extensa. Alguns remeiros se revezavam para segurar a Coroa e fazer um cordão de isolamento.

Esta chegada teve seu curso prolongado, em três meia-luas e meia. Pouco antes desta cerimônia final, os tripulantes me avisaram que o percurso seria maior, por que era uma chegada especial com algo novo. A seguir, o gráfico da manobra do Batelão:





O salveiro usou uma maior dosagem de pólvora.



Todos os uniformes, eram novos e especialmente separados para esta última chegada. Eles foram entregues pouco antes do início da chegada.

Os devotos traziam velas e esmolos. Muitos doentes apareciam e a estes era dado, prioridade na fila. Os remeiros pediam para que as mulheres tirassem os prendedores de cabelo. Não se podia venerar a Coroa com boné ou coisa parecida. Este momento de veneração no porto durou cerca de duas horas. Ao termino, toda a procissão seguiu para igreja onde a Coroa foi colocada no altar.

A ornamentação formava uma espécie de túnel que guiava os devotos ao templo. Na Igreja os Remeiros fizeram o mesmo ato realizado nas demais comunidades: o Mestre do Foliões anunciava os vivas e todos cantavam junto a canção: “A nós descei divina luz”.

Na parte da noite foi realizada a primeira novena. Para os festejos em Piso Firme foram reservados cinco dias e cinco noites, nestes dias a Coroa foi levada em visita nos lares. Paralelamente, uma reunião era feita com todos os líderes das Irmandades do Vale do Guaporé: “Assembleia Geral”.

Esta reunião dura cerca de quatro dias, tendo pausa apenas para o almoço. O presidente do Conselho Geral é responsável por coordenar os trabalhos de reuniões sendo auxiliado por uma secretária que registra todas as decisões em livro de ata.

Na ocasião em que estive presente, a bancada que presidia a reunião era formada por: Presidente e vice do conselho Geral das Irmandades do Divino, Presidente da Irmandade Sede das Irmandades no Vale do Guaporé e a escrivã.

Nos três dias, cada diretoria tinha o dever de prestar contas da movimentação financeira e relatar qualquer problema que precisasse ser decidido entre os irmãos. Houve eleição para o novo presidente do Conselho Geral.

De acordo com o estatuto o mandato de Presidente do Conselho Geral é de três anos, podendo ser reeleito apenas uma vez:

b) Seu mandato é por três anos, podendo ser reeleito uma vez, e sendo a eleição ordinária feita na Assembleia Geral do festejo. (Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, 2003: 4)

As principais pautas da reunião foram: prestação de contas das Irmandades, prestação de contas do presidente do Conselho Geral, elaboração do roteiro do próximo festejo e a eleição do próximo presidente.

O debate sobre a elaboração do roteiro do festejo foi intenso, mas apesar disso tudo, chegou-se a um acordo.

Antes da levantada do mastro, o Conselho Geral convocou reunião com toda a equipe do barco, para avaliar o ritmo da caminhada. Cada pessoa foi convidada a falar e alguns expressaram suas queixas contra a conduta de pessoas que cometeram a erro no decorrer da caminhada. Diante das queixas, a diretoria chamou cada pessoa em particular e tomou as devidas providências.

A procissão da levantada do Mastro é um momento chave no encerramento das festividades. A cerimonia do mastro que ocorreu em Pedras Negras, na 119ª edição dos festejos.

Como manda a tradição, a procissão do mastro estava marcada para a noite do último dia dos festejos. Todos começaram a se preparar com a chegada do por do sol.

O mastro é feito de um pé de Açai, que na região é chamado de açazeiro e mede 22 metros de comprimento. O peso do mastro faz com que seja necessário a força de muitas pessoas para a remoção.



Figura. 15 - Comprimento do mastro: 22 metros.

FONTE: Arquivo pessoal.



Figura. 16 - Mastro em sua espessura.

FONTE: Arquivo pessoal.

Todo o corpo do mastro estava pintado de forma alternada com as cores: vermelho, branco e azul.

O **capitão do mastro** é a pessoa responsável por colher e pintar toda a madeira. O mastro deve ficar em um local discreto.

Quando chegou a noite do dia dezenove de maio, todos se dirigiram à capela para o início da cerimônia. O primeiro ato consistiu em pegar os símbolos do Divino (Coroa, cetro e bandeira). A procissão seguiu da Igreja, em direção a casa do alferes da bandeira. Quando a procissão chegou, o alferes já estava posicionado na porta, ele foi homenageado pelo canto dos foliões e em seguida, tomou posse da bandeira.

A presença do aparato musical foi fundamental. Todos os personagens eram recebidos com canções de saudação. Nesta noite percebi que os foliões foram mais pressionados. A noite era fria e todos iluminavam o caminho com velas. Apesar de muitas pessoas, o ambiente era de total silêncio. As canções comandadas pelo mestre me transportavam para um ambiente totalmente Divino, um novo mundo mediatizado pelas vozes desses preciosos cantores.

A próxima residência a ser visitada, foi a do capitão do mastro. Na porta do domicílio, o capitão já esperava o Santo com a bandeira que seria colocada no topo

do mastro. Os foliões fizeram as devidas homenagens e o capitão ocupou o seu lugar junto aos símbolos do Divino. O último passo foi em direção ao Imperador e Imperatriz. Após o hino de saudação, o casal real seguiu para um quadrado de fitas e ,adentrando, tomaram posse da Coroa e do cetro. Na verdade este quadrado de fitas foi usado para garantir a organização e segurança dos símbolos do Divino.

Dando sequência, a procissão seguiu em direção ao mastro, foram cerca de dez minutos de caminhada e logo todos estavam diante do precioso monumento. Apenas os homens se posicionaram para a carregada.



Figura. 17 - Homens carregando o mastro.

FONTE: Arquivo pessoal.

Os 22 metros de comprimento foram preenchidos por braços entendidos em esforço. Os homens que estavam na dianteira deram o sinal e o mastro foi erguido para o início da caminhada rumo à frente da Igreja. No início da marcha, o mastro estava erguido, mas passado alguns minutos ele começou a pesar nas mãos dos devotos. Quando isso acontecia, os mais antigos gritavam: “Vamo levantar este mastro, não é pra carregar no ombro e sim na mão com o braço erguido.”

O clima era de descontração e muitos riam, mas outros davam palavras de ordem para que tudo corresse bem. Atrás do mastro seguiam os foliões, o baterista e o mestre, cantando para sustentar a procissão. O barulho dos fogos era intenso e

durante o caminho, a procissão precisava parar com o mastro para esperar as pessoas que ficavam para trás.

O buraco para colocar o mastro, já estava preparado na frente da Igreja, assim que a procissão chegou os homens pegaram as tesouras¹⁷.

Este foi um momento delicado, o mastro corria o risco de cair, se não houvesse atenção. As três tesouras, foram colocadas em diferentes pontos do monumento e daí em diante o trabalho se concentrou em alinhar e firmar. Após ser encaixado no buraco, a pá entrou em ação e com o uso de areia, o mastro foi aos poucos sendo firmado no solo.

Terminado o serviço, todos ficaram maravilhados com a bandeira no alto do monumento. Ela estava indicando o lugar onde seria o festejo do próximo ano. Na verdade, muitos comentavam comigo, que toda vez que o mastro era erguido, a bandeira já apontava na direção do próximo festejo.



Figura. 18 - Missa Campal de domingo. À esquerda o mastro e a direita a igreja.

FONTE: Arquivo pessoal

De acordo com os relatos, o mastro nunca caiu, ou seja, sempre foi colocado em perfeitas condições. Para os devotos, o mastro erguido era sinal do poder do Divino Espírito Santo. Muitas pessoas correram ao pé do mastro para acender velas

¹⁷ Tesoura consiste em duas varas de madeira, que são amarradas nas pontas como uma tesoura. Ela serve para erguer o mastro e fixá-lo no buraco feito no chão.

e clamar ao Santo. Este foi um momento de muita comoção. Os pessoas paravam, e com muita paciência, as velas eram colocadas.



Figura. 19 - Devotos acendendo velas ao pé do mastro.

FONTE: Arquivo pessoal.



Figura. 20 - Foliões, mestre e baterista vestindo roupas especiais na missa de domingo.

FONTE: Arquivo pessoal.

Depois desta cerimônia, os remeiros e toda a tripulação, foram liberados de suas obrigações e muitos foram ao baile festejar.

Na manhã de Domingo, os foliões e os remeiros, foram buscar o: Imperador e Imperatriz, capitão do mastro e o alferes da bandeira. Todos foram levados para a

missa campal. Uma bata branca estava sobre os que estavam conduzindo a procissão até a igreja (foliões, mestre e baterista). Infelizmente, não tive tempo de investigar sobre o motivo das vestimentas, mas é algo muito bem consolidado na tradição.

No final da tarde, todos voltaram à igreja para acompanhar o tão esperado sorteio. Ali seriam sorteados os irmãos que iam contribuir com alimentos, além dos seguintes cargos: Alferes da bandeira, Imperador e Imperatriz, capitão do mastro e os mordomos.

No sorteio, os irmãos eram divididos em duas turmas: os irmãos de roda e os de copo. Na mesa eram colocados quatro copos lacrados, com a divisão feita por sexo. Na mesa do sorteio ficavam presentes somente os líderes das diretorias locais, para a fiscalização.

Há uma diferença entre irmãos de roda e de copo:

Art 21º - São considerados IRMÃOS DE COPO aqueles que legitimamente unidos em matrimônio, ou solteiros sem compromisso, podem participar do sorteio da comissão da festa; e os IRMÃOS DE RODA, aqueles que formam parte plenamente da Irmandade e colaboram, apesar de estarem em situação irregular com a Igreja. (Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, 2003: 7)

Os irmãos de roda eram sorteados para participar na contribuição de alimentos, mantimentos, pólvora, entre outros itens. As outras funções da festa eram sorteadas entre os irmãos de copo. Todo o público presente, acompanhava com muita atenção, principalmente na hora dos principais cargos: Imperador e Imperatriz, Alferes da bandeira e capitão do mastro. Havia uma alegria muito grande entre os sorteados para estes principais cargos.



Figura. 21 - Momento do sorteio.

FONTE: Arquivo pessoal.

Após o sorteio, uma comissão terminou de conferir o dinheiro e em seguida prestaram conta de toda a movimentação financeira. O encarregado do Batelão é o responsável por todo o movimento financeiro.

Na tarde de domingo, os barcos já estavam de partida. A Romaria estava chegando ao fim, com grande expectativa para os anos que estavam por vir. Aos poucos o povoado de Pedras Negras foi voltando à calma de costume.

7. Os sons do Divino

Agora gostaria de me dedicar a alguns aspectos sonoro-musicais tão fundamentais nos trabalhos do Divino. O objetivo é buscar entender o papel da música na cosmologia do Divino. A plenitude dos códigos sonoros, vai depender de laços com os aspectos cosmológicos:

Apenas um número relativamente pequeno de culturas do mundo comportam ou crêem comportar, como é o caso de sociedades industriais capitalistas, domínios relativamente autônomos como política, religião e artes, ou subdomínios dos mesmos como artes visuais, cênicas e musicais. Daí o pesquisador deparar-se, não raro, com situações em que a “música” depende de ligações estritas com o que sua própria cultura de referência tenderia a classificar como âmbitos outros de práxis cultural. (Araújo, 2006: 67)

O aspecto sonoro tem um poder de agência, que move as temporalidades e instaura outros ambientes. Este efeito é proporcionado pela rede de significações que vai se estabelecendo nos festejos. A abordagem do papel da atividade sonora nos aspectos cosmológicos tem sido uma constante na etnomusicologia brasileira. Esta abordagem tem contribuído para entender a relação do homem com as divindades (Montardo, 2002). Deise Montardo descreve o papel da música como mediação entre os Guarani e as divindades:

Não há possibilidade de vida na terra se os Guarani não estiverem cantando e dançando. Esta afirmação foi ouvida muitas vezes, nos diversos subgrupos guarani entre os quais eu estive durante esta pesquisa. O Sol, ou o dono do Sol, o herói criador, é responsável por manter a sonoridade do mundo durante o dia. Durante a noite esta responsabilidade é dos homens. (Montardo, 2002: 11)

Os homens mantêm a ordem no mundo através das sonoridades. Na vida dos guarani “os cantos e as danças são o caminho através do qual ocorre a comunicação e o encontro com as divindades e com os criadores ancestrais e se viabiliza a continuidade da sobrevivência na terra” (Montardo, 2002: 8). Os aspectos cosmológicos demonstram a incrível capacidade do ser humano em criar diferentes usos e sentidos para a atividade sonora.

Nas rodas de capoeira angola, Ricardo Sousa percebeu um sentido outro para a música. A capoeira angola é uma ‘arte corporal’ que “permite a liberdade da criação de movimentos pelo jogador, possibilitando a individualização de estilos” (Sousa, 2006: 251). O pesquisador relata que “a vivência da cultura da capoeira angola, em Salvador, possibilitou concluir que a música comanda a roda de capoeira” (Sousa, 2006: 252). O contexto proporcionou outro sentido, agora a música trabalha na harmonia dos movimentos corpóreos.

Entre os Wauja do Alto Xingu, o “mestre de música” precisa de boa memória para capturar os sons que são transmitidos pelos espíritos. De fato, “qualquer um pode escutar música de apapaatai no sonho, pois eles tocam para os Wauja, mas somente os mestres de música conseguem lembrar da música, somente eles a trazem para este mundo, podem reproduzi-la aqui” (Acácio, 2004: 75). O contexto social ou cosmológico é o motor que gera a diversidade e riqueza da produção da

música. Sem esta visão os sons se tornam seres vazios e soltos no espaço em estado de morbidez e indignância.

Este tipo de abordagem foi um recurso fundamental, para entender os vários sentidos da atividade musical na Missão do Divino.

7.1 O papel dos foliões

O cargo de folião é um dos mais exigentes. Falo isso por que toda vez que algum cantor desafinava ou parava de cantar, logo era chamado à atenção e se persistisse no erro poderia até ser excluído da caminhada. Nos dias finais dos festejos, um dos meus colegas de barco chegou a comentar: “Eu acho que estes meninos deviam receber ao menos cem reais da Irmandade, eles ralaram e trabalharam muito cantando durante todos os dias”.

O que muito impressiona é o papel ativo que é delegado às crianças. Não é a idade que tira a responsabilidade, a criança não é considerada um ser inferior incapaz de entender e viver sob pressão. Os meninos do Divino são vistos como seres habilitados a trabalhar na Missão com destreza e responsabilidade.

Uma coisa é certa, não existe caminhada sem foliões. Se o tambor tem a responsabilidade de coordenar os passos da procissão, os foliões tem a Missão de louvar ao Santo e saldar a todos os irmãos que acompanham a caminhada.

No Brasil existem sociedades que atribuem papel musical e religioso ativo às crianças. O exemplo vem dos Mbyá Guarani do Rio Grande do Sul. Marília Stein escreveu uma importante tese sobre o papel social, musical e cosmológico ocupado pelos pequeninos. Os Mbyá Guarani são muito interessados em divulgar o “modo de ser Mbyá” (Stein, 2009: 126) para os *jurua* (sociedade não indígena). A principal forma de divulgação acontece através dos corais de crianças que cantam e dançam músicas que retratam a vida dos Mbyá Guarani.

É importante notar que a atividade sonora é parte vital na construção da cosmologia deste povo: “Observei que os Mbyá ouvem o mundo, expressam sonoramente seu mundo, negociam e partilham deste mundo cósmico com outros

seres através de sons - musicais, falados, trovejados, cantados¹⁰⁴” (Stein, 2009: 118).

Esta citação explicita a valorização do som na construção da identidade. A “música” tem o poder de trazer cura espiritual além de mediar a comunicação do homem com outros seres vivos e ativos da natureza:

Em primeiro lugar, nesta lógica, a natureza exerce uma agência, expressiva, pois é entendida como parte do cosmos, que não é de forma alguma passivo. Animais, vegetais, minerais, ventos, raios, pedras, donos de seres do mundo, são alguns destes agentes “da natureza” que se revestem de diferentes naturezas e agem sobre os Mbyá. Humanos e divindades também constituem este coletivo de naturezas. E todos – humanos, divinos e outros seres do mundo – nos encontramos na comunicação viabilizada pelos sons e movimentos rituais (Stein, 2009: 129)

Os Mbyá Guarani gostam de divulgar esta característica tão profunda que os diferencia de toda a forma de vida da sociedade ocidental:

Em segundo lugar, as sonoridades são rituais, sagradas e, portanto, como outras essências divinas que se materializam na existência terrena com poder de profilaxia e cura, são responsáveis pela manutenção da saúde espiritual de homens e da Terra. Assim, “a natureza é expressão da música” na medida em que as várias naturezas que compõem o cosmos são expressão do sagrado (Stein, 2009: 129).

Neste contexto sonoro as crianças tem a responsabilidade de garantir a “qualificação da comunicação dos humanos entre si e com as divindades” (Stein, 2009: 127). Sem os pequenos, não haveria alegria e nem aprendizado. As crianças são exemplos de vida:

Vherá Poty, que tem uma filha, Pará Reté, explica-nos que os filhos produzem uma série de transformações nos pais, que se tornam mais maduros e capazes de compreender e expressar *mborayú* (reciprocidade, o amor maior¹¹⁹), *nhembojeroviá* (o respeito profundo, a sabedoria de como se comunicar com a natureza), *pyaguaxú* (coragem) e adquirir *kuaá* (sabedoria) (Stein, 2009: 127).

As crianças Mbyá Guarani, são conscientes do papel que precisam exercer e fazem questão de reafirmar o compromisso com o seu modo de ser:

As crianças estão ali, reforça o *kyringüé* ruvíxá, desempenhando um papel ativo, porque faz parte da cultura Mbyá que crianças participem dos corais, cantando, dançando e tocando instrumentos musicais. A apresentação e o canto das crianças é aprovada pelas próprias crianças e por seus familiares, representando ganhos de ordem simbólica e material para todos os Guarani (Stein, 2009: 126).

Surge um momento propício para entender a presença da criança no contexto do Divino. Antes, vale a pena enfatizar o grande contraste entre os Mbyá Guarani e as Irmandades do Vale do Guaporé.

Em primeiro, a comunidade do Divino convive em um contexto social que envolve tanto culturas indígenas, negras, bolivianas. Os Mbyá Guarani, são um povo que apesar da convivência em meio aos centros urbanos, ainda lutam para divulgar seu modo de vida, com o propósito de buscar mais respeito dos não índios. O trabalho de Stein, destaca esta luta indígena pelo espaço social que lhe foi usurpado. Essas diferenças também podem ser vistas no contexto da criança. Na Missão do Divino, os pequenos devem cantar com o propósito essencialmente religioso. Nos Mbyá Guarani, as crianças devem cantar para agradar as divindades, além disso, elas trabalham em prol da divulgação de sua cultura ao homem branco e na defesa de seu modo de vida. Apesar do contraste social, em ambos os casos há certa “semelhança” ou compatibilidade, no sentido de atribuir papéis importantes para a infância.

Na Missão a palavra criança é sinônimo de trabalho, disciplina e serviço. Os foliões tem papel ativo, os líderes cobram responsabilidade e os erros são sempre notados.

A criança e o tambor são elementos essenciais na mediação do contato dos devotos com o Divino. A canção dos foliões é requisito obrigatório antes de qualquer prece ou veneração, isso pode ser observado nas descrições das visitas domiciliares. Durante a caminhada, os foliões sempre cantam com o acompanhamento do violão e tambor.

Antes da saída de Costa Marques, o treinador dos foliões chamou todos para uma conversa, dizendo: - “A Missão vai começar e vocês precisam tomar cuidado com a voz, vai ter momentos em que vai dar calo e rouquidão, mas é necessário ir em frente e não parar”. No cotidiano da caminhada, o mestre sempre se dirigia aos foliões com uma linguagem “adulta”.

Normalmente a jornada de atividades durante a Romaria, era de oito horas por dia, quando o Santo estivesse em terra os foliões tinham de cantar em todas as visitas nas casas. Durante os trabalhos, normalmente as crianças eram despertadas às seis e meia da manhã, e em seguida se dirigiam para as atividades. Qualquer deslocamento da Coroa sempre devia contar com as vozes. Na oportunidade em que estive presente, a Romaria iniciou a caminhada com seis crianças.

Normalmente o coro infantil é formado por quatro vozes: duas em primeira e duas em segunda voz. Durante o dia todas essas crianças se revezam conforme a quantidade de cantores presentes.

Para manter as vozes com qualidade, o mestre proibia as crianças de beberem qualquer bebida gelada e, depois do jantar, todos iam dormir e descansar para o dia seguinte.

No texto de Stein, uma das lideranças indígenas retrata o importante ganho simbólico e material alcançado pela participação das crianças nos cantos e danças: “A apresentação e o canto das crianças é aprovada pelas próprias crianças e por seus familiares, representando ganhos de ordem simbólica e material para todos os Guarani” (Stein, 2009: 126).

Na vida musical do Divino, os foliões asseguram um grande ganho simbólico para a Romaria. Pude observar que as pessoas ficavam mais sensíveis e até mais reflexivas ao escutarem os cantos e o Divino se aproximando. O papel das crianças no trabalho de Stein, me abriu a visão e atenção ao trabalho dos foliões. Creio que agora é possível começar a observar que no Divino a criança é valorizada não como um objeto infantilizado, mas sim como um ser que pode contribuir através de sua inteligência, disciplina e dedicação (Video 7).



Figura. 22 - Foliões.

FONTE: Arquivo pessoal.

Existe uma postura certa para todos os foliões estarem durante os cantos, ou seja, estar de pé com os braços cruzados e com o lenço devidamente enrolado na cabeça.

Em conversa com as crianças, muitas delas expressavam o anseio em estar cantando e de estar sempre trabalhando. Em muitas ocasiões eu chegava a observar alguns discutindo e pedindo para poder cantar, ao passo que outros ficavam tristes e chateados quando eram tirados do coral.

Dentro da caminhada, o mestre sempre pedia a ajuda dos companheiros para poder zelar e não deixar os foliões se machucarem ou adoecer. Sendo assim, em todas as refeições eles sempre eram os primeiros. Em certa ocasião os remeiros tiveram que carregar os foliões nas costas, para evitar acidentes.

Em uma chegada que fizemos na comunidade de Surpresa, um folião demonstrava nervosismo e expectativa para a chegada dizendo: “EU estou nervoso quero que chegue logo pra mim poder cantar.”

Algumas características dos cantos podem ser notadas, quando eles estão em alguma comunidade. Lembro-me de uma ocasião, em que estava na igreja da localidade de Porto Murtinho esperando a chegada do Santo. Naquela tarde eu ouvi de muito distante as vozes dos pequenos foliões ecoando no meio do povoado, juntamente com essas vozes estava o salveiro com a sinalização feita pelos fogos.

O timbre das vozes era agudo e sempre com uma intensidade e volume que impressionava e ecoava ao redor de todo o povoado, de modo que todos sabiam que o Divino estava por perto.

7.2 O canto dos remeiros

Os remeiros possuem diversas funções na Romaria e as principais estão ligadas a alguma atividade sonora. Na Romaria a primeira atividade sonora se encontra no barco, pois os remeiros participam da cerimônia de chegada do Santo cantando e remando. Diferentemente dos foliões, as vozes dos remeiros são sempre mais graves e o canto trabalhado de forma mais compassada (“lenta”), neste ponto nenhuma pessoa reclamou de falta de entendimento das letras cantadas. A seguir, vou descrever as situações em que os remeiros cantam.

São dois os momentos em que os remeiros cantam. O primeiro é nas cerimônias de chegada e saída. Nestas duas ocasiões os repertórios são diferentes e como já observei em descrição anterior, nas chegadas os remeiros cantam hinos de saudação à comunidade. Já nas saídas, os remeiros entoam canções de despedidas. Nestes dois atos, os remeiros sempre vão cantar e remar simultaneamente. Na Carité apenas os quatro remeiros realmente vão cantar, sendo assim dois cantores estão do lado direito e dois do lado esquerdo. Este pequeno coral possui duas vozes e cada par de cantores vai ser responsável por uma das vozes.

Na Carité os remeiros cantam com muito volume e intensidade, e sempre a primeira voz é responsável por iniciar os cantos. Normalmente este, inicia depois que o salveiro aciona o primeiro tiro na ronqueira. Neste instante o som da caixa, do remo e das vozes adultas se torna audível. Os versos são cantados de forma compassada e a sonoridade musical das palavras é explorada de forma fluida, como o ritmo da correnteza do rio. O interessante que pude notar é que além de cantar, os remeiros precisam estar atentos aos movimentos coreográficos que os remos estão executando. Neste caso, todos os doze remos devem estar em perfeita sincronia, daí a importância de se estar atento à qualidade do canto e ao remo dos companheiros.

Durante as cerimônias na água, as vozes dos remeiros ecoam a longas distâncias, os timbres das vozes rompem o silêncio que se faz na mata e no porto, quando todos estão esperando a chegada ou despedida do Santo. Assim como os foliões, as vozes sempre são acompanhadas pela caixa e pela sonoridade da água sendo movimentada pelo remo. Quando estive na Missão, lembro de pessoas comovidas com as canções que os remeiros cantavam, isso ocorria tanto na chegada quanto na solenidade de despedida da Coroa. Sempre que os remeiros e foliões cantavam no barco, um ambiente novo se formava e isso deixava as pessoas mais sensíveis e concentradas em entender e participar daquele momento.

Diferentemente dos foliões, os remeiros podiam beber água gelada durante a caminhada e nada era exigido deles concernente a alguns cuidados com a voz. Mas há de se observar que as horas de serviço em que os remeiros cantam é menor do que dos foliões. Normalmente eles cantam nas cerimônias realizadas na Carité e quando o Santo está na comunidade, eles cantam nas novenas, na ora da oração para as refeições, nas vigílias e a pedido de algum devoto nas visitas domiciliares.

A novena é onde as vozes dos remeiros são o único “instrumento” a ser usado. Esse ato consiste em um conjunto de rezas que são cantadas ao modo “capella” por todos os remeiros e outros tripulantes do barco, seja ele mensageiro encarregado da Coroa ou encarregado do Batelão.

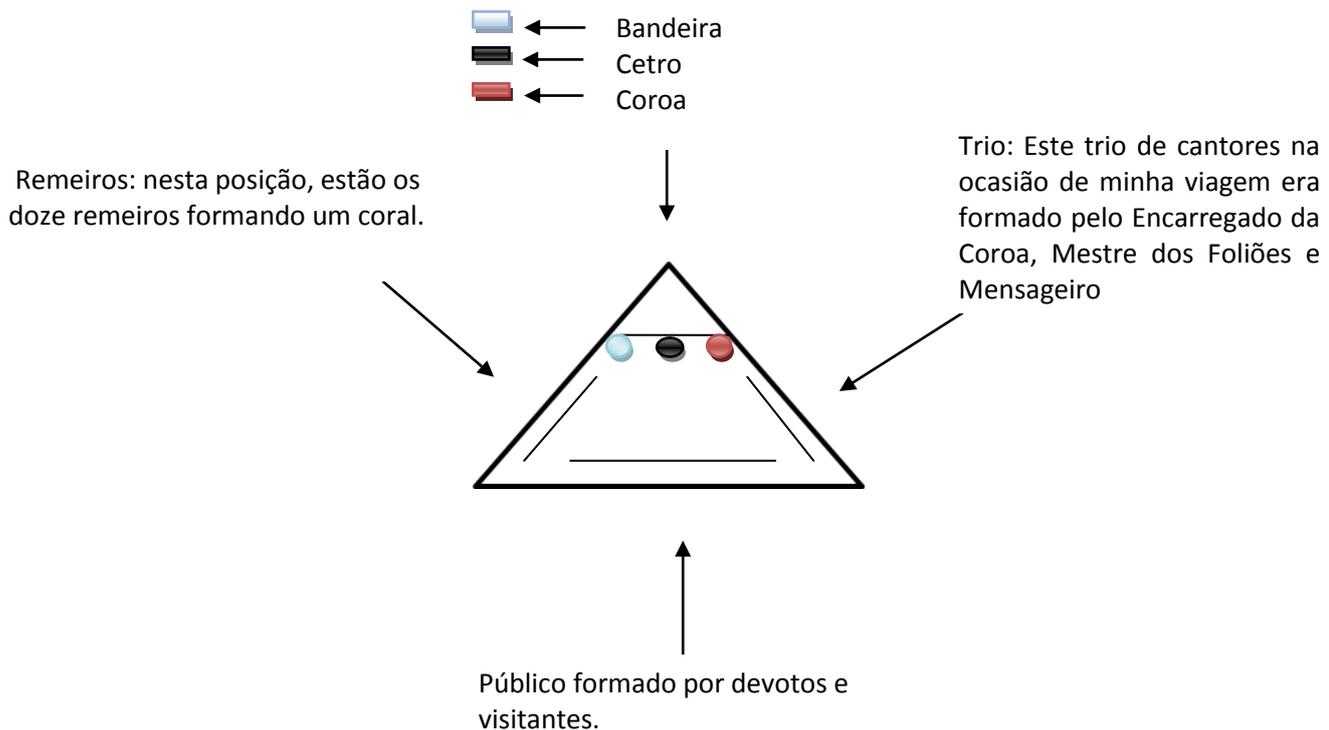
Quando estive em Pedras Negras, o encarregado da Coroa foi o responsável por comandar a novena que começou por volta das oito e meia da noite, depois do jantar. Para se iniciar, cada um toma a sua posição, ou seja, todos os remeiros se posicionam do lado esquerdo da Coroa e o encarregado da Coroa, o mestre e o mensageiro formam um trio que se coloca do lado direito da Coroa. Esta por sua vez está posicionada no centro das atenções. (Video 8)

Como essa novena foi realizada na igreja, todos ficaram de pé, quando perceberam que todos já estavam a postos para a novena.

O encarregado da Coroa tomou a palavra e disse: “Boa noite a todos, vamos agora começar a nossa novena pedindo ao Divino Espírito Santo que abençoe este

momento e nos guarde durante toda esta caminhada, vamos fazer o sinal do cristão e rezar o Pai Nosso.”

Em seguida a essas palavras, todos os que estavam ali, começaram a cantar uma versão da oração do Pai Nosso, que eles costumam chamar de: “Pai Nosso do Guaporé”.



Nesta canção o trio que está a direita da Coroa começa a entoar a canção do Pai Nosso, sendo que dois fazem a segunda voz e um a primeira voz. Não desejo aqui dizer que essas divisões são realizadas de forma precisa, mas apenas trazer uma noção de como podem ficar as vozes na hora dos cantos.

Existe muitas variações de timbres, pois cada pessoa possui uma forma de cantar. Esta reza vai ser conduzida através da pergunta e resposta (responsório). Deste modo o trio irá entoar o verso e em seguida o coral vai responder com outros versos, formando assim um grande refrão. Na maioria das rezas os remeiros sempre vão cantar o refrão e o trio entoa os versos.

O salveiro, solta um tiro de ronqueira e então começa o Pai Nosso:

Pai Nosso

Pai Nosso que estas no céu
Santificado seja o vosso nome
Venha a nós o vosso Reino
Seja feita a Vossa vontade
Assim na terra como no céu

Primeira parte começa com o trio. Para fins didáticos, irei denominar os versos cantados pelo trio de “pergunta” e os versos cantados pelos remeiros de “resposta”.

O pão nosso de cada dia
Dai-nos hoje, perdoai nossas dívidas
Assim como perdoamos os nossos devedores
Não nos deixe cair em tentação
Livrai-nos Senhor de todo o mal

Segundo a reza, vem os remeiros com a “resposta”.

Amém Jesus

Ave Maria, Cheia de Graça
É o Senhor é convosco
Bendita sois Vós entre as mulheres
Bendito é o fruto do Vosso ventre, Jesus

Pergunta

Santa Maria, Virgem Mãe de Deus
Rogai por nós pecadores
Agora e na hora de nossa morte
Amém Jesus

Resposta

A próxima reza foi cantada em Latim e infelizmente não foi possível realizar um registro escrito, mas foram versos curtos, para em seguida entrar outra oração em português:

Amado Jesus, José, Joaquim, Ana e Maria
Eu Vos dou o meu coração e a alma minha
Assistir-nos com piedade e na última agonia

Pergunta

Amado Jesus, José, Joaquim, Ana e Maria
Eu Vos dou o meu coração e a alma minha
Assistir-nos com piedade e na última agonia } Resposta

Salve Rainha, mãe de misericórdia
Vida, doçura, esperança nossa } Pergunta

Salve a Vós, a Vós bradamos
Os degredados filhos de Eva } Resposta

A Vós suspiramos, gemendo e chorando
Neste vale, vale de lágrimas } Pergunta

Eia pos, Advogada nossa
Esses vossos olhos, misericordiosos } Resposta

A nós voltei e depois
Deste desterro a nós mostrai } Pergunta

A Jesus, Bendito é o Fruto
Do Vosso ventre ó Clemente } Resposta

Ó piedosa, ó doce
O sempre Virgem, Virgem Maria } Pergunta

Rogai por nós Santa Mãe de Deus
Para que sejamos dignos } Resposta

Das promessas de Jesus Cristo
Para sempre. Amém Jesus } Pergunta

Logo que o mestre dos foliões inicia uma nova sessão de versos, o salveiro solta outro tiro de ronqueira:

Vinde Santo Espírito, Espírito consolador
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor } Pergunta

Vinde Santo Espírito, Espírito consolador
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor } Resposta

Vinde pai dos pobres, que a os dons repartis
Luz aos corações, aos cegos luziu
Luz aos corações, aos cegos luziu } Pergunta

Vinde Santo Espírito, Espírito consolador
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor } Resposta

Nos trabalhos sois, descanso seguro
Alívio aos prantos, aos corações puros
Alívio aos prantos, aos corações puros } Pergunta

Vinde Santo Espírito, Espírito consolador
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor } Resposta

Sois consolador, benigno e excelente
Sois de nossa alma, hóspede descente
Sois de nossa alma, hóspede descente } Pergunta

Vinde Santo Espírito, Espírito consolador
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor } Resposta

Vinde Santo Espírito, do céu ajudai-nos
E da Vossa luz, um raio mandai-nos
E da Vossa luz, um raio mandai-nos } Pergunta

Vinde Santo Espírito, Espírito consolador
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor } Resposta

Doce refrigerio, que abranda e acalma
Com que apetite, Vos abraza a alma
Com que apetite, Vos abraza a alma } Pergunta

Vinde Santo Espírito, Espírito consolador
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor
vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor } Resposta

Sem Vosso poder, nada há inocente
 Nada tem o Homem é um pobre e doente
 Nada tem o homem é um pobre e doente } Pergunta

Vinde Santo Espírito, Espírito consolador
 vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor
 vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor } Resposta

Vinde Deus bendigno, fonte de todo bem
 Afelicitei-nos, para sempre amém
 Afelicitei-nos, para sempre amém } Pergunta

Vinde Santo Espírito, Espírito consolador
 vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor
 vem nos consolai-nos, pelo Vosso Santo amor } Resposta

Bendita louvada seja, a Santíssima Trindade } Pergunta

Bendita louvada seja, a Santíssima Trindade } Resposta

Que desceu dos céus a terra, para a paz da cristandade } Pergunta

Bendita louvada seja, a Santíssima Trindade } Resposta

Que sendo três em pessoa é uma só na verdade } Pergunta

Bendita louvada seja, a Santíssima Trindade } Resposta

Pai, Filho e Espírito Santo é uma so divindade } Pergunta¹⁸

Bendita louvada seja, a Santíssima Trindade } Resposta

E também seja louvada a Conceição de Maria } Pergunta

¹⁸ Nestes versos, todos fizeram o sinal da cruz.

Bendita louvada seja, a Santíssima Trindade } Resposta

Ela seja o nosso amparo e na última agonia } Pergunta

Bendita louvada seja, a Santíssima Trindade } Resposta

Louvado seja sempre o coração de Jesus } Pergunta

Louvado seja sempre o coração de Jesus } Resposta

Bendito louvado seja o coração amoroso
Que vendo o homem deu a vida
Sendo sempre poderoso } Pergunta

Louvado seja sempre o coração de Jesus } Resposta

Sendo sempre poderoso seja bendito e louvado
Que por amar te morreu numa cruz crucificado } Pergunta

Louvado seja sempre o coração de Jesus } Resposta

Em uma cruz crucificado um Divino coração
Para nos livrar da culpa deu principio em Adão } Pergunta

Louvado seja sempre o coração de Jesus } Resposta

Deu principio em Adão, remédio de culpa e pena
Oferecido ao Pai Eterno a Si mesmo se condena } Pergunta

Louvado seja sempre o coração de Jesus } Resposta

A Si mesmo se condena por decreto
De Deus Pai, formou nossa humanidade
No ventre da Virgem Mãe } Pergunta

Louvado seja sempre o coração de Jesus } Resposta

No ventre da Virgem Mãe, aquele Deus verdadeiro
Por ser verdadeiro homem nos livrou do cativeiro } Pergunta

Louvido seja sempre o coração de Jesus } Resposta

Nos livrou do cativeiro com Sua morte e paixão
Comprou nos com seu sangue, o prêmio da salvação } Pergunta

Louvido seja sempre o coração de Jesus } Resposta

O prêmio da salvação que nos deu na santa cruz
Bendito louvado seja para sempre, Amém Jesus } Pergunta

Louvido seja sempre o coração de Jesus } Resposta

No alto monte Calvário
Morreu nosso bom Jesus
Que deu o último suspiro no reino da santa cruz
Que deu o último suspiro no reino da santa cruz } Pergunta

No alto monte Calvário
Morreu nosso bom Jesus
Que deu o último suspiro no reino da santa cruz
Que deu o último suspiro no reino da santa cruz } Resposta

Os anjos cantavam no céu louvores ao bom Jesus
Nós também aqui na terra louvemos a santa Cruz
Nós também aqui na terra louvemos a santa Cruz } Pergunta

No alto monte Calvário
Morreu nosso bom Jesus
Que deu o último suspiro no reino da santa cruz
Que deu o último suspiro no reino da santa cruz } Resposta

O Virgem da Piedade, Maria mãe de Jesus
Rogai por nós cantando, louvores a santa Cruz
Rogai por nós cantando, louvores a santa Cruz } Pergunta

No alto monte Calvário
Morreu nosso bom Jesus
Que deu o último suspiro no reino da santa cruz
Que deu o último suspiro no reino da santa cruz } Resposta

Deus te salve santa Cruz que estava naquele terreno }
 Ele é Filho de Deus Pai, meu Jesus Nazareno } Pergunta
 Ele é o Filho de Deus Pai, meu Jesus Nazareno }

No alto monte Calvário }
 Morreu nosso bom Jesus } Resposta
 Que deu o último suspiro no reino da santa cruz }
 Que deu o último suspiro no reino da santa cruz }

Bendito louvado seja, no céu a divina Luz }
 Nos também aqui na terra, louvemos a santa Cruz } Pergunta
 Nos também aqui na terra, louvemos a santa Cruz }

No alto monte Calvário }
 Morreu nosso bom Jesus } Resposta
 Que deu o último suspiro no reino da santa cruz }
 Que deu o último suspiro no reino da santa cruz }

Jesus quando morreu nos deixou o mundo com luz }
 Nos deixou a sua graça no reino da santa Cruz } Pergunta
 Nos deixou a sua graça no reino da santa Cruz }

No alto monte Calvário }
 Morreu nosso bom Jesus } Resposta
 Que deu o último suspiro no reino da santa cruz }
 Que deu o último suspiro no reino da santa cruz }

Bendita louvada seja, para sempre a santa Cruz }
 Bendita seja louvada, para sempre amém Jesus } Pergunta
 Bendita seja louvada, para sempre amém Jesus }

No alto monte Calvário }
 Morreu nosso bom Jesus } Resposta
 Que deu o último suspiro no reino da santa cruz }
 Que deu o último suspiro no reino da santa cruz }

No último hino, o salveiro solta outro tiro de ronqueira e todos juntos cantam os versos:

A nós Descei Divina Luz

A nós descei Divina luz (2x)
 Em nossas almas ascendei
 O Amor, O Amor de Jesus (2x)

Sem Vós Espírito Divino
 Que poderemos nós fazer
 Depois de um triste desatino
 depois de um triste desatino

Teremos o Destino, De sempre padecer...

Para finalizar a novena, todos ficam em silêncio e o mestre dos foliões reza frases de devoção, sendo seguido pela resposta dos presentes, seguindo ainda a estrutura do responsório, mas agora além dos remeiros todos participavam da resposta:

Mestre: Divino Espírito Santo.
 Público: Iluminai- vos.
 Mestre: Divino Espírito Santo.
 Público: Iluminai-vos.
 Mestre: Divino Espírito Santo.
 Público: Iluminai-vos.

Em seguida o Mestre e todos fazem o sinal da Cruz, para em seguida vir os vivos:

Mestre: Viva o Divino Espírito Santo.
 Público: Viva.
 Mestre: Viva o nosso Imperador.
 Público: Viva.
 Mestre: Viva a nossa Imperatriz.
 Público: Viva.
 Mestre: Viva o Capitão do Mastro.
 Público: Viva.
 Mestre: Viva o Alferes da bandeira.
 Público: Viva.
 Mestre: Viva a todas as Irmandades.
 Público: Viva.
 Mestre: Viva o povo que está presente.
 Público: Viva.

Depois deste “viva”, os presentes dão uma salva de palmas e se encerra a novena.

Sabemos que qualquer sistema de descrição possui seus limites e exclusões, neste caso vale a pena salientar que o canto possui uma “forma” específica e uma maneira de trabalhar a musicalidade das palavras. Neste sentido posso dizer que os versos citados acima, tratam de uma informação do que está sendo cantado, mas não significa que indica como estas palavras são tratadas pelas “músicas”. Se o leitor apreciar o exemplo áudio-visual, vai poder entender e perceber como as sílabas e as palavras são usadas pelos recursos sonoros das “canções”.

7.3 O uso da repetição nas novenas do Divino

Depois de examinar os versos e rezas da novena, podemos ver um intenso uso de repetições. Vale a pena nos determos neste ponto e analisar o papel dessas constantes retomadas nos versos e estrofes.

Para situar essa conversa, gostaria de me reportar ao trabalho de Cesarino (2006) sobre o uso do recurso paralelístico nos “cantos xamanísticos ameríndios” (Cesarino, 2006: 1). No início de seu artigo, o autor defende a ideia de que o jogo de repetição pode ser usado para enfatizar ações e imagens de algum ato ou ação:

(...) os paralelismos e as montagens parecem de fato prestar-se à visualização dos eventos paralelos que a pessoa cindida do xamã/cantador experiencia. Partido entre o que constantemente traduzimos por seu aspecto corporal e seu(s) outro(s) aspecto(s), almas, duplos ou princípios vitais, o locutor de cantos xamanísticos freqüentemente relata, reporta e torna visíveis seus trajetos, visitas, diálogos e sobreposições a miríades de subjetividades ou pontos de vista (Viveiros de Castro 2002b). (Cesarino, 2006: 3)

Neste trecho, Cesarino enfatiza o poder da repetição em trazer imagens e ações do xamã em seus cantos. O canto do xamã “justapõe e recombina as unidades verbais até criar o efeito da cena total” (Cesarino, 2006: 10). As repetições são usadas para narrar, de forma dinâmica, o desencadear de uma sucessão de atos.

Os versos que Cesarino transcreve, se reportam a uma reza (*Ikar*) usada por algumas populações indígenas na América do Sul. Na verdade esta reza pode

também ser vista como “eventos de resgate das “almas-princípios vitais” perdidas ou seqüestradas pelas diversas gentes que habitam os também diversos domínios (*kalu*) do cosmos (...)” (Cesarino, 2006: 14). No contexto de nossa citação, o xamã (*nele*) está ao lado do doente e com “a ajuda dos bonecos de madeira *suar nuchukana* (espíritos auxiliares dos nele) (...)” (Cesarino, 2006: 14), vai realizar uma viagem pelo cosmos para resgatar a alma perdida do doente. Esta viagem é retratada com perfeição. O *Ikar* usa dos recursos de repetição, para enfatizar as ações do xamã durante a viagem no cosmos.

Em cada momento da caminhada o xamã recita os versos, que demonstra a descrição de um cenário e a perspectiva de outros personagens. No exemplo abaixo o “texto refere-se ao momento em que o *nele* percebe em sua roça a presença do espírito da serpente, *Maci oloaktikunappi nele*” (Cesarino, 2006: 15):

Enquanto ele corta pequenos arbustos
 Enquanto ele elimina pequenos
 arbustos
*Maci oloaktikunappi*¹⁹ nele está presente
Maci oloaktikunappi nele chama.
 “Como você conhece o lar de minha
 origem?”
Maci oloaktikunappi está chamando.
 O especialista aconselha *Maci*
oloaktikunappi.
 “É mesmo, já conheço o lar de sua
 origem.”
 É mesmo, eu vim brincar no lar de sua
 origem
 É mesmo, eu vim cercar o lar de sua
 origem.”
 “O especialista conhece bem sua purpa
 O especialista está dizendo.
 “Ele capturou a sua purpa”
 O especialista está dizendo.
 Em sua mão.

¹⁹ *Maci oloaktikunappi* significa : espírito da serpente. (Cesarino, 2006: 15)

O cipó está se arrastando

[pendurado]

O cipó está se revirando

[pendurado]

Maci oloaktikunappi chama.

“Meu especialista, você conhece bem minha purpa, ele diz.]

(...)

“Meu especialista, seja lá o que você for fazer comigo você me mataria?”]

“Como eu poderia te matar? Nós acabamos de nos tornar bons amigos.]

Como eu poderia te matar?”

Ele aconselha *Maci*

oloaktikunappi.

(Sherzer 1990:264-ss.). (Cesarino, 2006: 15-16)

O xamã (*nele*) encontra o espírito da serpente (*Maci oloaktikunappi*) e tem a intenção de “cercar seu oponente, fazendo com que aos poucos seja capturada a *purpa* (alma, princípio vital...) de *Maci Oloaktikunnapi nele*” (Cesarino, 2006: 16).

É importante afirmar que Cesarino está estudando uma cultura diferente ao Divino, ou seja, um território com outras formas de explicar a realidade. No exemplo acima, o xamã está em uma jornada no mundo espiritual e usa o paralelismo para retratar a sua relação com os outros seres que habitam este lugar. Já nas novenas do Divino, os remeiros estão em uma comunidade cantando e utilizando os versos, para retratar a morte e paixão de Cristo pela humanidade. Estas diferenças precisam ser colocadas, para dizimar qualquer intenção de universalismo ou qualquer generalização que negligencie as diferenças sociais. A obra de cesariano foi usada, obedecendo à dois critérios essenciais. Em primeiro lugar, a falta de estudos específicos sobre o Divino do Vale do Guaporé, com ênfase no aspecto musical. Neste caso fica evidente, que o diálogo teórico seria feito com base na “aproximação” de diferentes realidades.

Em segundo, Ele usa um material que apresenta característica que, pelo menos aparentemente se aproximam das orações das novenas. Estes dois motivos, não anulam o fato de ser um diálogo entre realidades diferentes. Neste ponto, é importante compartilhar o conflito em resolver essas questões metodológicas. Existe aqui um risco de erro, mas vale a tentativa de discutir este assunto com base em estudos que possam despertar a atenção para esses dados tão pouco estudados.

Os remeiros do Divino usam um sistema de repetições, semelhante ao paralelismo, para criar uma sucessão de cenas que lembram a paixão de Cristo:

Louvido seja sempre o coração de Jesus } Pergunta

Louvido seja sempre o coração de Jesus } Resposta

Bendito louvido seja o coração amoroso
Que vendo o homem deu a vida
Sendo sempre poderoso } 1º Pergunta

Louvido seja sempre o coração de Jesus } Resposta

Sendo sempre poderoso seja bendito e louvido
Que por amar te morreu numa cruz crucificado } 2º Pergunta

Louvido seja sempre o coração de Jesus } Resposta

Em uma cruz crucificado um Divino coração
Para nos livrar da culpa deu principio em Adão } 3º Pergunta

Louvido seja sempre o coração de Jesus } Resposta

Deu principio em Adão, remédio de culpa e pena
Oferecido ao Pai Eterno a Si mesmo se condena } 4º Pergunta

Louvido seja sempre o coração de Jesus } Resposta

A Si mesmo se condena por decreto
De Deus Pai, formou nossa humanidade
No ventre da Virgem Mãe } 5º
Pergunta

Louvado seja sempre o coração de Jesus } Resposta

No ventre da Virgem Mãe, aquele Deus verdadeiro } 6º
Por ser verdadeiro homem nos livrou do cativeiro } Pergunta

Louvado seja sempre o coração de Jesus } Resposta

Nos livrou do cativeiro com Sua morte e paixão } 7º
Comprou nos com seu sangue, o prêmio da salvação } Pergunta

Louvado seja sempre o coração de Jesus } Resposta

O prêmio da salvação que nos deu na santa cruz } 8º
Bendito louvado seja para sempre, Amém Jesus } Pergunta

Louvado seja sempre o coração de Jesus } Resposta

Para facilitar o entendimento, irei nomear os versos sublinhados como “radicais”, esses elementos vão estar em constante repetição durante todos os versos desta reza. Esta oração tem a crucificação como tema central e todas as estrofes foram numeradas.

A primeira estrofe fala de um Deus que contemplou a triste situação da humanidade com amor e compaixão, neste caso o verso sublinhado destaca a nobre atitude de um Deus em abdicar de sua glória. A repetição primeira e colocada para evocar o cenário de Cristo erguido no calvário, sofrimento motivado por amor, estamos na segunda estrofe. A imagem da crucificação nos remete ao passado do pecado de adão e o plano de Deus para a redenção do homem. Na quarta estrofe o passado de adão vem para demonstrar a grande coragem de Jesus em se auto condenar e receber toda a carga de pecado da humanidade.

A obediência de Cristo se concretiza com o seu nascimento através da Virgem Maria. Na sexta estrofe a humanidade de Cristo vai ser destaque, ou seja, uma condição humana que trouxe a liberdade. A penúltima estrofe fala da grande paixão de Jesus pelos seres humanos, um relacionamento que brotou amor no coração do todo poderoso. A oração finaliza louvando o prêmio fruto do amor: a salvação da vida humana.

A repetição permite um movimento de um Deus que começa em uma natureza divina e termina com a divindade se oferecendo e resgatando a humanidade através da renúncia da condição humana em prol do contato com o homem.

8. O trabalho percussivo

Neste instante, irei falar do “instrumento” mais presente em todo o festejo, neste caso ele é chamado de “tambor”, isso de acordo com um dos mais célebres e antigos participantes da Romaria: Senhor Saturnino Ribeiro.

A vida do Senhor Saturnino está intimamente ligada à história do Divino no Vale do Guaporé. Nascido na comunidade de Ilhas das Flores, desde pequeno sempre conviveu com a influência do pai, que era baterista na Irmandade. Quando adulto, assumiu o lugar do pai por sucessão e passou mais de 50 anos como principal baterista nos festejos. Foi durante sua vida de devoção, que conheceu sua esposa e constituiu sua família, dentro dos princípios e tradições do Divino Espírito Santo. Devido a complicações em sua saúde, seu posto como baterista passou para o seu filho.

Em primeiro lugar, gostaria de relatar o testemunho do Senhor Saturnino, sobre seu envolvimento e aprendizado, com o tambor:

Como foi que o Senhor aprendeu a tocar a caixa do Divino?

R= Foi por curiosidade, meu papai ele foi baterista. Ele era considerado o segundo baterista da Missão do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé. Já com vários anos funcionando os que estavam exercendo morreram e aí faltou quem continuasse, aí entrou meu pai, considerado um jovem nessa época. Ele pediu explicação, boa memória, bom senso e boas idéias e ele

foi, até que ele aprendeu. Ele aprendeu e ensinou e aí seus alunos morreram. Depois de mais velho meu pai passou o cargo pra mim.

Devemos ponderar alguns pontos que versam sobre o processo de aprendizagem do tambor. O cargo de baterista não era assimilado de forma institucional, mas como podemos perceber, se dava de acordo com a necessidade.

“Boa memória, bom senso e boas idéias”. Esses foram os requisitos necessários para que o pai do Senhor Saturnino pudesse ter acesso ao tambor. Neste trecho da fala, me interessei especialmente pelo termo: “boa memória”. Este termo vai aparecer novamente em outro trecho da conversa. Desta afirmação, eu posso levantar a hipótese de um aprendizado especialmente centrado na memória. Quando falamos em memória podemos até supor que este aprendizado também passava pelo convívio com que o devoto tinha nos festejos, ou seja, um aprendizado que se estruturava na experiência. Para constatar esta hipótese, irei citar outro trecho da fala, que diz:

E nessas alturas, os jovens que tinham boa cabeça, boa maneira, boa conduta. Saber os traquejos da vida e viver no mundo, dava conta dos atos ele ficou continuando, continuando. Mas que verdadeiramente cada Missão (todo ano tem a Missão) eles me acompanhavam e foi assim que eles aprenderam.

Com um toque de sensibilidade, o Senhor Saturnino confirma minha hipótese de uma convivência que gerou aprendizado.

Existem estudos dedicados ao papel da memória na aprendizagem, tendo a experiência como ponto fundamental na transmissão do conhecimento. Neste contexto posso citar o trabalho de Piedade (2004) que tem por tema: “O canto do Kawoká: música, cosmologia e filosofia entre os Wauja do Alto Xingu”. Acácio faz uma etnografia sobre o complexo de flautas sagradas do Alto Xingu. Nos escritos o autor registra a experiência dos “mestres de música”, que são amplamente reconhecidos pela capacidade de memorizar os cantos ouvidos durante o sonho:

Depois de desperto, o sonhador pode lembrar-se ou não, e conforme alguns informantes, a maioria das pessoas não se lembra. De fato, a memória cósmica é um dom privilegiado, típico de pajés e mestres de música. Meu sogro Ka, que é *kawokatopá*, “mestre de flautas”, me disse enfaticamente que qualquer um pode escutar música de *apapaatai* no sonho, pois de fato eles tocam para os Wauja, mas somente os mestres de música conseguem lembrar da música, somente eles a trazem para este mundo, podem reproduzi-la aqui. (Acácio, 2004: 75)

O conceito da memória é fundamental na construção da aprendizagem, e os *apapaatai* tocam especialmente para os Wauja. A “aula” é o sonho e a memória é o elo principal para a captura de novas músicas. Tudo já está feito, o conhecimento está pronto e sendo transmitido pelos espíritos. A memória é essencial na captura de novos sons. O dom da memória é um presente privilegiado à pessoas que irão exercer a vocação de “mestres de flautas”. A habilidade de memorização não é uma capacidade natural acessível a todos. O dom vem de uma força sobrenatural, para presentear os homens (Wauja) com a memória divinizada.

Carla Rocha Pereira (2005) esteve em meio aos festejos do Divino da colônia maranhense no Rio de Janeiro. Nas suas observações, a autora cita a importância das “caixeiras” para os festejos do Divino:

Além da promessa, há outro componente do ritual em torno da festa do Divino que é essencial para a sua realização: o toque de caixa¹¹⁰ e as cantigas cantadas pelas caixeiras¹¹¹. A música liga todos os ritos dentro da celebração do Divino e dá o ritmo de seu andamento. Por isso a caixeiragem é tão importante para este culto, sendo a responsável em comandar não só os rituais e os seus momentos, mas também as caixeiras, aquelas a tocarem nas seqüências e passagens rituais, como o batismo e levantamento do mastro, o jantar e almoço do Império, procissão, doação de alimentos etc. (Pereira, 2005: 86-87)

“O saber dessas senhoras é extremamente respeitado pelos devotos e sem as caixeiras não há como realizar os rituais” (Pereira, 2005: 87). Uma dessas caixeiras comenta sobre a própria experiência no processo de aprendizagem:

Muitas acumulam seu saber musical e ritual desde as celebrações que viam e participavam quando crianças e, geralmente, aprenderam a tocar caixa com suas mães e tias. Brincavam de fazer festa do Divino, confeccionavam roupas de papel crepom e ensinavam outras crianças que não sabiam cantar nos intervalos festivos. Dona Gercy diz que aprendeu a tocar caixa

por conta própria, pois sua mãe de criação a colocava sentada junto com outras caixeiros e repassava o pouco que sabia para as outras crianças, (...). (Pereira, 2005: 87)

No relato, Pereira faz questão de enfatizar a memória como papel essencial de aprendizado, mas não se restringe apenas a este ponto. Quanto maior o conhecimento maior é o respeito da comunidade. Nesta última fala, vemos que a caixeira Dona Gercy fala da infância. Ela sentava do lado das caixeiros adultas e vivia uma experiência. Por sua vez a experiência despertava a curiosidade da observação e memorização. Este processo foi essencial em seu aprendizado.

Estas citações entram em grande harmonia com o testemunho de vida do Senhor Saturnino (ver, citação na pág. 134).

A curiosidade em aprender, este foi o primeiro estímulo na vida do pai do Senhor Saturnino. A sucessão do cargo se deu através da necessidade, assim o Senhor Saturnino assumiu o posto de baterista. Os alunos do Senhor Saturnino aprenderam a tocar as cadências, através da convivência com o mestre.

Mas não é apenas aprender e memorizar as cadências, o baterista precisa estar vivendo uma filosofia de vida voltada para a devoção e o serviço na Missão.

Existe diferença em pensar a música na esfera do “profano” e do sagrado. Na verdade o meio social sempre vai enquadrar o indivíduo dentro dos padrões em vigor. A música não vai ser exceção, o que pode levar a pensar que não se trata simplesmente de se preocupar apenas com o âmbito sonoro.

O estudo de Deise Montardo (2002) dedica atenção ao perfil social de quem trabalha com a atividade sonora. A experiência xamanística dos Guarani demonstra como é a vida destes servos:

A pessoa, depois que se inicia no xamanismo, não deve voltar atrás. É um caminho difícil, pois ela cada vez terá mais trabalho, o que lhe exigirá cada vez mais entrega, uma dedicação irrestrita. Foi impactante na minha experiência de campo observar a abnegação destas pessoas. A xamã com a qual convivi dorme muito pouco, permanece muitas horas em vigília. (Deise Montardo, 2002: 50)

O caminho se torna estreito, a vontade pessoal precisa ser ignorada e o ego é submetido ao ideal de “abnegação”. O ser do xamã é agora governado por outro mundo, ou seja, sua alma está ligada a outra atmosfera e a serviço de outros seres.

Nesta declaração de Deise Montardo, percebo sua intensa admiração para com os xamãs, pois eles precisam dedicar a vida para o exercício do xamanismo. A entrega é fundamental e neste caso não podemos considerar o xamanismo uma profissão, uma arte ou qualquer desses termos. O caminho do xamã está ali para ser trilhado. A autonomia sobre a própria vida deixa de existir e há uma entrega de corpo e alma onde o “eu” se vê submetido a experiência do xamanismo.

O Senhor Saturnino também reforça a ideia de pré-requisito para os que o acompanhavam na Missão. “Boa cabeça, boa maneira e boa conduta”. Existe um perfil, uma doutrina certa para quem quer chegar perto do Santo e viver a experiência de habitar no mundo do Divino.

É neste momento que posso encontrar semelhanças entre a função do baterista do Divino com o xamã, pois ambos precisam se encaixar dentro das exigências que a “vocação” coloca. Ou seja, eles tem de se submeter a uma filosofia de vida para serem aceitos. Nem o xamã ou o baterista, podem “tirar férias” de sua vocação e depois voltar. Eles precisam viver o caminho trilhado por algo externo a sua vontade.

Antes de continuar comentando a experiência do Senhor Saturnino, gostaria de fazer um resumo que apresenta os momentos em que há a presença do tambor durante a procissão.

Quando todos estão em terra, os momentos em que há presença do tambor são divididos em três:

1. Alvorada.
2. Entrada e saída das casas.
3. Marcha para a procissão.

Nas cerimônias de chegada:

1. Aproximação do porto.
2. Início da cerimônia e dos movimentos coreográficos dos remos.
3. Canto dos foliões.

Nas cerimônias de saída:

1. Início da cerimônia, dos movimentos coreográficos dos remos e canto dos remeiros.
2. Canto dos foliões.
3. Encerramento das despedidas.

Na subida do mastro, o tambor trabalha em todos os passos de condução do mastro até o hasteamento. E sempre tocando para os devotos andarem e seguirem os eventos do Divino.

Em meio à conversa com o Senhor Saturnino, me veio dele uma reflexão:

Agora tem muitas características também que se deve explicar, que aquele tamborzinho, aquela bateria, ela tem que ser exclusivamente para este trabalho. Você já prestou atenção, ou que mal lhe pergunte você já foi reservista do quartel? Mas que aquilo trás um capricho que alguém que passar na classificação, ele tem que entender. O importante é isso né? Pra fazer um capricho, caprichar pra não ter falha. Por que a mesma manobra que tem num quartel tem numa Missão dessas ao qual estamos referindo. Eu nunca frequentei a caserna, o quartel, mas estava na minha cabeça as manobras e essa bateria, essa caixinha como você estava falando, essa bateria trás uma cadência pra os que estão exercendo durante os 45 dias de viagem ele tem que usar uma instrução que ele não pode esquecer. A mesma coisa é uma corneta dentro do grupo de soldados. A mesma coisa: primeiro, segundo, terceiro até chegar o final da manobra. Vamos dizer assim, nós estamos hoje em um dia e a partir das seis horas da tarde tem de ser executado o que a gente chama de caixa. Seis horas da tarde é executado pelo chefe da Missão que ta viajando e se alcançar alguma falha nele, se alcançar então haverá um defeito, e este defeito não pode ser notado entre o grupo. Tem que estar firmemente, pra dar conta do assunto no final, a mesma coisa de uma corneta. E quando dá cinco horas da manhã ele toca no quartel, pra um reservista se ele está em reserva já saiu. Mas se a corneta tocar, pelo som do instrumento que dá, e se esta tocando tal tom, pra qualquer posição, qualquer assunto, é a mesma coisa. Então esta pequena história. Que ta viajando e tá em alerta e tem que ter essa maneira de prever, e aprender que se ele falhar comete, falha e não pode fazer isso.

Na linha de raciocínio do Senhor Saturnino, a cadência do tambor transmite uma ordem, um chamado a ser cumprido. A sonoridade pode ser interpretada como um agente transmitindo um comando. Não é o baterista que toca o que deseja, mas existe um código acima dele, ou seja, todas as cadências do tambor, juntamente com seus horários de execução, formam um conjunto de leis e ordens que estão muito acima da vontade de quem toca.

O complexo rítmico do tambor consolidou um efeito de agência em relação a si mesmo. Para exemplificar este fenômeno, gostaria de me reportar ao trabalho de Acácio Tadeu de Camargo Piedade (2004) sobre o Canto do *kawoká*. Este trabalho trás uma interessante descrição etnográfica, do “ritual de flautas *Kawoká* entre os índios Wauja do Alto Xingu” (Tadeu, 2004: 5). No trabalho, Piedade analisa o papel das flautas na cosmologia dos Wauja, ou seja, uma análise que não desvincula a atividade sonora dos seus aspectos sociais.

Em uma ocasião específica, o autor descreve um ritual *Kawoká*. No ritual, existe uma série de peças musicais que precisam ser tocadas de acordo com a ordenação específica. O importante de ser notado é que os Wauja, sempre vão vincular essas peças a sua cosmologia:

Há uma ordenação correta das suítes do repertório *kawoká* que remonta aos seus criadores originais, os *mapapoho*, o “povo-abelha”. Esta ordenação fixa “original” regulamenta: quais as suítes que devem ser tocadas de manhã, à tarde ou à noite, e em que ordem; e em cada suíte, qual o número correto de peças e qual a ordem de sua execução; e ainda, em cada peça, qual é o primeiro tema, qual é o segundo, qual é o jogo motivico (que motivo deve sair, entrar, ser variado, etc). (Tadeu, 2004: 135)

O repertório musical dos Wauja, não pode ser visto como algo simplesmente estético, mas aí uma pergunta pode surgir: “como que uma atividade cultural criada pelo *apapaatai*, pode se tornar autônoma?”

A obra de Glaura Lucas²⁰ com os Arturos (2002) é uma resposta importante a este questionamento. Esta pesquisa é uma etnografia do congado dos Arturos e

²⁰ A citação abaixo é uma fala do Rei Geraldo Arthur e João Lopes. Eles retratam a origem do culto à Nossa Senhora do Rosário.

Jatobá em Minas Gerais. A presença do tambor é marcante na relação dos negros com Nossa Senhora do Rosário. Os congadeiros falam de um tempo remoto, em que a Santa estava no mar e ninguém conseguia fixar a imagem sagrada no templo. Quando as tentativas se esgotaram, os negros pediram autorização dos senhores para fazer uns tambores e tentar tirar a Santa das águas:

Eles pegaro seus tambô, que era um par de três tambô e foi. Chegaro lá, fizeram oratore de sapé, pusero arco de bambu enfeitado pra ela passa e foro batendo as tambô, cantano, dançano pra ela. Ela deu um passo. Parô. Eles torno a cantá, cantano demais, ela vei vino devagarzinho, até que chegô na berada. Parô outra vez. Cantano, cantano.

[...] os nego baixaram a cabeça e cantando nos pé dos seus tambor e chamava: o tambor grande, Santana [...] o do meio chamava Santaninha e o pequenino chamava Chama. E tinha o que tocava cuíca, e outro que tocava o chocalho, e abaixaram ali e começaram a cantar, tava cantando, quando eles levantaram a cabeça, Nossa Senhora tava no meio deles [...].

Ah, os branco acho ruim! Quando ela parô na berada, eles tiraro ela. Com as bandas de música, foguete, essas coisa. Tudo de novo. Ela ficô quetinha: pegaro ela, levô, fizeram lá uma capelinha, pôs ela lá dentro. Os nego, esses já foi ficano pra trás e acabô indo tudo pra senzala deles. [...]

Quando foi no outro dia, eles abriro lá a capela, cadê ela? Tinha voltado pro mesmo lugá

--- Oh, que diabo! [...]

[...] foi o menino disse pro senhor: por que vossuncê não vai lá na beira do mar pra ver se a santa não voltou la? Quando ele chegou lá a santa tava dentro de um ranchinho de sapé que os nego tinha feito pra guardar os seus instrumentos e pra cantar pra Nossa Senhora do Rosário.

Os nego armô a capelinha deles – cá no ponto de pobre, né? – de pé no chão, otros de precata, cantano, ela vei vino, eles arranjo seu andô deles. Tudo no ponto de pobre – pôs ela no lugá lá de nego, humilde – e ela ficô. Aí eles fizeram a igrejinha dela e ela nunca que voltô. (Lucas, 2002: 57)

O tambor foi fundamental no ato de devoção dos negros para alegrar a Santa, que aceitou a veneração da sonoridade percussiva. Esta pequena história demonstra a força simbólica dos tambores no congado mineiro, na verdade este poder de agência pode ser visto como uma atividade humana que tem poder sagrado. Toda a origem e valor estão ligados a um plano divino. O tambor é um personagem central no congado justamente por ter sido fundamental na retirada da Santa do mar.

Os devotos de Nossa Senhora do Rosário ainda cultivam o caráter sagrado dos instrumentos percussivos e todo tambor usado na devoção deve ser exclusivo:

Conforme mencionado anteriormente, os instrumentos são sagrados e pertencem ao Congado, sendo tocados apenas em seus rituais. A maioria é construída pelos próprios congadeiros. Em contagem, há pandeiros e reco-recos, chamados por eles de *canzalos*, são ainda os feitos de bambu. Mesmo esses instrumentos industrializados, que têm importância menor dentro da guarda de Congo, uma vez consagrados e incluídos no ritual, não podem ser tocados para outra finalidade que não seja relativa ao Reinado. (Lucas, 2002: 88)

No congado o indivíduo tem de se submeter a um conjunto de ordenações divinas para tocar os tambores sagrados, nada pode ser feito de vontade própria. A Nossa Senhora do Rosário foi movida através do som da percussão e este fator esta acima dos valores terrenos.

A origem do tambor pode ser humana, mas o status que ele foi ocupando no congado sempre vai estar ligado a o campo do universo sobrenatural. Neste mundo, o homem é apenas um servo diante do poder da divindade.

O Divino vai seguir a mesma lógica do congado, no que se refere ao papel da sonoridade percussiva. O Santo elegeu o tambor para ordenar os passos fundamentais da Missão. O baterista precisa estar consciente que aquele “instrumento” é muito maior que ele. Tocar a baqueta na pele deve ser um sacerdócio que tem como fim único, servir ao Divino.

9. O capricho

O Senhor Saturnino usa um termo chamado “Capricho”, para expressar o cuidado em fazer o melhor. Além de ter uma vida separada, o baterista precisa ser disciplinado e caprichoso, por que a Missão do Divino não pode falhar. No quartel, os militares sempre pregam a disciplina e entrega total, não há espaço para vontades próprias.

Em seguida o nosso Mestre continua com a analogia (ver p: 141).

O baterista estabelece uma relação de “dádiva e contra dádiva” (Gonçalves e Contins, 2008). Tudo é feito para agradar o Divino e todos as cadências levam as pessoas para a devoção e relacionamento com a divindade:

Na ideologia dos devotos, a festa é realizada para agradar o Divino Espírito Santo, a partir do momento em que se faz alguma “promessa” ou quando se pretende retribuir alguma “graça” recebida. Essas são noções nativas por meio das quais se expressa de modo sensível a relação de troca entre os devotos e o Divino Espírito Santo. Essa relação é interpretada por meio das categorias da dádiva e da contra dádiva, estabelecendo-se simbolicamente uma relação permanente com o Espírito Santo. O trabalho individual e coletivo envolvido no conjunto das atividades de preparação e realização das festas deve ser interpretado como parte desse intenso e permanente circuito de trocas. Assim, as categorias da dádiva e da contradádiva estendem-se de forma difusa a todo o conjunto de ações e modalidades de trabalho realizadas pelos membros da comunidade de devotos ao longo de todo o ano. Todas as ações que direta ou indiretamente venham a contribuir para a realização da festa (sejam realizadas por homens, mulheres, por jovens, crianças ou idosos) são classificadas como “trabalho para o Divino”. Há evidentemente os que reconhecidamente trabalham mais ou trabalham menos; mas todo o conjunto de ações realizadas adquire esse *status* de trabalho voltado para o Divino. (Gonçalves e Contins, 2008: 79).

O senhor Saturnino é uma pessoa muito exigente com esta relação de “dádiva e contra dádiva”, ele diz que se não houver o constante capricho tudo pode dar errado. O tambor é o motor que movimenta a devoção. Para o Divino nada pode ser desleixado, a ordem é importante como demonstração de disciplina no culto à terceira pessoa da Trindade.

10. Oralidade x Escrita

As Irmandades do Divino tem uma maneira muito peculiar, para tratar da relação da memória com a escrita. Todos os devotos são unânimes em dizer que todas as diretrizes da Romaria estão contidas no estatuto. Em todas as reuniões os líderes recorrem ao estatuto para reivindicar algum direito que esteja relacionado a assuntos burocráticos, exemplo: nas reuniões do Conselho Geral, é muito comum haver debates que envolvem o uso dos recursos financeiros, debates sobre falhas na elaboração do cronograma e etc.

O estatuto é composto de 43 artigos, estes estão divididos em 6 capítulos:

Capítulo	Título
----------	--------

Capítulo I	Da denominação, finalidade e sede
Capítulo II	Da administração da Irmandade
Capítulo III	Os membros irmãos
Capítulo IV	A diretoria local da Irmandade
Capítulo V	A festividade e a Romaria do Divino
Capítulo VI	Dispositivos Finais

Cada capítulo traz noções gerais para o bom funcionamento dos festejos, além de determinar a ordem hierárquica de autoridade:

Art 2º - Erigida pela Autoridade Eclesiástica da Igreja Católica, a Irmandade está sujeita a autoridade do Bispo Diocesano de Guajará Mirim, e tem por finalidade não lucrativa a busca do bem espiritual e o crescimento de seus membros sob os princípios do SENHOR DIVINO ESPÍRITO SANTO. (Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, 2003: 2).

A Assembleia Geral é o espaço que confere autonomia para o sistema de leis do estatuto.

Quando a reunião termina, as pessoas voltam à atmosfera dos festejos, daí em diante todos os procedimentos são regidos pela memória e tradição. O Divino nunca precisou de um livro de registro, há uma base construída através da memória e experiência. Percebe-se uma espécie de poder que não foi estabelecido por um indivíduo e esta em tudo e em todos. O indivíduo se submete a este complexo de vida que está sempre agindo de forma dinâmica.

O poder do Divino alcança os enfermos de forma eficiente, além de ser consolo nos momentos de dificuldades. O Santo tem sensibilidade, Ele estende a mão para os necessitados, Ele é fiel em cumprir suas promessas, mas pode ser um Santo firme e justo para quem age de forma injusta. Todos os devotos guardam em suas experiências pessoais. Na verdade são essas experiências que sustentam a fé

de cada um. O instante é propício para um testemunho de fé, colhido em meio a um diálogo com um devoto:

P: Por que você está na Missão?

R: Eu estou aqui, por que sempre me convidam para trabalhar. Eles sabem da minha responsabilidade e por isso sempre me convidam. Na verdade eu tenho muita fé no Divino.

P: Você faz parte da Irmandade a quanto tempo?

R: Na verdade eu não sou da Irmandade eu apenas creio no Divino e cumpro esta Missão.

Deixa eu te contar uma história:

Há um tempo atrás estive preso, por problemas com a justiça. Eu cumpri sete meses no sistema fechado e depois deste tempo minha pena foi relaxada por bom comportamento. Na delegacia onde eu estava, pude conquistar a confiança do delegado, que sempre me encarregava de realizar serviço em banco ou qualquer outro serviço externo. A confiança era tanta que os policiais ficavam impressionados, mas certo dia, eu pensei: “amanhã quando o delegado me pedir pra fazer algum serviço na rua, eu vou sair e não vou mais voltar”. Após fazer este plano, eu fui dormir. Durante a noite eu tive um sonho, neste sonho eu estava andando no escuro e uma luz me guiava, mas quanto mais eu andava mais ela sumia. Quando a luz sumiu, eu ouvi uma voz que me dizia: “Está tudo escuro, mas e só você dar mais um passo e ela voltará a brilhar”. Quando essa voz se calou, eu mesmo estando no escuro, dei um passo e aí a luz voltou a brilhar e nessa luz eu podia ver a minha mulher e minhas filhas me recebendo em casa. Quando eu acordei já era madrugada e não consegui dormir mais e durante a noite eu decidi que não ia mais fugir. Quando amanheceu, eu procurei o delegado mas ele não estava. E aí eu fui fazer um serviço do lado de fora da delegacia. De repente chegou um amigo meu, que era funcionário do fórum e me disse: “Eu acho que você vai ser solto, eu ouvi uma conversa parecida com essa envolvendo o seu nome lá no fórum. Logo após esta conversa, veio o oficial de justiça numa bicicleta e me chamou numa sala e disse: “você esta livre, está aqui sua condicional”.

São estas experiências que alimentam a esperança no Divino. Na verdade eu devo me arriscar em dizer que são essas histórias que verdadeiramente sustentam todos esses festejos durante tantos anos.

A diferença entre tradição oral e escrita se faz evidente, cada uma tem papel e hora. A escrita não é objetivo de veneração, mas se faz presente para complementar a trama de uma importante tradição.

Em um importante artigo Samuel Araújo afirma:

A oralidade aparece hoje, portanto, como um entre outros modos intercambiáveis, efetiva ou potencialmente, de práxis cultural, fato que não pode ser mais excluído a priori da abordagem de qualquer fenômeno

contemporâneo, constituindo-se, acima de tudo, em campo de emergência de conflitos entre categorias, enunciadas oralmente ou em forma de escrita, e as práticas a elas correspondentes. (Araújo, 2006: 64)

Um estudo etnográfico pode trazer resultados conflitantes para o pesquisador. A experiência com o Divino me surpreendeu justamente por demonstrar uma relação de complementariedade entre a oralidade e escrita. Antes de embarcar na Missão, sinceramente não conseguia conceber a hipótese de uma possível colaboração entre os aspectos da oralidade e escrita. Em minha visão, a oralidade poderia trazer um atestado de repugnância sobre qualquer estatuto ou lei de aspecto escrito.

Eu precisei de um tempo para entender essas relações, tive de parar e pensar na maneira como esta realidade estava confrontando os paradigmas. As minhas limitações se tornaram mais evidentes.

11. O adeus

O texto chega ao fim, com muito mais perguntas do que resposta. Muitos são os pontos que ficaram de fora ou até mesmo negligenciados, infelizmente são falhas que deverão ser revistas em outra oportunidade.

Eu embarquei na Missão do Divino com atenção voltada para o baterista e sua responsabilidade. Foi por meio deste tema que construí certos questionamentos do tipo: Qual a relevância do tambor? Qual o efeito da atividade sonora durante os festejos? Como se deu a história da atividade sonora?

Todas essas questões foram baseadas no exemplo do tambor, mas durante o desenvolver da etnografia vieram respostas e mais dados que realmente mereciam atenção. O tambor realmente era isso tudo que pensava, ou seja, um “instrumento” que conduz, ordena e está consolidado como entidade simbólica que submete o indivíduo ao seu próprio regime de leis. A experiência pessoal dos bateristas, foram fonte de abertura aos modos de aprendizagem e sucessão. Neste quesito a vida do mestre Saturnino Ribeiro, foi fonte preciosa e relevante em todo

este processo de transmissão de conhecimento. O Mestre Saturnino relatou que as lições e ideias foram transmitidas através da memória e experiência. O candidato ao posto precisava ter boa memória e estar disposto a sempre acompanhar o mestre nos diferentes estágios da Missão.

As crianças me surpreenderam, este é um papel de grande responsabilidade. Ser folião na Missão é trabalhar horas a fio andando vários quilômetros sempre mantendo a voz refinada e intensa. A linguagem usada com os pequenos é firme, não há um processo de infantilização. Quando os devotos ouviam os foliões cantando, muitos se emocionavam. Ainda me lembro de como as vozes ecoavam nas vilas e comunidades trazendo o consolo.

Na ordem hierárquica os foliões sempre são os primeiros a serem servidos. Este privilégio não vem por serem crianças, mas sim pela posição social que eles ocupam. Na verdade este poder de agência das crianças é uma questão que precisa ser estudada com mais atenção. Infelizmente este fator não ocupou a centralidade que deveria, em outra oportunidade pretendo dar continuidade.

A oralidade e escrita tem relação de complementariedade. O estatuto contém leis escritas que prezam pelo aspecto institucional. As histórias e os ritos ainda estão guardados nas memórias dos mais experientes. Essa relação despertou questões sobre historicidade do Divino no Vale, além de um extenso trabalho voltado especialmente para esta temática.

Estes pontos em aberto podem ser considerados o resultado do recorte feito para este trabalho.

A relação entre Irmandade e Igreja católica merece consideração. Durante a Missão, tive diálogo com vários padres e freiras, alguns eram bem informados sobre as atividades dos devotos do Divino, já outros não conheciam as festividades do Vale e por isso indagavam certos comportamentos e costumes. Em uma determinada localidade, as freiras me perguntaram sobre os tripulantes da Romaria terem prioridade na hora das refeições: -- “Me diz, por que os remeiros e tripulantes sempre tem prioridade nas refeições? Por que os idosos e doentes ficam de fora e esperam? Onde está a solidariedade?”

As perguntas me colocaram diante da opinião de pessoas que apesar de serem representantes da Igreja, não entendiam essa lógica social tão peculiar. Essas interpretações denunciam que a fé do Divino pode ser vista como outra realidade e outra visão de Deus, que nada tem a ver com aqueles moldes da Divindade vivida e contemplada pelo estilo de vida europeu.

Muitas autoridades eclesiásticas, não concordavam com a posição do Bispo de Guajará, que dava total autonomia aos irmãos, para organizar e comandar a Missão fluvial. Os padres que viviam nas comunidades apenas podiam dar conselhos espirituais, mas a decisão final cabia aos devotos.

Em outra ocasião, um padre me disse: “Eu tenho trabalhado muito com a Irmandade a questão da idolatria. Muitas vezes os devotos valorizam demais os símbolos do Divino e fogem da fé bíblica”.

O padre fazia este comentário com certo receio, mas se tratava de uma das questões que ele estava tratando com a comunidade. Estas pequenas divergências me fazem lembrar a fala dos devotos que sempre foram categóricos em afirmar que o Divino estava presente muito antes de qualquer autoridade eclesiástica, ou seja, o Santo era médico, pai, protetor e consolador.

De fato tudo esta aqui para comprovar que, o Divino que habita as águas do Guaporé, não é o mesmo cultuado nos templos. As águas negras do rio, falam mais da fé e da presença do Santo.

Nos dias da Romaria, as pessoas se unem para ir às novenas domésticas, além das noites de vigília ao redor da Coroa. O Santo une as pessoas para falar das lembranças dos parentes que se foram. Muitas vezes eu presenciei rodas de conversas, pessoas rindo e se alegrando de relembrar os lugares esquecidos. Nestas ocasiões tive a oportunidade de entender a história do Santo, oportunidades proporcionadas pelo próprio Divino.

Este é o poder que a Igreja não tem. O Santo do Rio Guaporé reina com o seu próprio tempo e majestade. A minha Missão foi tentar entender o poder deste Ser que nunca precisou de documentos ou acervos. A sua história ainda está na vida dos devotos.

12. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Samuel. **Em Busca da Inocência Perdida? Oralidade, Tradição e Música no novo milênio**. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; QUEIROZ Ruben Caixeta de (organizadores). **Músicas africanas e indígenas no Brasil**. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. Cap. 3. P 59 – 70.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. **De Duplos e Esteroscópios: paralelismo e personificação nos cantos xamanísticos ameríndios**. MANA 12 (1), p. 105- 134, out. 2006.

CABRAL, Octaviano. **Histórias de uma região: Mato Grosso, fronteira Brasil- Bolívia e Rondônia**. 1º ed. Niterói: Editora Himalaya LTDA, 1963. 416 p.

Conselho Geral Da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé: **Estatuto Geral da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé**. Costa Marques/RO: 2003. 12 p.

Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo. **Livreto Elaborado com autorização da Diocese de Guajará Mirim/RO**: Costa Marques- RO. Edição Especial: 2011.

Diocese de Guajará Mirim/RO. **Livreto da Missa de Celebração pelo Título de Basílica do Divino Espírito Santo**. Costa Marques: 2009.

Diretoria do Conselho Geral da Irmandade do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé. **Histórico**. Costa Marques/RO: 2006.

José Reginaldo Santos Gonçalves.; Marcia Contins. **Entre o Divino e os Homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, nº29, p. 67-94, jan./jun. 2008.

LUCAS, Glauro. **Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá**. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 366 p.

MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. **Através do Mbaraká: música e xamanismo Guarani**. 2002. 276 f. Tese (Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo, 2002.

PIEIDADE, Acácio Tadeu de Camargo. **O canto do Kawoká: música, cosmologia e filosofia entre os Wauja do Alto Xingu**. 2004. 254 f. Tese (Antropologia Social) – Programa de pós-graduação em Antropologia Social, UFSC, 2004.

PEREIRA, Carla Rocha. Devoção e Identidade: **A festa do Divino Espírito Santo da colônia maranhense no Rio de Janeiro**. 2005. 205 f. (Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

SOUSA, Ricardo. **A música na Capoeira Angola de Salvador**. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; QUEIROZ Ruben Caixeta de (organizadores). **Músicas africanas e indígenas no Brasil**. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. Cap. 15. p 251- 261.

SUDECULT - Superintendência de Desenvolvimento Territorial da Cultura. **Pontos de Cultura da Bahia**. Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. 228 p. 2007-2011, Bahia.

STEIN, Marília Raquel Albornoz. **Kyringüé mboráí - os cantos das crianças e a cosmo-sônica Mbyá-Guarani**. 2009. 308 f. Tese (Etnomusicologia) - Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

Secretaria Municipal de Turismo de Costa Marques/RO: **Histórico de Costa Marques**.

13. Léxico

Alferes da Bandeira: este é o responsável pelo transporte e manutenção da Bandeira do Divino.

Baterista ou caixeiro: este cargo é ocupado por um devoto que ira tocar o tambor em toda a caminhada.

Buzina: “instrumento” de sopro usado nas cerimoniais do Batelão.

Capitão do Mastro: devoto encarregado da confecção do mastro.

Carité ou Batelão: barco que carrega a Coroa do Divino, durante a caminhada.

Cadência (andamento): nome dado ao ritmo tocado pelo baterista.

Chata: nome dado à balsa –Dalila- que integra as embarcações da Missão do Divino.

Coroa: símbolo máximo do Divino Espírito Santo.

Cetro: este é um dos símbolos que acompanham a Coroa.

Canto de entrada: cânticos entoados nas entradas nas casas.

Canções de despedidas: canto entoado pela equipe na despedidas de alguma localidade.

Cerimônia de despedida: momento em que a Coroa esta saindo de uma localidade.

Devotos: os devotos são as pessoas que cultuam o Divino.

Devoção: momento de oração.

Encarregado da Coroa: pessoa responsável pela manutenção (vigilância) da Coroa.

Encarregado do Batelão: pessoa responsável pela manutenção da Carité.

Foliões: grupo de crianças que cantam durante a Romaria.

Irmandade: grupo de devotos que formam uma diretoria para cuidar dos assuntos relacionados ao Divino.

Imperador e Imperatriz: principais autoridades, quando a Coroa está em alguma localidade.

Mensageiro: o mensageiro é a pessoa que cuida do mestre Tiago e da Dalila, além de vigiar os pertences da tripulação e de trabalhar na cozinha.

Mestre dos Foliões: pessoa responsável por cuidar dos pequenos cantores.

Missão ou Romaria: nomes dados à caminhada dos 45 dias de Romaria pelo Guaporé.

Novena: conjunto de rezas cantadas pelos remeiros.

Plantão: horário programado para a guarda da Coroa.

Proeiro: primeiro remeiro, que está na proa da Carité e que canta nas cerimônias de chegadas e saídas.

Remeiros: esses são os que movem a Carité nas chegadas e saídas do Divino e guardam a Coroa nas comunidades.

Ronqueira: pequeno canhão usado durante a caminhada.

Romeiro: pessoa que trabalha na Missão.

Serviço: nome dado as atividades desenvolvidas pela tripulação.

Salveiro: pessoa que trabalha no uso da ronqueira.

Santo, Divino ou Coroa: nomes dados pelos devotos para se referir ao Divino Espírito Santo.

Tripulação: equipe que trabalha nas embarcações.

Veneração: momento de adoração ao Divino.

Voadeira: pequeno bote motorizado, usado para emergências.